

A detailed blue line drawing of the main entrance of the University of Paraná. The building features a grand portico with tall, fluted columns and a triangular pediment. The words "UNIVERSIDADE DO PARANÁ" are inscribed on the pediment and the upper part of the facade. The drawing is executed in a sketchy, architectural style with fine lines and cross-hatching for shading.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FERNANDA FRANZONI ZAGUINI

AS RELAÇÕES ENTRE A MUSICOTERAPIA E A EDUCAÇÃO: DESAFIOS DA
CONTEMPORANEIDADE

CURITIBA
2021

FERNANDA FRANZONI ZAGUINI

AS RELAÇÕES ENTRE A MUSICOTERAPIA E A EDUCAÇÃO: DESAFIOS DA
CONTEMPORANEIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tania Stoltz

CURITIBA
2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus Rebouças
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584

Zaguini, Fernanda Franzoni.

As relações entre a musicoterapia e a educação : desafios da contemporaneidade / Fernanda Franzoni Zaguini. – Curitiba, 2021.
95 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orientadora: Profª Tania Stoltz

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Musicoterapia. 3. Neurociências. I. Título. II. Universidade Federal do Paraná.

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **FERNANDA FRANZONI ZAGUINI** intitulada: **AS RELAÇÕES ENTRE A MUSICOTERAPIA E A EDUCAÇÃO: DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE**, sob orientação da Profa. Dra. TANIA STOLTZ, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 30 de Junho de 2021.

Assinatura Eletrônica

16/07/2021 11:33:04.0

TANIA STOLTZ

Presidente da Banca Examinadora (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

01/07/2021 19:24:14.0

ROSEMYRIAM RIBEIRO DOS SANTOS CUNHA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ - CAMPUS CURITIBA II - FAP)

Assinatura Eletrônica

17/07/2021 11:42:45.0

VALDOMIRO DE OLIVEIRA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico este trabalho à minha avó Wanda Franzoni.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a vida. Sem ela, a parte que pulsa em todos nós e conseqüentemente, a produção de conhecimento, não seria possível.

Agradeço à minha família, pelo suporte, paciência, carinho e amor.

Quero agradecer, neste momento, ao Prof. Antônio Martiniano Fontoura, *in memoriam*, sua presença na minha vida, fundamental, seu legado me inspira.

À Prof^a Clara Marcia Piazzetta, por ter me iniciado na pesquisa científica e por ser parceira de trabalhos científicos.

À Prof^a Noemi Nascimento Ansay pelos valiosos ensinamentos.

Ao Prof. Carlos Mosquera, por me fazer entender que é possível olhar para o cérebro humano e imaginar os seus mecanismos.

À Prof^a Ana Maria de Barros, que me apoiou e me ajudou a desenvolver meu potencial para escrita científica.

À Prof^a Sheila Begiatto, que proporcionou o conhecimento sobre saúde mental, e hoje essa atuação faz parte da minha vida.

À Prof^a. Mariana Arruda, pelo ensinamento sobre a disciplina na execução do instrumento musical e como é fundamental adquirir a disciplina para desenvolvermos a musicalidade em nós, musicoterapeutas.

Ao Prof. Lídio Roberto, por nos ter ensinado sobre a teoria da neurociência e pela parceria no estágio na Fundação Pró Renal de Curitiba.

À Prof^a Sidinalva Wawzyniak, pelos conhecimentos de antropologia e sociologia.

À Prof^a Márcia Maria Menim, pelos aprendizados de psicologia.

À Prof^a. Pierangela Nota Simões, pelo belo trabalho de extensão em que me confiou a orientação do projeto.

Aos meus amigxs do coração e aos amigos que estenderam a mão quando mais precisei, Mônica Condessa, Karina Bonatto, obrigada pela paciência com o meu processo nos últimos dois anos, sem vocês, eu não teria conseguido.

À Cintia Albuquerque, minha colega musicoterapeuta, por me iniciar na área da saúde mental, pela paciência e por todo aprendizado sobre esta prática.

À Prof.^a Rosemyriam Cunha, por me guiar nesta jornada com tanta sabedoria.

Agradeço a Prof.^a Martha Negreiros pela interlocução, com certeza foi um marco para nossas vidas.

Aos professores do Mestrado em Educação da UFPR pelos ensinamentos e à Prof.^a Tania Stoltz, pela orientação dedicada, o acolhimento da minha proposta e seus ricos ensinamentos sobre Vygotsky.

*(...) Cause love's such an old fashioned word
And love dares you to care for
The people on the edge of the night
And loves dares you to change our way of
Caring about ourselves
This is our last dance (...)
(Under Pressure, Queen e David Bowie, 1981)*

RESUMO

Enquanto campo interdisciplinar, a Musicoterapia necessita de visibilidade e aportes teóricos para enredar as novas interfaces entre campos de conhecimento, que poderiam ser trabalhadas no contexto escolar para a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, busca-se, neste estudo bibliográfico, investigar o desenvolvimento do campo da Musicoterapia e suas relações com a Educação. No delineamento do objetivo geral, estabeleceram-se os seguintes objetivos específicos: compreender o processo de desenvolvimento do campo da Musicoterapia; identificar diferentes perspectivas teóricas da Musicoterapia e suas propostas educativas; e reconhecer as aproximações da Musicoterapia com a Educação a partir da Neurociência. Foram realizadas três revisões: uma narrativa de literatura, outra de escopo, e uma integrativa, a fim de investigar o estado da arte da relação entre a Musicoterapia e a Educação. As perspectivas teóricas do campo da Musicoterapia para a Educação são promissoras, contudo, carecem de mais pesquisas e publicações. Observa-se uma ampliação das relações entre a Musicoterapia e a Educação com propostas voltadas para o ensino regular e não só para o ensino especial, como se caracterizava no início da criação do campo da Musicoterapia. Por outro lado, verifica-se a necessidade de melhor fundamentação teórica das práticas educativas a partir da Musicoterapia. Quanto às relações entre Musicoterapia, Educação e Neurociência, os estudos sobre processamento musical já comprovam que o ensino e a aprendizagem da música aportam ganhos cognitivos expressivos das funções executivas, como planejamento, pensamento lógico, nos diferentes tipos de memória, no sistema de recompensa e prazer, na regulação das emoções, entre outros. É neste contexto histórico, social e cultural, que as ações musicoterapêuticas se fazem e que as relações entre Educação, Musicoterapia e Neurociência acontecem. No entanto, observa-se que as relações entre esses campos ainda são incipientes, sendo possível verificar a sua presença na educação preventiva, no âmbito social e comunitário, na utilização de recursos tecnológicos promovendo a aprendizagem e nos estudos avançados da Neurociência sobre a relação entre música e cérebro.

Palavras-chave: Musicoterapia. Educação. Neurociência. Revisão Integrativa. Revisão Escopo.

ABSTRACT

As an interdisciplinary field, Music Therapy needs visibility and theoretical contributions to mesh the new interfaces between fields of knowledge, which could be worked on in the school context for the quality of the teaching and learning process. In this sense, this bibliographical study seeks to investigate the development of the field of Music Therapy and its relationship with Education. In outlining the general objective, the following specific objectives were established: to understand the development process in the field of Music Therapy; identify different theoretical perspectives of Music Therapy and its educational proposals; and recognize the approaches of Music Therapy to Education based on Neuroscience. Three reviews were carried out: a literature narrative, a scope one, and an integrative one, in order to investigate the state of the art in the relationship between Music Therapy and Education. Theoretical perspectives in the field of Music Therapy for Education are promising, however, they need more research and publications. There is an expansion of the relationship between Music Therapy and Education with proposals aimed at regular education and not only for special education, as characterized at the beginning of the creation of the field of Music Therapy. On the other hand, there is a need for a better theoretical foundation for educational practices based on Music Therapy. As for the relationship between Music Therapy, Education and Neuroscience, studies on music processing already prove that teaching and learning music provides expressive cognitive gains of executive functions, such as planning, logical thinking, in different types of memory, in the reward system and pleasure, in the regulation of emotions, among others. It is in this historical, social, cultural context that music therapy actions take place and that the relationships between Education, Music Therapy and Neuroscience take place. However, it is observed that the relationships between these fields are still incipient, and it is possible to verify their presence above all in preventive education, in the social and community sphere, in the use of technological resources promoting learning and in advanced Neuroscience studies on the relation of music and brain.

Keywords: Music therapy. Education. Neuroscience. Integrative Review. Scope Review.

RESUMEN

Como campo interdisciplinario, la Musicoterapia necesita visibilidad y aportes teóricos para entrelazar las nuevas interfaces entre campos de conocimiento, que se puedan trabajar en el contexto escolar para la calidad del proceso de enseñanza y aprendizaje. En este sentido, este estudio bibliográfico busca investigar el desarrollo del campo de la Musicoterapia y su relación con la Educación. Al trazar el objetivo general, se establecieron los siguientes objetivos específicos: comprender el proceso de desarrollo en el campo de la Musicoterapia; identificar diferentes perspectivas teóricas de la Musicoterapia y sus propuestas educativas; y reconocer los enfoques de la Musicoterapia a la Educación basados en la Neurociencia. Se realizaron tres revisiones: una narrativa de literatura, una de alcance y una integradora, con el fin de investigar el estado del arte en la relación entre Musicoterapia y Educación. Las perspectivas teóricas en el campo de la musicoterapia para la educación son prometedoras, sin embargo, necesitan más investigación y publicaciones. Existe una ampliación de la relación entre Musicoterapia y Educación con propuestas orientadas a la educación regular y no solo a la educación especial, como se caracterizó al inicio de la creación del campo de la Musicoterapia. Por otro lado, existe la necesidad de una mejor base teórica para las prácticas educativas basadas en Musicoterapia. En cuanto a la relación entre Musicoterapia, Educación y Neurociencia, los estudios sobre el procesamiento musical ya demuestran que enseñar y aprender música proporciona ganancias cognitivas expresivas de funciones ejecutivas, como planificación, pensamiento lógico, en diferentes tipos de memoria, en el sistema de recompensa y placer, en la regulación de las emociones, entre otros. Es en este contexto histórico, social, cultural donde se desarrollan las acciones de musicoterapia y se dan las relaciones entre Educación, Musicoterapia y Neurociencia. Sin embargo, se observa que las relaciones entre estos campos aún son incipientes, y es posible constatar su presencia en la educación preventiva, en el ámbito social y comunitario, en el uso de recursos tecnológicos impulsores del aprendizaje y en estudios avanzados de Neurociencias sobre la relación entre la música y el cerebro.

Palabras clave: Musicoterapia. Educación. Neurociencia. Revisión Integradora. Revisión del Alcance.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	FLUXOGRAMA DE SELEÇÃO DOS ARTIGOS REVISÃO DE ESCOPO.....	30
FIGURA 2 -	FLUXOGRAMA DE SELEÇÃO DOS ARTIGOS REVISÃO INTEGRATIVA.....	66

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 -	RELAÇÃO DE ARTIGOS SELECIONADOS COM A INDICAÇÃO DO: TÍTULO, AUTOR, ANO, PERIÓDICO, PAÍS E LINK	31
QUADRO 2 -	RELAÇÃO DE ARTIGOS SELECIONADOS E ORDENADOS COM A INDICAÇÃO DO OBJETIVO METODOLOGIA E PRINCIPAIS RESULTADOS.....	34
QUADRO 3 -	CATEGORIZAÇÃO DOS ARTIGOS POR TEMAS	42
QUADRO 4 -	TÍTULO, AUTOR, ANO, PERIÓDICO, PAÍS E NATUREZA	67
QUADRO 5 -	OBJETIVO, METODOLOGIA E PRINCIPAIS RESULTADOS	70
QUADRO 6 -	GRUPOS DE PESQUISA E PRINCIPAIS PRODUÇÕES..	77
QUADRO 7 -	TEMAS E AUTORES DOS ARTIGOS	78

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

WFMT	World Federation of Music Therapy
ISME	International Society of Music Education
JMT	Journal of Music Therapy
SMIRs	Sistemas Musicais Interativos-Reflexivos
ICTs	Information and Communication Technologies
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Huol	Hospital Universitário Onofre Lopes
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
CURE	Course-based Undergraduate Research Experience
URSSA	Undergraduate Research Student Self-Assessment
CITI	Human Subjects Compliance Tutorial through the Collaborative Institutional Training Initiative
AMTA	American Music Therapy Association
CBT	Cognitive behavior Therapy
ANOVA	Análise de variância unilateral
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
UNESPAR	Universidade Estadual do Paraná
IDEA	The Individuals with Disabilities Education Act
LDBs	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes
TDAH	Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade
UFPR	Universidade Federal do Paraná

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	JUSTIFICATIVA.....	12
1.1.1	Na perspectiva pessoal.....	13
1.1.2	Na perspectiva social.....	13
1.1.3	Na perspectiva acadêmica.....	14
1.2	PROBLEMA DE PESQUISA.....	14
1.2.1	Problemática.....	14
1.2.2	Definição do Problema.....	15
1.3	PERGUNTAS NORTEADORAS.....	15
1.4	OBJETIVOS DA PESQUISA.....	15
1.4.1	Objetivo Geral.....	15
1.4.2	Objetivos Específicos.....	15
2	A ORIGEM DA MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA NARRATIVA.....	17
2.1	MUSICOTERAPIA NA EDUCAÇÃO.....	23
3	PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA MUSICOTERAPIA E SUAS PROPOSTAS EDUCATIVAS.....	28
3.1	MÉTODO.....	28
3.2	RESULTADOS.....	30
3.3	DISCUSSÃO.....	42
3.3.1	Reflexões.....	54
4	NEUROCIÊNCIA COMO PONTE ENTRE A MUSICOTERAPIA E A EDUCAÇÃO.....	58
4.1	MÉTODO.....	63
4.2	RESULTADOS.....	67
4.3	DISCUSSÃO.....	69
4.3.1	Reflexões.....	82
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	83
6	REFERÊNCIAS.....	85

1. INTRODUÇÃO

A música é uma forma de expressão que exige uma combinação de ações e movimentos para acontecer. Essa ação e esse movimento são regidos por leis específicas que pertencem ao código musical, ou seja, aos seus elementos: ritmo, melodia e harmonia, além dos parâmetros do som, timbre, altura e intensidade, andamento, que constituem uma estrutura complexa e linguagem própria. A utilização da música e de seus elementos é própria do campo de trabalho da Musicoterapia. Trata-se de um campo recente que data oficialmente a partir de 1940.

A primeira definição de Musicoterapia foi estabelecida pela *World Federation of Music Therapy* (WFMT) em 1996:

A utilização da música e/ou seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um musicoterapeuta qualificado, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A Musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ou restabelecer funções do indivíduo para que ele/ela possa alcançar uma melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida, pela prevenção, reabilitação ou tratamento. (BARCELLOS, 1996, p 4).

Em 2011, a *World Federation of Music Therapy* define a Musicoterapia como o campo da ciência em que o musicoterapeuta qualificado utiliza os elementos dos sons na interação com o indivíduo para desenvolvê-lo e/ou reabilitá-lo com intervenções musicoterapêuticas em ambientes médicos, educacionais e cotidianos com indivíduos, grupos, famílias ou comunidades, buscando melhorar a qualidade de vida, saúde e bem-estar-físico, social, comunicacional, emocional, intelectual e, nesta definição, inclui-se também o aspecto espiritual. (WFMT, 2011).

A introdução da Musicoterapia no Brasil, segundo Godoy (2015), originou-se com a criação das primeiras Associação de Musicoterapia fundadas no Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo, com iniciativa primordialmente feminina de educadoras musicais. Godoy (2015), explica que a “origem da prática vem de um desenvolvimento e de uma diversificação do trabalho de educação musical, adaptando métodos para a utilização em psiquiatria, psicopedagogia e reabilitação.” (p.26). Desde então, junto às lutas políticas e sociais, a Musicoterapia caminhava em hospitais universitários, na área da Saúde Mental, e na Educação Musical, nas instituições para pessoas, em especial, crianças com necessidades especiais. Na

década de 70 a musicoterapia era praticada em três grandes áreas, então chamadas, deficiência mental, deficiência física e psiquiatria.

A história da Musicoterapia no Paraná contou com a inserção da Musicoterapia no contexto educacional, diante da necessidade de um novo olhar para o aprendizado de pessoas com necessidades especiais. Tanto no Paraná quanto no Rio de Janeiro, a Musicoterapia iniciou sua jornada no contexto da Educação Especial. Muitos dos trabalhos realizados nessa época, refletem abordagens com a população com necessidades especiais, que se estenderam para outras áreas da Saúde no Brasil. Em 1971, foi criado o primeiro curso de especialização em Musicoterapia no Brasil, em Curitiba, numa faculdade pública, atual Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), e em 1972, no Rio de Janeiro, foi criado um curso de graduação no Conservatório Brasileiro de Música.

As relações da Musicoterapia com a Educação perpassam pelo que Morin (2008, p.10) definiu como Educação como a utilização de meios que permitem assegurar a “formação” e o desenvolvimento de um ser humano. Contudo, explicita Morin, que o termo “formação, com suas conotações de modelagem e conformação, tem o defeito de ignorar que a missão do didatismo é encorajar o autodidatismo, despertando, provocando, favorecendo a autonomia do espírito.” (MORIN, 2008, p.11). A Musicoterapia cria espaços pensados para o sujeito ativo no processo de fazer música, na escolha dos instrumentos, na forma de tocá-los e de se expressar.

Portanto, para o autor, o “ensino”, arte ou ação de transmitir os conhecimentos a um aluno têm um sentido mais restrito, pois é apenas cognitivo. Em um sentido amplo, “representa tudo aquilo que pode ser feito para desenvolver o ser humano e, no sentido estrito, representa a instrução e o desenvolvimento de competências e habilidades”. (VIANNA, 2006, p. 130).

1.1 JUSTIFICATIVA

A visibilidade da Musicoterapia tem crescido, isso porque os campos de atuação se ampliaram e muitas pesquisas vêm sendo realizadas em diversas áreas de atuação com resultados expressivos. Sendo assim, existe a incessante busca por disseminar o conhecimento sobre a Musicoterapia, de maneira a contribuir com as práticas pedagógicas.

Na Musicoterapia, existem muitas práticas e uma vida de construção de fazeres e saberes que devem ser valorizados e por isso a necessidade de enredar com aportes teóricos, novas interfaces entre campos de conhecimento, como as Neurociências, pois recentes estudos sobre o cérebro humano nos possibilitam compreender o desenvolvimento de funções cerebrais a partir da música no cérebro. Esses novos conhecimentos devem estar presentes no contexto escolar para potencializar a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. Faz-se necessária a elaboração de pesquisas que possam contribuir para o conhecimento das relações entre a Musicoterapia e Educação.

1.1.1 Na perspectiva pessoal

Desde que a autora deste trabalho se formou em Musicoterapia, tem atuado com crianças na área da Musicoterapia Clínica, dedicada à reabilitação neurológica. Por ter vivenciado resultados positivos no atendimento individual e em grupos com crianças com diversas patologias e sequelas neurológicas, percebeu que há um espaço de interlocução entre a Musicoterapia e a Educação. As adversidades que crianças nessas condições enfrentam, necessitam de atendimentos individualizados geralmente com equipes multidisciplinares, a fim de desenvolver e promover potencialidades.

1.1.2 Na perspectiva Social

A pertinência dos atendimentos especializados de Musicoterapia nas escolas ainda é pouco reconhecida. Por consequência, poucos estabelecimentos acolhem os profissionais musicoterapeutas qualificados, por desconhecerem os benefícios dessa abordagem. Nas escolas, a Musicoterapia pode atender à necessidade individual e grupal do aluno, estendendo-se para a família e o contexto social. Segundo Cunha et al. (2008), existe um número crescente de crianças que apresentam comportamentos disruptivos, em que a Musicoterapia poderia auxiliar, contribuindo para a aprendizagem e a integração da criança no seu meio social e cultural. Segundo Stoltz (2010), o significado é culturalmente construído e compartilhado e é nele que pensamento e palavra se unem e originam o pensamento verbal, ou seja, é pelo significado que temos a generalização e a possibilidade de transformação. A orientação de novos significados a partir da cultura, proporciona novas maneiras de interação. Nesse

sentido, esta dissertação visa contribuir para o conhecimento das relações entre a Musicoterapia e a Educação.

1.1.3 Na perspectiva Acadêmica

Encontram-se estudos que se propuseram a investigar o campo de conhecimento da Musicoterapia e da Educação (ARMSTRONG, RICARD, 2016; DEL BARRIO, SABBATELLA, BROTONS, 2019; YEOW, 2018; FAULKNER, 2017). Esses, foram alguns poucos autores que fizeram contribuições para o campo da Musicoterapia e da Educação, nos contextos escolar, familiar, práticas em grupos, além de destacarem a importância dos elementos culturais, valorizando os aspectos da música no contexto social. Apesar desses contextos serem importantes para esta pesquisa, na prática da Musicoterapia, existem outros contextos que não são explorados em sua teoria.

Por isso, foi necessário realizar uma revisão de escopo, para um levantamento de estudos mais ampliado e observar como a Musicoterapia se manifesta no campo da Educação e vice-versa, reconhecendo os benefícios e o planejamento das ações preventivas e de reabilitação adequadas. Foi observado, até o momento, que os trabalhos científicos realizados por musicoterapeutas se encontram em maior quantidade na área da Saúde e não na área da Educação. Poucos são os trabalhos que tratam sobre a promoção da saúde nas escolas através das artes, o que inclui a prevenção às possíveis dificuldades de aprendizagem.

Portando, a Musicoterapia pode ser um dispositivo de prevenção tanto na educação formal, no espaço das escolas, quanto na educação informal, nos espaços comunitários.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

1.2.1 Problemática

A Musicoterapia tem crescido nos últimos 60 anos, isso porque recentes pesquisas apontam para a evolução de resultados com evidências em diversas áreas de atuação clínica. (SANTOS et al. 2021; FLEURY, et al. 2021; TAETS, et al. 2019; VIANNA, 2011; THAUT, et al. 2009; ZATORRE, PERETZ, 2004; PERETZ, ZATORRE, 2001). Neste estudo busca-se investigar o desenvolvimento do campo da Musicoterapia e suas relações com a Educação. A proposta se coloca como uma tentativa de produzir conhecimentos que possam contribuir para as práticas de ambos

os campos aqui relacionados, Musicoterapia e Educação, de forma que a articulação entre estes seja capaz de desvendar novos caminhos para a pesquisa científica.

A Musicoterapia na área da educação, segundo Cunha e Volpi et al. (2008), se insere tanto na escola de ensino regular como especial. A Musicoterapia pode contribuir à aprendizagem individual do aluno, além de colaborar com os objetivos gerais da escola. Portanto, nesse sentido, o musicoterapeuta, que atua no ambiente educacional, tem como objetivo estimular o desenvolvimento de habilidades cognitivas, motoras, sociais e emocionais dos alunos e ampliar as possibilidades de aprendizagem (CUNHA; VOLPI, 2008, p. 88).

1.2.2 Definição do Problema

A questão que orientou esta pesquisa foi: Como se expressam as relações entre a Musicoterapia e a Educação?

1.3 PERGUNTAS NORTEADORAS

Como se deu o processo de desenvolvimento do campo da Musicoterapia? Quais as perspectivas teóricas da Musicoterapia e suas propostas educativas? Como se expressam as relações entre a Musicoterapia, a Educação e a Neurociência?

1.4 OBJETIVOS DA PESQUISA

1.4.1 Objetivo Geral

Investigar o desenvolvimento do campo da Musicoterapia e suas relações com a Educação.

1.4.2 Objetivos Específicos

- Compreender o processo de desenvolvimento do campo da Musicoterapia;
- Identificar diferentes perspectivas teóricas da Musicoterapia e suas propostas educativas;
- Reconhecer as aproximações da Musicoterapia com a Educação a partir da Neurociência.

Considerando que o propósito deste trabalho é investigar o desenvolvimento do campo da Musicoterapia e suas relações com a Educação, no segundo capítulo

descreve-se o processo de desenvolvimento do campo da Musicoterapia, ou seja, a origem da Musicoterapia no mundo e no Brasil, e seus principais marcos. O terceiro capítulo aborda diferentes perspectivas teóricas da Musicoterapia e suas propostas educativas na atualidade a partir de uma revisão de escopo. As aproximações da Musicoterapia com a Educação a partir da Neurociência são tratadas no quarto capítulo desta dissertação, com a realização de uma revisão integrativa. Por fim, a discussão responde, concisamente, aos objetivos propostos e abre o campo para novos estudos.

2 A ORIGEM DA MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO DE LITERATURA NARRATIVA.

A musicoterapia é um campo da ciência que estuda o ser humano, suas manifestações sonoras e os fenômenos que decorrerem da interação entre as pessoas e a música, o som e seus elementos: timbre, altura, intensidade e duração. A sistematização da teoria e da prática musicoterapêutica teve início nos meados do século passado e vem se solidificando por meio de um crescente número de estudos e pesquisas na atualidade. No âmbito das investigações científicas os estudos dedicam-se a compreender as funções, usos e significados que as pessoas atribuem aos sons, músicas, ritmos, silêncios e outros parâmetros sonoro-musicais que permeiam suas vidas (CUNHA; VOLPI, p. 86).

Na elaboração desta revisão de literatura narrativa (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011) selecionou-se primeiramente duas obras que tratam da história da Musicoterapia (PODOLSKY, 1954; LEINIG, 1977) e, na sequência, recorreu-se a artigos no sentido de delinear os principais acontecimentos ligados à história deste campo.

Na história da Musicoterapia muitos autores discorrem sobre o uso terapêutico da música na antiguidade (LEINIG, 1977; ULKOWSKI et al. 2019). Para ULKOWSKI et al. (2019), desde os mitos gregos às histórias bíblicas como a de Davi e Saul, o conceito indiano de ragas, o poder curativo da música é amplamente registrado na literatura como parte das práticas terapêuticas. (p.108).

No século XVIII, no Iluminismo, foram descobertos registros de processos terapêuticos com a música, e que talvez sejam os mais antigos relatos de uma cura musical bem-sucedida. Em 1749, Richard Brocklesby (1722-1797), médico londrino, publicou as suas *Reflections on Antient and Modern Music*. (GOUK, 2015, p.160). Brocklesby, não apenas procurou comparar práticas de medicina e de música a fim de reunir evidências em termos de seus efeitos, mas também para reunir observações consistentes que apoiassem o uso da música no tratamento de doenças mentais. Gouk (2015) assinala esse texto como o primeiro registro histórico a levar em consideração o potencial terapêutico da música. No entanto, Gouk (2015) encontrou outro registro histórico publicado 20 anos antes, em 1729, sobre a então chamada “medicina musical”:

Antes das Reflexões de Brocklesby, a única discussão aprofundada sobre os efeitos da música foi a medicina musical de Richard Browne (1729): ou um ensaio mecânico sobre os efeitos do canto, da música e da dança nos corpos humanos, publicado exatamente 20 anos antes. No entanto, Brocklesby em nenhum lugar cita este livro em seu próprio trabalho, e é muito provável que ele não soubesse de sua existência. (GOUK, 2015, p. 164).

Esses dois registros podem ser considerados como os primeiros relatos históricos a apresentarem o uso da música como terapia em pacientes com graves quadros de sofrimento mental. (GOUK, 2015).

Seguindo os relatos históricos, em 1789, foi publicado na *Columbian Magazine*, na Filadélfia, um artigo sem autoria, intitulado como “*Music Physically Considered*”, argumentando sobre os benefícios da música no tratamento das desordens mentais. (DAVIS e ELSI, 2018). Outro marco na história da Musicoterapia foi o Dr. Benjamin Rush, um médico psiquiatra americano e líder político, que orientou duas dissertações médicas submetidas à Universidade da Pensilvânia por Edwin Atlee em 1804 e Samuel Mathews em 1806. (SMITH, 2016). Esses dois trabalhos versavam sobre os efeitos terapêuticos da música, que passaram, então, a ter um cunho científico.

No final do século XVIII, em 1896, o Dr. M. L. Patrici, fisiologista italiano, conduziu uma série de experimentos para determinar a influência de diferentes tipos de música na circulação sanguínea do cérebro. (PODOLSKY, 1954, p. 36). Podolsky (1954) relatou que o Dr. James P. Shepard, em 1906, replicou este mesmo estudo: “o efeito da música na circulação sanguínea do cérebro” e confirmou os resultados. Já na América do Norte, Willem Van de Wall, escreveu o texto *Music in Institutions* em 1936.

Em 1938, o psiquiatra Ira Maximilian Altshuler iniciou um dos primeiros programas de Musicoterapia em larga escala para atender pessoas com doenças mentais, em Detroit. (DAVIS, 2003). Em seus programas inovadores, Altshuler combinou técnicas psicanalíticas e técnicas de Musicoterapia especificamente projetados para uso com grupos de pessoas com doença mental. (DAVIS, 2003). A partir do seu trabalho com grupos, ele cunhou o conceito do princípio de “ISO” ou princípio do igual, isto é, “o tempo da música no início deve ser igual ao humor ou ao tempo mental do paciente” (ALTSHULER, 1954, *apud* BARCELLOS, 2016, p.38). Barcellos (2016), observa: “...que apesar de Altshuler ter cunhado este conceito a partir de sua experiência com pacientes com problemas psiquiátricos, percebe-se que pode, e eu diria, deve ser amplamente utilizado”. (p.39).

A partir de 1940, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, a incidência dos casos de ex-combatentes com diagnóstico de estresse pós-traumáticos aumentou, de tal forma que foram necessárias a introdução de alternativas terapêuticas para complementarem o tratamento convencional. A Musicoterapia foi

então inserida nestes programas de reabilitação. Novos modelos de Musicoterapia começaram a ser criados e organizados para efetivar, aos poucos, o tratamento musicoterapêutico e suas técnicas, e os resultados dessa clínica passaram a ser difundidos pelos continentes.

Para Ardnt (2019), neste momento da história, já é possível observar que, no momento “embrionário da Musicoterapia, existe uma marcante influência de um modelo biomédico, atrelado à utilização da música para o alívio de sintomas, quando utilizada no tratamento de alguma patologia”. (p.57). Para a autora, o contexto hospitalar esteve moldado por um tipo de prática inspirada no modelo biomédico na construção da epistemologia da Musicoterapia.

Everett Thayer Gaston (1901-1970), psicólogo e educador musical, autor do livro “Tratado de Musicoterapia”, foi responsável por tornar a profissão organizada e profissional. (PODOLSKY, 1954; LEINIG, 1997). Gaston também foi conhecido como o “pai da Musicoterapia”, auxiliando no desenvolvimento da Musicoterapia nos Estados Unidos. Criou os primeiros programas de treinamento para musicoterapeutas, na década de 1940, como formação. A primeira faculdade de Musicoterapia nos Estados Unidos foi a Universidade do Estado de Michigan, em que se estabeleceu o primeiro programa acadêmico. Segundo Leinig (1977), muitas universidades americanas instituíram, em seus departamentos musicais, cursos para treinamento de musicoterapeutas, em cooperação com escolas médicas e hospitais. (LEINIG, 1977, p.16).

A criação da *National Association for Music Therapy* na década de 1950, que depois mudou o nome para *American Music Therapy Association*, teve o intuito de colaborar para os avanços da música no campo da medicina, instrumentalizando e formando o profissional para um trabalho atrelado à área médica (ARDNT, 2019, p. 57). Outras universidades surgiram depois disso com o treinamento de Musicoterapia: a Universidade de Kansas, a Faculdade de Música de Chicago, a Universidade do Pacífico e a *Alverno College* (Winsconsin).

Kenneth Aigen (2014), musicoterapeuta norte americano, identifica, cronologicamente, três estágios de desenvolvimento dos modelos de Musicoterapia e teorias associadas. No primeiro estágio, entre 1945 e 1964, ainda havia uma fraca conexão entre teoria e prática, não existiam formações específicas e muitas ideias importadas das teorias da psicologia. De 1965 a 1971, modelos de tratamento foram

desenvolvidos na prática, teorias originais apoiaram modelos clínicos com uma forte conexão entre teoria e prática, e formações específicas também foram criadas. A data de 1982, marca o início de uma construção teórica que irá apoiar orientações teóricas para modelos e métodos clínicos.

Em 1978, segundo Brandalise (2001b), aconteceu o Primeiro Simpósio Mundial de Musicoterapia em Herdecke, na Alemanha, para iniciar um trabalho de desenvolvimento sobre uma “Teoria da Musicoterapia” (p.27).

No Segundo Simpósio Mundial de Musicoterapia, realizado em 1982, na Universidade de Nova York, intitulado *Music in the Life of Man* (A Música na vida do Homem), foi concluído que: “os princípios da Musicoterapia tanto podem ser formulados pelo apoio de outras abordagens filosóficas e científicas como por uma teoria própria da Musicoterapia”. (HESSER, 1996, p.13, *apud* BRANDALISE, 2001b, p.28).

Em 1985 foi fundada em Gênova, Itália, a *World Federation of Music Therapy* (WFMT), e estabelecida uma agenda de congressos mundiais para intercâmbio científico de musicoterapeutas de diversas partes do mundo.

Em 1999, no IX Congresso Mundial de Musicoterapia em Washington, foram apresentados quatro modelos e um método de Musicoterapia, reconhecidos mundialmente, que são: o Modelo Nordoff Robbins (improvisação criativa), foi orientado pela Psicologia Humanista e desenvolvido pelo músico Paul Nordoff e o educador Clive Robbins, em 1960, nos EUA e Inglaterra; o Método GIM (imagens guiadas e música), também orienta-se na Psicologia Humanista, e foi criado pela musicista Helen Bonny, em 1960, nos EUA; o Modelo de Musicoterapia Analítica, inspirado na Psicologia Analítica de Jung, foi sistematizado por Mary Priestley, em 1960, na Inglaterra; o Modelo Benenzon, fundamenta-se na Psicanálise, e foi criado na Argentina pelo psiquiatra Dr. Rolando Benenzon, também em 1960; por fim, o Modelo de Musicoterapia Behaviorista, foi sistematizado por Clifford Madsen, em 1970, nos EUA.

O modelo Nordoff-Robbins, segundo Ardnt (2019) é:

Centrada na utilização da improvisação, o modelo propõe uma constante interação entre musicoterapeuta e paciente nos processos criativos musicais. Utilizando-se da música como linguagem, o objetivo e sua prática é envolver a criança em uma experiência que a invista de ações capazes de transpor os limites de seu quadro patológico. (ARENDR, 2019, p. 59).

Segundo Brandalise (2001b), “a aquisição de um novo olhar acerca do papel clínico dos sons e da música na Musicoterapia”, bem como um novo entendimento sobre o posicionamento dos agentes terapêuticos, o terapeuta, a música e o paciente, ou seja, a música deixara de ser o “veículo para” e passava a ser a própria terapia.

Paul Nordoff costumava citar, entre outros, dois importantes autores: Rudolf Steiner e Victor Zuckerkandl. O primeiro trouxe a influência da chamada ‘Euritmia’. Steiner a definiu como sendo a arte do uso do movimento. A partir das reflexões sobre o ‘poder do movimento’, Nordoff desenvolveu o pensar sobre intervenções clínicas com as notas musicais e a música. (BRANDALISE, 2001b, p.138).

Nas palestras, Paul Nordoff referenciava com frequência o trabalho do filósofo da música Victor Zuckerkandl (1959), que argumentava que existe experiência latente em formas musicais, particularmente nos intervalos musicais (AIGEN 2005, p. 32 *apud* GRAHAM, 2013). Para Zuckerkandl (*apud* GRAHAM, 2013), um único tom possui energia musical que é ativada em melodia e harmonia, ou seja, “todo tom é um evento e um tom contém possibilidades ilimitadas. Além disso, tons musicais são transportadores de forças. Ouvir música significa ouvir uma ação de forças.” (ROBBINS E ROBBINS, 1998 *apud* GRAHAM, 2013, p.29). Sendo assim, o modelo Nordoff-Robbins foi o pioneiro na improvisação musical com crianças com autismo. (RESCHKE-HERNANDEZ, A. E., 2011).

No método de Imagem Guiada ou *Guided Imagery and Music* (GIM), inicialmente, Hellen Bonny realizava estudos controlados conduzidos em laboratórios, com o uso da música, LSD e outras drogas psicodélicas para o tratamento de dependências químicas e sofrimento emocional em quadros de câncer terminal (Ruud, 1990). Com a proibição do uso de drogas para tratamento, cria sua abordagem terapêutica.

Sua proposta consiste na audição de um programa musical selecionado previamente, sobretudo de repertório erudito, com o intuito de induzir estados alterados de consciência favorecendo a criação de imagens. Helen Bonny inspira-se na Psicologia Humanista e Transpessoal, com influências teóricas de Carl Rogers, Abraham Maslow e Carl Jung. (ARNDT, 2019, p. 60).

A Musicoterapia Analítica de Mary Priestley, teve influências de Carl Jung, Sigmund Freud e Melanie Klein. (ARDNT, 2019). Segundo Arndt (2019), o modelo consiste em “improvisações musicais entre paciente e musicoterapeuta, trabalhando com voz, silêncio, instrumentos musicais e/ou sons corporais, sua proposta utiliza a música de forma analítica e simbólica.” (p.60).

O modelo Benenzon, segundo Arndt (2019), “propõe que todo indivíduo possui uma identidade sonora singular e exclusiva, composta de sua herança sonora fetal e construída ao longo da vida, nomeada de ISO.” (p.58).

Segundo Arndt (2019), o modelo behaviorista:

propõem pensar a música como um elemento reforçador, ou seja, potente para modificação comportamental, assumindo o pressuposto de que o comportamento humano é resultado dos estímulos ambientais externos. Assim, os procedimentos adotados por musicoterapeutas behavioristas envolvem a recompensa para comportamentos adequados, o reforço positivo ou negativo imediato e, dentre seus objetivos estão, por exemplo, o controle de comportamentos agressivos ou estereotipados por parte de sujeitos com deficiência mental. (ARNDT, 2019, p. 61).

Em síntese, no século XX, no pós-guerra, houve mudanças de pensamento em relação à Musicoterapia e a saúde. O pensamento positivista permitiu melhor visão na área de estudos da música e do cérebro, abrindo para o campo da saúde novas referências sobre o tempo mental e o tempo musical de Altshuler (PODOLSKY, 1954).

Os modelos de Mary Priestley e Benenzon, ambos criam sua abordagem no contexto da Saúde Mental e influenciaram a prática no Brasil. Esses estudos proporcionaram diversas perspectivas clínicas, o que implicou na condição holística, ou seja, a higidez do corpo, mente e espírito. Para Bruscia (2000), a saúde abrange e depende do sistema ecológico completo, desde o corpo, a mente e o espírito, e das interações do indivíduo com os contextos mais amplos das relações sociais, culturais e meio ambiente.

Hoje, no século XXI, as perspectivas teóricas da Musicoterapia se ampliaram, dando suporte para novas abordagens como: Musicoterapia centrada na cultura de Stige em 2002; Musicoterapia comunitária, sistematizada por Pavlicevic e Ansdell em 2004; Musicoterapia feminista de Hadley em 2006; Musicoterapia neurológica de Thaut em 2000 e em 2008. (AIGEN, 2014, p. 220).

Dentre elas, destaca-se a Musicoterapia comunitária e social, que na América Latina vem ocupando espaços de práticas e construções teóricas significativas. Arndt e Maheirie (2020) expressam sobre o assunto:

(...) utilizamos a terminologia Musicoterapia Social e Comunitária como uma síntese totalizadora aberta, que pretende abranger as formas de se pensar e fazer Musicoterapia que se distanciam das formas convencionalmente postas, que não assumem um fazer terapêutico tradicional e que atuam em contextos sociais e comunitários na América Latina. (ARNDT; MAHEIRIE, 2020, p.3).

2.1 MUSICOTERAPIA NA EDUCAÇÃO

Num mundo habituado à imutabilidade artística, o modernismo e a revolução artística das primeiras décadas do século XX permitiram a explosão de ideias plenas de inovadoras possibilidades. Em meio a um cenário de mudanças sociais, a arte estava sob a divisa de uma nova unidade, entre arte e tecnologia, tendo como exemplo o nascimento da *Bauhaus*. (CUNHA, 2013). Na educação, uma das mais significativas conquistas do pensamento pedagógico-musical do século XX, foi entender o educando como um núcleo vivo e ativo do processo de ensino/aprendizagem, bem como, reconhecer os valores humanistas e espirituais na Educação Musical. (GAINZA, 2003, *apud* CUNHA, 2013).

Foi então que, para Gainza, o construtivismo se afirmou enquanto corrente pedagógica para o desenvolvimento humano, ou seja, o conhecimento é compreendido como construção das interações sujeito-objeto-meio, sendo a aprendizagem baseada no fazer, construído ativamente. Segundo a autora, o ensino com base em processos criativos e artísticos e na participação direta dos alunos, está centrado na experiência como construção do conhecimento. As novas pedagogias da educação musical contribuíram efetivamente, a saber:

‘Euritmia’ de Émile Jaques-Dalcroze, a ‘Pedagogia’ de Edgar Willems, a ‘Língua Musical Activa’ de Zoltán Kodály e a ‘Schulwerk’ de Carl Orff. Subjacentes a estas abordagens pedagógico-musicais, enquanto marcos da Pedagogia Musical moderna, inúmeros princípios basilares coexistem. (CUNHA, 2013, p. 23).

A partir de 1930, as novas abordagens pedagógicas musicais propuseram uma ruptura aos modelos tradicionais de ensino da educação musical. O modelo proposto por Émile Jaques-Dalcroze, a “Rítmica” Dalcroze, uniu ritmo-corpo-movimento, para favorecer o despertar das forças criativas do homem. (BOCKMAIER, 2008, p.190). Este feito impulsionou, em seguida, os primeiros trabalhos de educadores musicais voltados para a educação especial e inclusiva.

Em seu aspecto holístico, o ser humano e o seu desenvolvimento passaram a ser entendidos num sentido global de interrelação permanente entre corpo, mente, emoção e cultura, ilustrando o carácter interativo e integrado de processos de ensino e aprendizagem.

Numa perspectiva complementar, o “Socioconstrutivismo” transversal à obra de Vygotsky (1978, 1996, 1999, 2007, 2011), bem como aspectos centrais da Psicologia Cultural focados por Bruner (1996, 1997, 2008),

contribuíram para que as obras pedagógico-musicais, idealizadas e desenvolvidas pelos referidos pedagogos, entendessem o ser humano como ser social/cultural, sendo a interrelação mente-cultura determinante na sua aprendizagem e desenvolvimento. (CUNHA, 2013, p. 24).

Seguindo uma visão humanista, em 1974, Gertrud Orff, em Munique, na Alemanha, lança o livro “*The Music Therapy Orff*” voltado para a educação especial e destinado à promoção ativa do desenvolvimento infantil e referência por indicar a Musicoterapia como terapia “multissensorial”. Segundo Voigt (2013), Gertrude Orff constatou que aspectos multissensoriais da música são uma combinação de modalidades como a experimentação sonora e estímulos visuais, táteis ou cinestésicos e podem ser utilizados em muitos contextos sociais. (VOIGT, 2013, p.99).

A Educação Musical, através da *International Society of Music Education* (ISME), assumiu capital importância no desenvolvimento de congressos, reuniões e encontros, nos quais a Musicoterapia começou a ganhar forma, visibilidade e, por conseguinte, a motivar inúmeros estudos e publicações em várias partes do mundo, (CUNHA, 2013, p.49), incluindo-se aí, o Brasil.

Em 1968 foram criadas as primeiras associações de Musicoterapia no Brasil, respectivamente no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. No entanto, só em 1971 foi criado o primeiro curso de especialização em Musicoterapia no Paraná, na atual UNESPAR, e em 1972, o primeiro curso de graduação no Rio de Janeiro, no Conservatório Brasileiro de Música.

A história da Musicoterapia na Educação está relacionada ao desenvolvimento da Educação Especial no Brasil. Concomitante ao desenvolvimento do campo da Musicoterapia, na área da Educação Especial, o movimento passou a ganhar destaque com o decreto nº 72.425, lançado em 1973, pelo Ministério da Educação e Cultura, criando o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), no Art. 1, “com a finalidade de promover em todo o território nacional, a expansão e melhoria do atendimento aos excepcionais” (BRASIL, 1988, p.11). Em 1988, a Constituição da República Federativa do Brasil coloca no Art. 208, “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1988, p.123) preferencialmente na rede regular de ensino. Em 1990, foi lançado o Estatuto da Criança e do Adolescente, que no artigo 55, “reforça os dispositivos legais supracitados ao determinar que “os pais ou responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de

ensino” (BRASIL, 1990, p.44). Em 1994, a Declaração de Salamanca dispõe sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educacionais especiais. Foi criada a Política Nacional de Educação Especial, vista como um retrocesso nas políticas públicas e contrária à inclusão ao orientar o processo de “integração instrucional”, para aqueles que “(...) possuem condições de acompanhar e desenvolver as atividades curriculares programadas do ensino comum, no mesmo ritmo que os alunos ditos normais”. (BRASIL, 2008, p. 19).

O ano de 2001 foi um ano marcado pelo lançamento das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, pela lei do Plano Nacional de Educação – PNE, Lei nº 10.172/200 e destaca que “o grande avanço que a década da educação deveria produzir seria a construção de uma escola inclusiva que garanta o atendimento à diversidade humana”. (BRASIL, 2001, p.8). A Convenção da Guatemala (1999), define que as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que as demais pessoas. Muitos avanços foram acontecendo como o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais - Libras e o Sistema Braille, acessibilidade arquitetônica nos prédios escolares, a implantação de salas de recursos visuais e a formação docente para atendimento educacional especializado.

Em 2008, foi implementada a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, para fundamentar uma política pública voltada à inclusão escolar, consolidando o movimento histórico brasileiro. As políticas públicas, na área da Educação Inclusiva, continuam se aperfeiçoando, através de decretos, leis, portarias, contudo, ainda nos dias de hoje, é possível constatar uma dissonância entre estas e a realidade. Justamente nesta lacuna, na interseção Educação-Saúde, que a Musicoterapia pode integrar um projeto pedagógico interdisciplinar no ensino regular, agregando a arte como ação transformadora, uma vez que o fazer musical pressupõe participação, cognição, socialização e pertencimento.

Desde então, os musicoterapeutas, que se encontram na área da Educação, vêm desenvolvendo trabalhos como o de Nascimento (2010), em sua tese de doutorado intitulada: “A escuta diferenciada das dificuldades de aprendizagem: um pensarsentiragir integral mediado pela Musicoterapia”. Este trabalho envolveu uma pesquisa-ação para compreender as dificuldades de aprendizagem em uma escola de tempo integral e, a partir da manifestação dos alunos, propor ações

musicoterapêuticas. Constatou-se que o olhar diferenciado e ampliado no espaço-tempo de transformação das dimensões do pensar, sentir e agir a partir da Musicoterapia, levaram à identificação de dificuldades de aprendizagem.

Nesse sentido, pode-se citar outros trabalhos que ilustram as possibilidades de inclusão da Musicoterapia e do profissional musicoterapeuta qualificado no contexto educacional (SANTOS, 2014; SANTOS-JÚNIOR, 2018; SILVA, 2011; LOUREIRO, 2006 dentre outros). Santos (2014), aponta para a importância da Musicoterapia na Educação por meio de projetos interdisciplinares. Em outro estudo, Santos-Junior (2018) corrobora sobre os benefícios da Musicoterapia na Educação, observando que a Musicoterapia é fundamental no contexto educacional, tanto no ensino regular como no ensino especial, permitindo uma ampliação de consciência do aluno em relação aos seus sentimentos e emoções. Destaca que a Musicoterapia estimula a memória e desenvolve habilidades linguísticas e intelectuais.

Outro estudo que aborda as relações da Musicoterapia com a Educação é o de Silva (2011). Silva (2011) aponta que o grande desafio é a legitimação de uma fundamentação teórica em escolas públicas e a inserção da prática em diversos contextos de desigualdade social, ressaltando a importância de linhas de pesquisa que “possam dialogar com essas duas áreas, saúde e educação, trazendo conceitos e concepções que orientem para a solução de problemas que atingem as escolas brasileiras.” (p.119).

Já a musicoterapeuta Cibeles Loureiro (2006), na sua dissertação de mestrado intitulada “Musicoterapia na educação musical especial de portadores de atraso do desenvolvimento leve e moderado na rede regular de ensino”, teve o objetivo de identificar as diferentes concepções educacionais atribuídas ao portador de atraso do desenvolvimento. Segundo a autora, a partir “das teorias desenvolvimentistas de Piaget e Vygotsky nesta população, foi possível deduzir estratégias e adaptações metodológicas de exercícios para a prática da educação musical dessas crianças.” (LOUREIRO, 2006, p.1). Loureiro (2006) enfatiza os aspectos neurológicos como a plasticidade cerebral e a necessidade de uma intervenção terapêutica e educacional precoce para a inclusão da criança com necessidades especiais.

Em síntese, observa-se uma ampliação das relações entre a Musicoterapia e a Educação com propostas voltadas para as políticas afirmativas, o movimento da educação inclusiva e outras iniciativas sociais de ações educativas, dentre elas, a

Musicoterapia está envolvida com o atendimento ao Espectro autista, a Gerontologia e a Psiquiatria.

3. PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA MUSICOTERAPIA E SUAS PROPOSTAS EDUCATIVAS.

O objetivo deste capítulo é identificar diferentes perspectivas teóricas da Musicoterapia e suas propostas educativas. Trata-se de objetivo relevante tendo em conta o foco do trabalho estar voltado às relações entre Musicoterapia e Educação.

3.1 MÉTODO

Para o levantamento das diferentes perspectivas, optou-se por uma revisão de escopo. A revisão de escopo ou *scoping review*, envolve a síntese e a análise de uma vasta gama de investigações para fornecer maior clareza conceitual sobre um tema específico ou evidência de um determinado campo. (DAVIS, et al., 2009). Portanto, a revisão de escopo se aplica a uma particularidade de um corpo de literatura não revisto. (RING et al., 2012). Arksey e O' Malley (2005) e Levac et al. (2010) propõem as seguintes etapas metodológicas para a realização da revisão de escopo:

- (1) definir a questão de pesquisa;
- (2) identificar os estudos relevantes;
- (3) selecionar os estudos;
- (4) mapear os dados;
- (5) confrontar, resumir e relatar os resultados.

A revisão de escopo permite a inclusão de ensaios clínicos randomizados, estudos experimentais, não experimentais, dados da literatura empírica e teórica para a compreensão mais completa do fenômeno em análise. (ARKSEY; O'MALLEYS, 2005).

Foram buscados estudos teóricos e empíricos sobre a Musicoterapia e a Educação e que também respondam à pergunta norteadora: Quais as perspectivas teóricas da Musicoterapia e suas propostas educativas?

As bases escolhidas foram EBSCO, ERIC, CAPES, SCIELO e o Journal of Music Therapy, pela sua pertinência na discussão da pergunta norteadora. As pesquisas nas bases de dados foram realizadas de maneira a garantir a sensibilidade para a seleção do maior número de artigos. A seleção de artigos, realizada por pares, foi iniciada

com a leitura dos títulos, dos resumos e palavras-chave, aplicando os critérios de inclusão e exclusão. Os descritores utilizados foram “musicoterapia”, “educação”, “educação musical”, correspondendo em inglês: *music therapy*, *education*, *music education*. Os operadores booleanos utilizados foram “AND” e “OR” e foram realizados os cruzamentos possíveis pela combinação dos descritores utilizados.

Os critérios estabelecidos para a inclusão dos estudos foram: (a) artigos, indexados, revisados por pares; (b) nos idiomas inglês, espanhol e português; (c) publicados no período de janeiro de 2016 a março de 2021; (d) com temática pertinente ao objetivo da revisão. Os critérios de exclusão adotados foram: livros, capítulos de livro, resenhas, cartas, notícias, resumos, anais de congressos, editoriais, dissertações e teses, temáticas distanciadas do objetivo da revisão e artigos publicados anteriores a 2016. As publicações entre janeiro de 2016 até março de 2021, visaram a busca de estudos recentes para entender o panorama atual da produção científica e apontar possíveis lacunas e abertura para novos estudos.

Após o levantamento bibliográfico foi realizada uma minuciosa leitura do título, resumos e corpo do texto. Foram excluídos os artigos que não se enquadram nos critérios de inclusão e contabilizados, uma única vez, os artigos repetidos.

No fluxograma a seguir, está representado o total de artigos selecionados das bases de dados, seguindo os critérios de inclusão e exclusão:

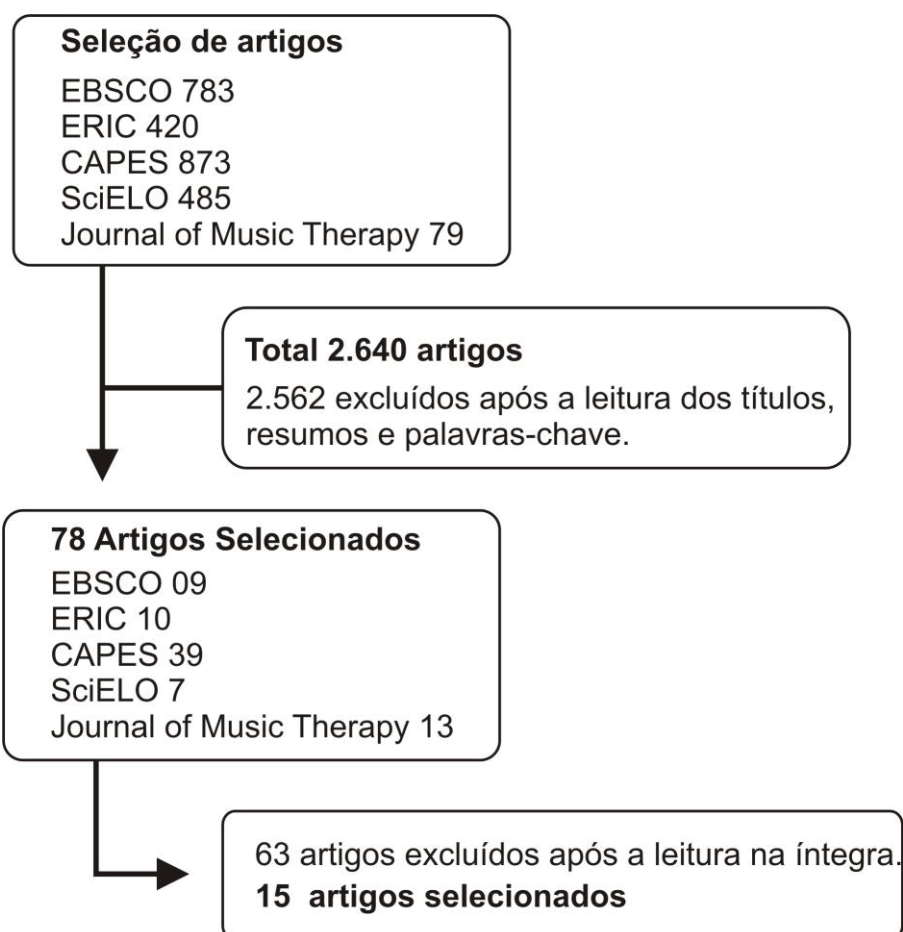


Figura 1- Fluxograma de seleção dos artigos revisão de escopo.

Fonte: as autoras (2021).

Conforme o fluxograma, inicialmente, pode-se constatar que foram encontrados 2.640 títulos potencialmente relevantes, dos quais foram excluídos 2.562, após a leitura do título, resumo e palavras-chave. Os 78 (setenta e oito) artigos selecionados foram assim distribuídos: EBSCO, 9 (nove) artigos, na ERIC 10 (dez), CAPES 39 (trinta e nove), SciELO 7 (sete) e no JTM 13 (treze). Após a leitura dos artigos na íntegra, foram selecionados 15 (quinze) artigos.

3.2 RESULTADOS

Buscou-se organizar os artigos em quadros com os seguintes conteúdos: no quadro um, a relação de artigos selecionados com a indicação do: título, autor, ano, periódico, país e link, estão orientados e representados no quadro a seguir:

QUADRO 1 – RELAÇÃO DE ARTIGOS SELECIONADOS COM A INDICAÇÃO DO TÍTULO, AUTOR, ANO, PERIÓDICO, PAÍS E LINK.

	TÍTULO	AUTOR	ANO	PERIÓDICO	PAÍS	LINK
1	Interação reflexiva como paradigma transversal para a criatividade, educação musical e Musicoterapia	ADDESSI, Anna Rita.; BONFIGLIOLI, Luisa.	2017	ORFEU, v.2, n.2, dez.	Brasil	10.5965/2525530402022017175
2	A Percepção dos Estudantes de Medicina sobre a Influência do Mediarte na Educação Médica	AMORIM, Karla Patricia.; BEDAQUE, Henrique de Paula.	2018	Revista Brasileira de Educação Médica	Brasil	https://www.scielo.br/pdf/rbem/v42n2/0100-5502-rbem-42-02-0054.pdf
3	Betwixt and between: Considering liminality and rites of passage in the context of music therapy in a specialist further education college	COOMBES, Elizabeth.	2019	The Arts in Psychotherapy,	Inglaterra	https://doi.org/10.1016/j.aip.2019.101610
4	An Emerging Theoretical Model of Music Therapy Student Development	DVORAK, Abbey L.; HERNANDEZ-RUIZ, Eugenia.; JANG, Sekyung.; KIM, Borin.; JOSEPH, Megan; WELLS, Kori E.	2017	Journal of Music Therapy	Estados Unidos	10.1093/jmt/thx005
5	Outcomes of a Course-based Undergraduate Research Experience (CURE) for Music Therapy and Music Education Students	DVORAK, Abbey L.; HERNANDEZ-RUIZ, Eugenia.	2019	Journal of Music Therapy	Estados Unidos	https://doi.org/10.1093/jmt/thy020
6	The use of Orff-based music activities for educational and therapeutic purposes with disadvantaged group of Romani children	EREN, Bilgehan.; GÜL, Gülnihal.	2017	Educational Research and Reviews	Turquia	10.5897/ERR2017.3342
7	Emotional Training and Modification of Disruptive Behaviors through Computer-Game-Based Music Therapy in Secondary Education	CHAO-FERNÁNDEZ, Rocío.; GIBBERT-CAUDELL, Vicenta.; VÁZQUEZ-SÁNCHEZ, Rubén.	2020	Applied Sciences 10(5):21	Espanha	https://doi.org/10.3390/app10051796

8	Development and Evaluation of a Hospice and Palliative Care Music Therapy Education Program	KIM, Eun Jung.; LEE, Eun Jeong.; LEE, Chung-Woo.; CHOI, Youn Seon.	2020	The Korean Journal of Hospice and Palliative Care 23(1):17-26	Coreia do Sul	10.14475/kjhpc.2020.23.1.17
9	Promoting Engagement in School Through Tailored Music Programs	MCFERRAN, Katrina Skewes.; CROOKE, Alexander Hew Dale.; BOLGER, Lucy.	2017	International Journal of Education & the Arts	Austrália	http://www.ijea.org/v18n3/
10	A Survey of Music Therapy Students' Perceived Stress and Self-Care Practices	MOORE, Carolyn.; WILHELM, Lindsey A.	2019	Journal of Music Therapy	Estados Unidos	https://doi.org/10.1093/jmt/thz003
11	Intersections between musical education and music therapy: educational reform, artistic education, exceptionality and politics at local level	SALVADORA, Karen.; PASIALIB, Varvara.	2017	Arts Education Policy Review, v118	Estados Unidos	https://doi.org/10.1080/10632913.2015.1060553
12	Comparison of the Effectiveness of CBT Group Counseling with Passive vs Active Music Therapy to Reduce Millennials Academic Anxiety	SITUMORANG, Dominikus David Biondi.; MULAWARMAN, Mulawarman.; WIBOWO, Mungin Eddy.	2018	International Journal of Psychology and Educational Studies	Indonésia	http://dx.doi.org/10.17220/ijpes.2018.03.005
13	Hidden in Plain Sight: A Music Therapist and Music Educator in a Public School District	SMITH, Jacqueline C.	2017	International Journal of Music Education	Estados Unidos	https://doi.org/10.1177/0255761417712319
14	Evasão escolar na graduação em Musicoterapia da Universidade Estadual do Paraná	NASCIMENTO, Lázaro Castro Silva; BEGGIATO, Sheila Maria Ogasavara	2021	Revista Educação e Formação	Brasil	https://doi.org/10.25053/redufor.v5i15set/dez.2080
15	Research on mental health intervention of college students based on music therapy	LIU, Yueqiao	2021	Revista Brasileira Medicina do Esporte	China	http://dx.doi.org/10.1590/1517-8692202127012020_0106

Quadro 1 - Relação de artigos selecionados com a indicação do título, autor, ano, periódico, país e link.

Identificamos que, em 2017, foram publicados 6 artigos (ADDESSI, A. R. & BONFIGLIOLI, L.; DVORAK, A. L. et al.; EREN, Bi. & GÜL, G.; MCFERRAN, K. S. et al.; SALVADORA, K. & PASIALIB, V.; SMITH, J. C.), 2 em 2018 (AMORIM, K. P. & BEDAQUE, H. P.; SITUMORANG, D. D. B., et al.), 3 em 2019 (COOMBES, E.; DVORAK, A. L. & HERNANDEZ-RUIZ, E.; MOORE, C. & WILHELM., L. A.), 2 em 2020 (CHAO-FERNÁNDEZ, R., e tal.; KIM, E. J., et. al.) e 2 em 2021 (NASCIMENTO, L. C. S. & BEGGIATO, S. M. O.; LIU, Y.). Os artigos foram encontrados nas seguintes revistas eletrônicas: *Journal of Music Therapy (JMT)*, ORFEU, Revista Brasileira de Educação Médica, *The Arts in Psychotherapy*, *Educational Research and Reviews*, *Applied Sciences*, *The Korean Journal of Hospice and Palliative*, *International Journal of Education & the Arts*, *Arts Education Policy Review*, *International Journal of Psychology and Educational Studies*, *International Journal of Music Education*, Revista Educação e Formação e Revista Brasileira de Medicina do Esporte. A revista que se destacou em número de artigos foi a *Journal of Music Therapy* com três artigos.

A maioria dos artigos publicados foi nos Estados Unidos com cinco artigos (DVORAK, A. L. & HERNANDEZ-RUIZ, E.; DVORAK, A. L. et al.; MOORE, C. & WILHELM., L. A.; SALVADORA, K. & PASIALIB, V.; SMITH, J. C.), em seguida, no Brasil com três artigos (ADDESSI, A. R. & BONFIGLIOLI, L.; AMORIM, K. P. & BEDAQUE, H. P.; NASCIMENTO, L. C. S. & BEGGIATO, S. M. O.), na Inglaterra (COOMBES, E.), na Turquia (EREN, Bi. & GÜL, G.), na Espanha (CHAO-FERNÁNDEZ, R., e tal.), na Coreia do Sul (KIM, E. J., et. al.), na Austrália (MCFERRAN, K. S. et al.), na Indonésia (SITUMORANG, D. D. B., et al.), e na China (LIU, Y.), um artigo.

Cabe ressaltar a presença de artigos em revistas brasileiras, filtrados nos bancos de dados, que apontam para a produção crescente de artigos relevantes da musicoterapia pelos brasileiros. As revistas que se destacaram nesta revisão foram: Revista Educação e Formação (Fortaleza-CE), Revista Brasileira de Medicina do Esporte (São Paulo-SP), ORFEU (Florianópolis-SC) e a Revista Brasileira de Educação Médica (Brasília-DF).

No quadro dois, a relação de artigos selecionados ordenados com a indicação do objetivo, metodologia e os principais resultados. A análise dos dados encontra-se no quadro abaixo:

QUADRO 2 – RELAÇÃO DE ARTIGOS SELECIONADOS E ORDENADOS COM A INDICAÇÃO DO OBJETIVO, METODOLOGIA E PRINCIPAIS RESULTADOS.

	OBJETIVO	METODOLOGIA	PRINCIPAIS RESULTADOS
1	O objetivo deste ensaio é destacar o paradigma de interação reflexiva na interseção entre a educação musical e a Musicoterapia, como um marco teórico eficaz para fortalecer traços comuns às duas áreas, tanto do ponto de vista da aplicação teórica quanto da experiência prática.	Os autores apresentam uma introdução sobre os Sistemas Musicais Interativos- Reflexivos (SMIR), os fundamentos teóricos do paradigma da interação reflexiva, seus valores pedagógicos e seu potencial musicoterápico. A apresentação teórica foi ilustrada por resultados experimentais obtidos ao longo de dez anos de pesquisa que permitiram, como produto, a implementação da Plataforma MIROR, um sistema para desenvolver criatividade musical e motora das crianças. Trata-se de uma pesquisa qualitativa.	Dentro do projeto MIROR, várias pesquisas experimentais foram realizadas com aplicações da plataforma nos campos da Musicoterapia e reabilitação que mostraram como a interação reflexiva com as aplicações MIROR pode promover a criatividade musical e a aprendizagem musical em uma área de Musicoterapia e no uso dos princípios da Musicoterapia em contextos educacionais. A partir desses experimentos e pesquisas com crianças e tecnologias reflexivas surgiram propostas de atividades criativas e expressivas que podem ser realizadas em contextos educacionais, terapêuticos, de inclusão e e atendimento. Ajuda a abordar as principais técnicas de Musicoterapia.
2	Objetiva-se neste estudo identificar a influência do projeto (Mediante: com Amor e Humor) na vida e formação médica dos estudantes de Medicina, utilizando como referencial teórico as Diretrizes Nacionais do Curso de Graduação em Medicina (DCN).	Realizou-se uma pesquisa qualitativa mediante entrevistas semiestruturadas, de caráter exploratório e descritivo com abordagem qualitativa. Foi realizada análise de conteúdo proposta por Bardin. A população são estudantes de medicina. Com base em metodologias ativas, propicia ao aluno maior liberdade de reflexão individual. Tais metodologias têm mostrado respostas positivas para a consolidação de aprendizados dos estudantes. A vivência da condição de fragilidade da criança e, por vezes, dos acompanhantes, além de aprimorar a comunicação, mostrou-se capaz de sensibilizar os estudantes para a percepção da condição humana e para a importância do cuidado integral.	Constatou-se por meio da percepção dos estudantes, que o Projeto Mediarte representa uma ferramenta estratégica, importante e sensível para o desenvolvimento de competências – conhecimentos, habilidades e atitudes – requeridas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), como, por exemplo, a compreensão de saúde integral, a comunicação e a humanização, contribuindo para uma formação médica pautada nas novas diretrizes de Graduação em Medicina atuais. A discussão crítica sobre a formação do médico propõem, com bases nas DCNs, o projeto Mediarte para contribuir para as diretrizes e a humanização.

3	<p>Este artigo explora como as teorias antropológicas da liminaridade e ritos de passagem desenvolvidos por Van Gennep (1960) e Turner (1969) podem impactar o trabalho de Musicoterapia com jovens com espectro autístico e profundas e múltiplas dificuldades de aprendizagem.</p>	<p>Trata-se de um estudo de teoria fundamentada, cujos escritos sobre cerimônias de ritos de passagem (1960) estabeleceram as bases para o trabalho posterior de Turner. Van Gennep postulou três fases nas quais ele comparou os processos de ritos de passagem a uma viagem:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 Separação do estado atual 2 Um estado liminar 3 Conclusão da passagem e retorno. <p>A população foi composta de jovens entre as idades de 16–19 com múltiplas desordens de aprendizagem e transtorno do espectro autista. O processo aconteceu de maneira gradual e teve início na passagem do ensino médio para a faculdade. A autora se fundamenta em releituras sobre as teorias de Van Gennep e Turner. A autora explora os estágios dos ritos de passagem de Van Gennep que se desdobram em três momentos identificáveis e inter-relacionados, e os correlaciona na sua pesquisa: a separação, quando os alunos mudaram radicalmente de ambiente; o estado liminar, uma transição que ultrapassa os limites e a separação do “comum”, o início da aquisição de novas habilidades; e pôr fim a inclusão, a assimilação de novas habilidades com potencial para serem transpostas para outros ambientes ou espaços. Os dados foram coletados a partir dos relatos descritos pela autora.</p>	<p>Utilizar as teorias de Van Gennep e Turner provou ser fundamental para a prática da Musicoterapia com o grupo de clientes.</p> <p>É um trabalho contínuo em que o foco é dado ao trabalho de apoio aos alunos especiais durante a transição para a idade adulta do ensino médio para a faculdade. Trata-se de pensar inclusivamente sobre este grupo específico de clientes. Este trabalho contribui, numa perspectiva social, para a inclusão dos adolescentes nessa passagem para a vida adulta.</p>
---	--	--	---

4	O objetivo deste estudo foi criar um modelo teórico sobre o processo de desenvolvimento dos alunos de Musicoterapia, de uma Universidade no Centro-Oeste dos Estados Unidos.	O processo de pesquisa da teoria fundamentada é interativo e aberto, e os pesquisadores são considerados parte do que estudam e não separados disso. Os pesquisadores constroem uma teoria fundamentada por meio de “envolvimentos e interações passadas e presentes com pessoas, perspectivas e práticas de pesquisa”. Os pesquisadores “interagem e interpretam suas comparações e análises emergentes” dos dados. Esta prática de teorização interpretativa molda continuamente o conteúdo e a direção do estudo. As entrevistas realizadas com os participantes forneceram material para a análise qualitativa dos dados. Os 15 participantes passaram por 60 minutos de entrevista semiestruturada e 20 minutos para uma avaliação. Essas entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas. Os fenômenos observados foram tabulados e categorizados, emergindo daí, os conceitos que irão alicerçar a teoria fundamentada.	A teoria resultante, segundo o autor, é baseada na interpretação, construção e reflexão do aluno sobre o seu desenvolvimento dentro de um contexto sociocultural específico. Para o autor, a autoanálise e a vivência de diferentes experiências musicais que possam reproduzir vários cenários clínicos, irão proporcionar aos estudantes de Musicoterapia, a confiança e a segurança para sua vida profissional futura.
5	O objetivo deste estudo foi explorar os resultados do CURE (Curso em experiências em pesquisa de graduação) para estudantes de Musicoterapia e educação musical matriculados em um curso de psicologia musical.	Esta pesquisa é do tipo exploratória e realizada com um grupo de estudantes de Musicoterapia e educação musical. 1. Após o curso em “experiências em pesquisa”, foi investigado o que os alunos de graduação relataram em relação aos ganhos nas quatro áreas: (a) pensar e trabalhar como um cientista, (b) ganhos pessoais, (c) habilidades de pesquisa e (d) atitudes e comportamentos. 2. Foram percebidos pelos alunos benefícios obtidos com a experiência do CURE. Além de terem preenchido formulário com dados demográfico os alunos, também, participaram de uma pesquisa de autoavaliação, URSSA (<i>Undergraduate Research Student Self-Assessment</i>), antes da participação do CURE e novamente no final do semestre. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas, analisadas e categorizadas por temas. Os alunos preencheram o programa CITI (<i>Human Subjects Compliance Tutorial through the Collaborative Institutional Training Initiative</i>), como requisito de ética exigido, para trabalhar com seres humanos. Fizeram	As habilidades clínicas e de pesquisa podem ser consideradas sinérgicas; a interação entre as duas produzem um efeito combinado maior do que a soma de efeitos separados. O projeto de pesquisa proposto no CURE (comparação de estímulos musicais para meditação <i>mindfulness</i>) tem aplicações clínicas diretas, instruindo os alunos sobre a relação entre pesquisa e evidências baseadas na prática (EBP). CUREs também podem ser uma plataforma de treinamento eficaz para pós-graduados interessados em se tornarem membros do corpo docente, desenvolvendo técnicas de ensino em diferentes linhas de pesquisa, conectando pesquisa e ensino, promovendo o desenvolvimento de habilidades de pesquisa na graduação e tornando-se mentores de pesquisa independentes e capazes. Assim, os resultados deste estudo apoiam os benefícios potenciais do modelo CURE para o ensino e treinamento em pesquisa em Musicoterapia e educação musical na forma de pesquisa-ação. O uso do modelo CURE pode aumentar o número de bolsistas ativos na universidade.

		pesquisas sobre a literatura usando um guia de análise de pesquisa e realizaram discussões em aula.	
6	Este trabalho visa estimular, através de atividades musicais, as crianças ciganas a frequentarem a escola.	<p>Trata-se de uma pesquisa exploratória experimental. A observação participante é uma variante das observações naturais em que o pesquisador participa e passa a fazer parte do grupo que está estudando para ter uma visão mais profunda da vida dos participantes. Nesta pesquisa, primeiramente o processo de observação foi realizado abertamente, no ambiente natural das crianças ciganas desfavorecidas. Foram utilizadas atividades musicais baseadas no método Orff envolvendo atividades como imitar e criar padrões rítmicos, criar músicas, dançar, cantar canções e tocar instrumentos. As intervenções foram gravadas e transcritas sistematicamente. A pesquisa foi desenhada como um estudo observacional qualitativo.</p> <p>Além do método observacional, foi realizada uma entrevista semiestruturada com o professor da turma, da escola primária pública, constituída inteiramente por crianças ciganas e dar uma perspectiva mais ampla sobre o processo de pesquisa.</p>	<p>Os resultados mostraram que as atividades musicais, independente dos participantes possuírem ou não formação musical, contribuíram para o desenvolvimento das crianças nas áreas musicais e não musicais. As atividades musicais aumentaram a motivação para a escola e os níveis de frequência aumentaram qualitativa e quantitativamente. As atividades musicais também ampliaram a consciência das crianças sobre a sua cultura Romani.</p>
7	Este projeto tem como objetivo analisar os benefícios da Musicoterapia na formação integral de alunos com comportamentos disruptivos.	<p>Uma série de atividades foram concebidas com base na utilização do videogame musical "Musichao", cujo conteúdo curricular foi adaptado para esta experiência piloto. Foram aplicados pré e pós testes de inteligência emocional, para avaliar os resultados da experiência de ensino musical, com o jogo educacional computadorizado, "Musichao" (<i>The Musical Educational Game</i>). Foram aplicados os testes do modelo Goleman de inteligência emocional e das inteligências múltiplas de Howard Gardner.</p>	<p>Foram obtidos resultados que apontaram para medidas preventivas e ajudar os alunos com problemas comportamentais, de forma a diminuir em quantidade e intensidade os transtornos disruptivos e o controle da impulsividade. O uso dessa técnica de Musicoterapia foi projetado para adaptar elementos da música para obter resultados não musicais para essa categoria de educandos. Esta pesquisa, realizada por meio de um jogo musical educacional de computador, o "Musichao", mostrou-se pertinente para ser replicada em outros contextos.</p>

8	O objetivo deste estudo foi analisar os resultados da avaliação dos musicoterapeutas que participaram do Programa de Treinamento de Musicoterapeutas profissionais, em relação ao nível de satisfação com o currículo e desempenho.	Foi feita uma entrevista semiestruturada pré-pós, para comparar os resultados antes e depois do treinamento em Musicoterapia para cuidados paliativos. Esta pesquisa foi realizada em uma <i>Hospice and Palliative Care</i> (Instituição voltada para cuidados paliativos). O programa de treinamento foi desenvolvido em fases: implementação, desenvolvimento, análise e avaliação. São previstos requisitos durante o processo de tutoria profissional para cada fase. Foi utilizado o currículo de educação padrão do “ <i>Central Hospice Center</i> ” dos cursos de treinamento dos Estados Unidos, para qualificação e especialização de musicoterapeutas em cuidados paliativos.	A análise das respostas pré-pós mostrou resultados significativos nas pontuações em conhecimento, autoconfiança e prontidão para prática profissional em cuidados paliativos. Foi constatado a aquisição de novas habilidades dos alunos treinados nesta área de cuidados de final de vida em centros especializados. Para o autor, os programas profissionalizantes para musicoterapeutas, podem ser usados para avaliar as necessidades dos pacientes e aplicar a Musicoterapia de maneira analítica e sistemática. Isso parece ser devido ao treinamento do protocolo, que resolveu muitas dificuldades anteriormente resolvidas por tentativa e erro ao realizar a Musicoterapia sem qualquer orientação padrão.
9	Este artigo descreve uma investigação de como e quando diferentes tipos de envolvimento escolar foram promovidos por meio da participação em uma variedade de programas musicais personalizados em quatro contextos escolares diversos. Quatro tipos de engajamento foram identificados, incluindo engajamento de indivíduos na aprendizagem, engajamento de pares, conexões com diferentes membros da comunidade e engajamento da comunidade.	Trata-se de uma pesquisa exploratória em que foram ofertados diferentes programas musicais (<i>MusicMatters</i>). As características de cada tipo de programa diferiam de acordo com a abordagem de liderança, expectativa dos alunos, grau de envolvimento dos alunos e estrutura. Os benefícios de adaptar cada programa de música para atender às necessidades e interesses exclusivos de cada comunidade escolar são ilustrados por meio dessas descobertas e articuladas as relações entre música e envolvimento escolar. Procurou-se classificar os tipos de envolvimento escolar que os funcionários descreveram ao relatar o envolvimento dos alunos nos programas musicais oferecidos. Em seguida, buscou-se identificar as características do programa que surgiram como conectadas aos diferentes tipos de engajamento. Como tal, a análise de dados foi orientada por duas questões: “Quais tipos de envolvimento são aparentes nos dados?” e “Quais características do programa estão conectadas a diferentes tipos de engajamento?”. Os funcionários responderam uma entrevista semiestruturada que teve duração de 15 a 60 min. e foram gravadas e transcritas. Os dados coletados nas entrevistas, foram categorizados. O processo foi iterativo durou 12 meses, e os dados foram coletados durante a experiência musical e interpretados.	Os autores não relatam de forma conclusiva ligação causal do envolvimento do professor e do aluno nas experiências musicais propostas, mas apontam a necessidades de mais pesquisas nesta área. Um dos resultados mais significativos, foi a constatação de que programas musicais cuidadosamente elaborados, podem promover novas formas de relacionamento entre diferentes membros da comunidade escolar. Líderes escolares vendo alunos problemáticos de forma diferente, a colegas sendo mais inclusivos, a professores descobrindo novos talentos desconhecidos em seus alunos. Destaca-se a natureza emocional e a oportunidade de novas conexões interpessoais propiciadas pelos programas musicais propostos na pesquisa.

10	O objetivo deste estudo foi examinar os níveis de estresse e a prática de autocuidado dos estudantes de Musicoterapia.	Participaram do estudo 371 alunos, estudantes de bacharelado, mestrado e doutorado em Musicoterapia. Foram aplicadas a Escala de Estresse Percebido (<i>Perceived Stress Scale</i> - PSS-10), a Escala de Autocuidado Profissional (<i>Professional Self-Care Scale</i> - PSCS) e realizada uma entrevista semiestruturada para a coleta de dados qualitativa.	Os níveis mais elevados de estresse percebido foram associados a menor frequência nas práticas de autocuidado. Foram encontradas correlações mais fracas envolvendo práticas de autocuidado e as interações sociais na vida acadêmica. Por outro lado, as correlações mais fortes foram os estresses percebidos com o tempo reduzido para ter acesso às práticas recreativas, visitar a família, frequentar a academia de ginástica. Outro aspecto estudado foi a correlação entre a autoconsciência dos sentimentos que desencadeiam o estresse e as práticas de autocuidado. Quanto menor o autocuidado, maior o estresse percebido pelos estudantes.
11	Nesta pesquisa, foram estudadas interseções entre Musicoterapia, educação musical e educação artística, como pontos de partida para uma discussão sobre a reforma educacional na política local.	Trata-se de um estudo exploratório. Neste artigo, um professor de educação musical e um musicoterapeuta, discutem as políticas para a educação especial e o ensino das artes em nível distrital. Este material foi gravado e transcrito. A discussão resultou em sugestões para políticas específicas que incluíram: (a) aumentar a compreensão dos gestores sobre Musicoterapia, educação musical e educação musical especial, para que as decisões relativas ao ensino de artes possam ser melhor informadas e centradas nas necessidades das crianças; (b) reconhecer os musicoterapeutas como profissionais da saúde que não requerem licenciatura em educação musical para atuarem no ambiente escolar; e (c) capacitar os professores de educação musical com informações necessárias e estratégias eficazes para adaptar o ensino e a aprendizagem de música para alunos com necessidades especiais.	A aliança entre as atuações do musicoterapeuta e do educador musical no ambiente escolar, traz resultados profícuos para os alunos. É proposta a integração dessas duas práticas profissionais em todos os distritos, como política local, seja dando consultoria sobre práticas inclusivas, trabalhando com pequenos grupos e indivíduos, facilitando a aprendizagem musical adaptada para os alunos especiais. Nesta proposta, seria oferecido um cuidado integral, aprendizagem e o desenvolvimento humano. Os espaços físicos de atuação seriam independentes, porém interligados pelo compartilhamento de informações.

12	<p>O objetivo desta pesquisa é avaliar a eficácia da abordagem da cognitivo-comportamental ou <i>cognitive behavior therapy</i> (CBT) com as técnicas da Musicoterapia passiva e ativa na redução da ansiedade acadêmica em alunos da geração Y.</p>	<p>Esta é uma pesquisa quase experimental, realizada com quatorze alunos do ensino médio selecionados após aplicação da escala de ansiedade acadêmica. (<i>OTterns-Tucker Academic Anxiety Coping Scale</i> - OTAACS). Esta escala foi utilizada como pré-teste para entender as estratégias de enfrentamento de cada aluno à ansiedade. O acompanhamento foi realizado em grupo ao longo 5 sessões, com duração de 100 minutos, utilizando técnicas da Musicoterapia ativa e passiva com abordagem comportamental. Foi aplicada a mesma escala (OTAACS) como pós teste. A análise dos dados foi realizada pelo tratamento da análise de variância unilateral (ANOVA)</p> <p>A técnica analítica utilizada neste estudo é a análise de variância unilateral (ANOVA) para medidas repetidas usando a ajuda do Microsoft Excel 2010 e do programa IBM SPSS para windows 23. O objetivo de usar esta técnica analítica é testar a hipótese de saber a diferença da eficácia da terapia cognitiva comportamental com a Musicoterapia passiva e a Musicoterapia ativa com base em dados de pré-teste, pós-teste e acompanhamento.</p>	<p>Os resultados realizados como grupo A (Musicoterapia passiva e no grupo B (musicoterapia ativa), foi percebido uma diferença na eficácia no pré e pós teste. Foi constatado que a Musicoterapia passiva é mais eficaz para reduzir a ansiedade acadêmica em comparação com a Musicoterapia ativa. Já a musicoterapia ativa é mais eficaz para reduzir a ansiedade acadêmica, comparada com a musicoterapia passiva, corroborando com outras pesquisas em que a Musicoterapia ativa é mais eficaz no tratamento dos transtornos de ansiedade e depressão.</p>
13	<p>O objetivo desse estudo é de examinar as funções do musicoterapeuta e do educador musical numa escola pública no nordeste dos Estados Unidos.</p>	<p>Trata-se de uma pesquisa exploratória que discute sobre a falta de conexão entre os profissionais da Musicoterapia e a Educação Musical numa escola pública. Foi realizada uma entrevista semiestruturada com quatro participantes: dois participantes que atuaram ativamente (a professora de música e a musicoterapeuta) e dois participantes (o coordenador de música do ensino fundamental e médio e a diretora da empresa contratada para a realização da Musicoterapia) que a partir de observações, fizeram a coleta de dados, e dois participantes o coordenador de música do ensino fundamental e médio e a diretora da empresa contratada para a realização da Musicoterapia. Após a coleta dos dados observados passaram pela entrevista semiestruturada.</p>	<p>A autora constata que não há comunicação entre elas sobre o processo musicoterapêutico e o desenvolvimento de aprendizagem dos estudantes. Concluiu-se que deve haver uma colaboração entre todos os envolvidos nos processos de aprendizagem dos alunos. Educação musical e Musicoterapia se diferem nos objetivos, em que no primeiro se tem objetivos pedagógicos, quanto ao que deve ser aprendido, enquanto a Musicoterapia busca alcançar a criança no tempo dela, sem a exigência de uma aprendizagem contida num currículo.</p>

14	O objetivo é fazer um levantamento dos múltiplos fatores que levam à evasão dos alunos de graduação e propor ações que possam melhorar, em alguma medida, a qualidade do curso de Musicoterapia da UNESPAR.	Esta pesquisa foi desenvolvida com uma metodologia mista relacionando dados quantitativos e qualitativos a partir da estatística descritiva. Foi realizado um questionário semiestruturado com 14 itens para investigar as motivações para a evasão do curso de Musicoterapia. Cada respondente poderia escolher uma a três opções para justificar os motivos para sua desistência.	Os autores compreendem a complexidade que envolve o tema da evasão universitária como um evento multideterminado. Neste estudo, a dificuldade financeira aparece como principal motivação para abandonar/trancar/desistir do curso de Musicoterapia da UNESPAR. Conhecer esses dados, contribui para fortalecer as políticas de permanência no curso.
15	Objetivo do trabalho é discutir sobre a importância de se levar em conta a saúde mental de estudantes universitários e apontar para formas de orientação a fim de minimizar prejuízos na aprendizagem.	Revisão de Literatura	O autor sinaliza para a necessidade dos educadores de entender as barreiras psicológicas dos alunos e a pressão a que são submetidos. A Musicoterapia se constitui numa estratégia capaz de ajudar os estudantes a aliviar a ansiedade da entrada no mercado de trabalho, as expectativas perante o futuro, as demandas sociais. Por se tratar de uma terapia auto expressiva permite a exteriorização de conteúdos internos através de um código específico, a música. O cuidado integral com a saúde mental dos estudantes, deve combinar a Musicoterapia com as psicoterapias dos grupos de aconselhamento.

Quadro 2 - Relação de artigos selecionados e ordenados com a indicação do objetivo, metodologia e principais resultados.

A partir da análise dos artigos foram encontrados os seguintes temas: Musicoterapia, Educação Musical e Tecnologia; Humanização no Ensino da Medicina; Musicoterapia com grupos de estudantes no ensino superior e educação continuada; Musicoterapia e Educação Inclusiva.

3.3 DISCUSSÃO

A análise de conteúdo dos artigos por temas baseou-se em Minayo (2008), configurando-se como uma análise temática a partir das seguintes etapas: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

Na fase pré-analítica foram determinadas as unidades de registro; a unidade de contexto (delimitação do contexto), os recortes, a forma de categorização e os conceitos teóricos gerais que orientaram a análise. A fase pré-analítica determinou a organização de quadros.

A segunda etapa, de exploração do material, consistiu em uma operação classificatória, voltada a alcançar o núcleo de compreensão do texto. A categorização envolveu o processo de redução do texto às palavras e expressões significativas. A partir desta etapa chegou-se aos temas.

Por fim, o tratamento dos resultados obtidos e enunciação, buscou os significados contidos nos textos enunciados em cada tema.

Considerando a questão norteadora desta revisão - Quais as perspectivas teóricas da Musicoterapia e suas propostas educativas? - elaborou-se o quadro abaixo, categorizando os artigos por temas.

	Categorização por Temas	Referências
1	Musicoterapia, Educação Musical e tecnologia.	ADDESSI, A. R.; BONFIGLIOLI, L. Interação reflexiva como paradigma transversal para a criatividade, educação musical e musicoterapia. Orfeu , p. 175 de 199, v.2, n.2, dez. de 2017. Acesso em: 21/06/2020. Disponível em: https://www.periodicos.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530402022017175/7502 CHAO-FERNÁNDEZ, R. et al. Emotional Training and Modification of Disruptive Behaviors through Computer-Game-Based Music Therapy in Secondary Education. <i>Appl. Sci.</i> 2020. Acesso em: 21/06/2020. Disponível em: doi:10.3390/app10051796
2	Humanização no Ensino da Medicina	AMORIM, K. P.; BEDAQUE, H. P. A Percepção dos Estudantes de Medicina sobre a Influência do Mediarte na Educação Médica. Rev. bras. educ. med. [online].

		2018, vol.42, n.2, pp.54-62. ISSN 1981-5271. https://doi.org/10.1590/1981-52712015v42n2rb20170027 .
3	Musicoterapia com grupos de estudantes no ensino superior e educação continuada	<p>DVORAK, A. L. et al. An Emerging Theoretical Model of Music Therapy Student Development.</p> <p>DVORAK, A. L.; HERNANDEZ-RUIZ, E. Outcomes of a Course-based Undergraduate Research Experience (CURE) for Music Therapy and Music Education Students. Journal of Music Therapy, 30–60 ,56(1), 2019. Acesso em: 21/06/2020. Disponível em: doi:10.1093/jmt/thy020</p> <p>KIM, B. JOSEPH, M.; WELLS, K. E. An Emerging Theoretical Model of Music Therapy Student Development. Journal of Music Therapy, 1–32, 2017. Acesso em: 21/06/2020. Disponível em: doi:10.1093/jmt/thx005</p> <p>LIU, Yueqiao. Research on mental health intervention of college students based on music therapy. Rev. Bras. Med. Esporte. Vol. 27, Special Issue, Jan/Feb/Mar, 2021.</p> <p>MOORE, C.; WILHELM, L. A. A Survey of Music Therapy Students' Perceived Stress and Self-Care Practices. <i>Journal of Music Therapy</i>, 2019.</p> <p>SITUMORANG, D. D. B.; MULAWARMAN, M.; WIBOWO, M. E.; et al. Comparison of the Effectiveness of CBT Group Counseling with Passive vs Active Music Therapy to Reduce Millennials Academic Anxiety. <i>International Journal of Psychology and Educational Studies</i>, 5 (3), 51-62, 2018. Acesso em:21/06/2020. Disponível em:http://dx.doi.org/10.17220/ijpes.2018.03.005</p> <p>NASCIMENTO, L. C. S.; BEGGIATO, S. M. O. Evasão escolar na graduação em Musicoterapia da Universidade Estadual do Paraná. Educ. Form., Fortaleza, v. 5, n. 3, e2080, set./dez. 2020. Acesso em 01/003/2021. Disponível em: https://doi.org/10.25053/redufor.v5i15set/dez.2080</p>
4	Musicoterapia, Educação Inclusiva.	<p>COOMBES, E.; Betwixt and between: Considering liminality and rites of passage in the context of music therapy in a specialist further education college.The Arts in Psychotherapy, 2019. Acesso em: 21/06/2020. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.aip.2019.101610</p> <p>EREN, B.; GUL, G. The use of Orff-based music activities for educational and therapeutic purposes with disadvantaged group of romani children. <i>Academic Journals.Educational Research and Reviews</i>. Vol. 12(22), pp. 1062-1073, 23 November, 2017.</p> <p>MCFERRAN, K. S. et al. Promoting engagement in school through tailored music programs. <i>International Journal of Education & the Arts</i>, 18(3), 2017. Acesso em:21/06/2020. Disponível em: http://www.ijea.org/v18n3/.</p> <p>SALVADOR, K.; PASIALI. V. Intersections between music education and music therapy: Education reform,</p>

		arts education, exceptionality, and policy at the local level. Arts education policy review, vol. 118, NO. 2, 93–103, 2017. Acesso em:21/06/2020. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1080/10632913.2015.1060553
5	Musicoterapia e Políticas Educacionais	SANTOS JÚNIOR, P. J.; CAIRES, E. S.; FÓFANO, C. S. Os efeitos benéficos da musicoterapia no contexto educacional. Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 4, n. 6, p. 2687-2699, out/dez. 2018. Acesso em:21/06/2020. Disponível em: https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/96#:~:text=Por%20meio%20deste%20artigo%2C%20foi,o%20desenvolvimento%20das%20habilidades%20lingu%C3%ADsticas SMITH, J. C. Hidden in Plain Sight: A Music Therapist and Music Educator in a Public School District. International Journal of Music Education, p. 1–15, 2017. Acesso em:21/06/2020. Disponível em: doi 10.1177/0255761417712319

Quadro 3 – Categorização dos artigos por temas

Na temática “Musicoterapia, Educação Musical e Tecnologia” foi incluído o artigo de Addessi e Bonfiglioli (2017) e Chao-Fernandes et.al. (2020). No trabalho de Addessi e Bonfiglioli (2017) é apresentado o paradigma da “interação reflexiva”, no âmbito do projeto MIROR¹ - *Musical Interaction Relying*. Este paradigma foi criado, por meio de novas tecnologias, para incrementar a criatividade infantil musical e motora através dos “Sistemas Musicais Interativos-Reflexivos” (SMIRs). O sistema responde repetindo as mesmas notas que o usuário executa no teclado, marcando o início de um diálogo baseado na repetição e na variação. O material que emerge entre o usuário e o SMIRs não é predeterminado pela máquina e não é apenas realizado pela criança, mas é construído por ambos na alternância de turnos. O sistema também interpreta movimentos do corpo, especialmente dos braços.

Para as autoras, a hipótese básica do projeto MIROR, favorece e apoia os processos de aprendizagem, a criatividade e a expressividade da criança. As perspectivas teóricas dos SMIRs também partem de conceitos pedagógicos. Segundo as autoras:

(...) os SMIRs recordam o conceito vygotskiano de Zona de Desenvolvimento Proximal (VYGOTSKY, 1962), estabelecendo uma interação de aprendizagem entre as crianças e o próprio sistema. Esta característica permite que as crianças desenvolvam autorregulação e

¹ MIROR (Musical Interaction Relying On Reflexion), projeto cofinanciado pela Comunidade Europeia no tema TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) do 7.º Programa de Pesquisa e Desenvolvimento da União Europeia (*Commission's Seventh Framework Programme*) (7PM / 2007-2013). Para mais informações, visite o site oficial do projeto: <www.miroproject.eu>. (ADDESSI; BONFIGLIOLI, 2017)

comportamentos de auto iniciativa, ou seja, uma abordagem centrada na própria criança. (...) a interação entre a criança e um sistema musical interativo-musical interativo-reflexivo é mais semelhante, portanto, ao modelo de interação entre pares. (ADDESSI; BONFIGLIOLI, 2017, p.183).

As autoras também ressaltam que a intervenção da Musicoterapia no ambiente escolar deve ter como foco a criança, ou um grupo de crianças ou de classes. A musicoterapia na escola constitui-se como uma intervenção relacionada a outras intervenções, educativas e/ou reabilitativas-terapêuticas de forma integrada. As autoras destacam que “a intervenção da musicoterapia visa facilitar um projeto integrador de identidade no contexto de caminhos inclusivos.” (p.189).

O principal objetivo da pesquisa de Chao-Fernandes et al. (2020) foi de verificar se o uso de um videogame musical, baseado em Tecnologia de Informação e Comunicação ou *Information and Communication Technologies* (ICTs), melhora as habilidades sociais e os comportamentos disruptivos dos alunos. São propostas duas hipóteses de trabalho: verificar se o jogo musical traz melhorias nos comportamentos disruptivos de alunos e verificar se, a partir do modelo de inteligência de Goleman², podem desenvolver outras inteligências. O autor criou o “Musichao”, um videogame musical com uma série de atividades musicais, elaboradas e adaptadas para o conteúdo curricular. Os alunos puderam experimentar os jogos nas sessões de musicoterapia, diariamente por 15 minutos. Após a interação inicial com o jogo de computador, os alunos foram orientados a avançarem nas fases do jogo em grupo, para que se ajudassem e evoluíssem no conteúdo. Em outro momento das sessões, que tinha duração de 50 minutos, o professor estimulou novas formas de comunicação a partir dos elementos sonoros como ritmos corporais, e com instrumentos musicais de percussão e “boomwhackers” ou tubos sonoros. Com a aplicação dos testes de inteligência descritos pelo autor, foram encontrados resultados estatisticamente significativos. Houve melhora nas inteligências linguística / verbal, lógico / matemática, musical, interpessoal e intrapessoal. Foi também constatada uma melhora nas habilidades sociais dos alunos com comportamentos disruptivos. Foram obtidos resultados que apontaram para medidas preventivas para ajudar os alunos com problemas comportamentais, de forma a diminuir em quantidade e intensidade os transtornos disruptivos e o controle da impulsividade. O uso dessa técnica de

² O Modelo de Inteligência Emocional proposto por Daniel Goleman, considerou cinco competências essenciais: autopercepção, autorregulação, motivação, empatia e habilidades sociais.

Musicoterapia foi projetado para adaptar elementos da música para obter resultados não musicais para essa categoria de educandos. Esta pesquisa, realizada por meio de um jogo musical educacional de computador, o “Musichao”, mostrou-se pertinente para ser replicada em outros contextos.

No tema “Humanização no Ensino da Medicina”, foi encontrado o artigo de AMORIN et al. (2018) que apresenta o projeto “Mediarte” como uma possibilidade para atender às demandas atuais da formação médica ampliada e complexa. Esse trabalho foi realizado por estudantes de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Campus Natal, no setor pediátrico do Hospital Universitário Onofre Lopes (Huol) e consistiu em intervenções de musicoterapia, ludoterapia, e palhaçoterapia junto às crianças internadas. Considerando o tripé, ensino, pesquisa e extensão, este projeto coloca em evidência a importância das atividades de extensão no ensino superior. A potencialidade deste projeto, Mediarte: “Amor e Humor”, está em contribuir para uma formação médica pautada nas novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de Graduação em Medicina, que enfatizam a importância de uma relação centrada no paciente e não apenas na doença. As práticas sensíveis ligadas às artes como a Musicoterapia, são uma oportunidade para os estudantes se relacionarem com as crianças de uma forma lúdica e criativa. Nessa perspectiva teórica, a sensibilização dos estudantes para o cuidado humanizado e integral, se apresenta como uma estratégia educacional, que poderá ser replicada e implementada em outras escolas médicas brasileiras.

No tema “Musicoterapia com grupos de estudantes no ensino superior e educação continuada”, Dvorak et al. (2017, 2019) vêm desenvolvendo programas educativos de treinamento para alunos na graduação em Musicoterapia com resultados positivos. Em 2017, desenvolveu um estudo do processo de desenvolvimento de alunos de musicoterapia com base na Teoria Fundamentada³ ou *Grounded Theory*. A teoria resultante, segundo o autor, é baseada na interpretação, construção e reflexão do aluno sobre o seu desenvolvimento dentro de um contexto sociocultural específico. Para o autor, a autoanálise e a vivência de diferentes

³ Segundo Creswell (2014), na teoria fundamentada, o investigador procura desenvolver sistematicamente uma teoria que explique o processo, ação ou interação sobre um tópico (p. 79). Esse “processo” ou “ação”, tem passos ou fases distintas que ocorrem ao longo do tempo, possuindo movimento, como por exemplo, o desenvolvimento de um programa de educação ou o processo de apoio ao corpo docente para se tornarem pesquisadores. (CRESWEL, 2014, p.78).

experiências musicais que possam reproduzir vários cenários clínicos, irão proporcionar aos estudantes de Musicoterapia, a confiança e a segurança para sua vida profissional futura. Em 2019, Dvorak et. al, realizaram uma pesquisa experimental com o objetivo de desenvolver um curso baseado em Experiências de Pesquisa de Graduação ou *Course-based Undergraduate Research Experience*⁴ (CURE) para musicoterapeutas e estudantes de educação musical. Esta pesquisa foi minuciosamente elaborada, e pode-se perceber o cuidado dos autores na descrição do passo a passo no desenvolvimento do Programa Educativo que conecta pesquisa e ensino em Musicoterapia. É uma pesquisa do tipo exploratória realizada com um grupo de estudantes de Musicoterapia e educação musical. Primeiramente, após o curso em “experiências em pesquisa”, foi investigado o que os alunos de graduação relataram em relação aos ganhos nas quatro áreas: (a) pensar e trabalhar como um cientista, (b) ganhos pessoais, (c) habilidades de pesquisa e (d) atitudes e comportamentos. Em segundo lugar, foram percebidos pelos alunos benefícios obtidos com a experiência do CURE. Além de terem preenchido um formulário com os seus dados demográficos, os alunos também participaram de uma pesquisa de autoavaliação, URSSA (*Undergraduate Research Student Self-Assessment*), antes da participação no CURE e novamente, no final do semestre. Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas, analisadas e categorizadas por temas. Os alunos preencheram o programa CITI (*Human Subjects Compliance Tutorial through the Collaborative Institutional Training Initiative*), como requisito de ética exigido, para trabalharem com seres humanos. Fizeram pesquisas sobre a literatura usando um guia de análise de pesquisa e realizaram discussões em aula. Com esse modelo, segundo o autor, é possível aumentar o número de pessoas como bolsistas ativos nas universidades. Esse modelo de curso também pode ser uma plataforma de treinamento eficaz para pós-graduados interessados em se tornarem membros do corpo docente, desenvolvendo técnicas de ensino em diferentes linhas de pesquisa, conectando pesquisa e ensino, promovendo o desenvolvimento de habilidades de pesquisa na graduação e tornando-se mentores de pesquisa

⁴ Segundo McLaughlin (2020), o método CURE envolve experiências de aprendizagem em que turmas inteiras de alunos abordam uma questão de pesquisa ou problema com resultados ou soluções desconhecidas, ou seja, desenvolvem uma integração mais estreita entre ensino e pesquisa, contribuindo para a publicação de pesquisas em periódicos científicos, e maior impacto em programas de pesquisa. (p. 49).

independentes e capazes. Assim, os resultados deste estudo apoiam os benefícios potenciais do modelo CURE para o ensino e treinamento em pesquisa em Musicoterapia e Educação musical na forma de pesquisa-ação.

Outro autor incluído neste tema foi Kim et al. (2020). Seu trabalho foi realizado em um *Hospice and Palliative Care*, ou seja, um lugar destinado aos doentes terminais e oferecendo um suporte para o final da vida. Esse trabalho tinha como objetivo a capacitação de profissionais musicoterapeutas para esta área de atuação. A pesquisa teve a duração de 4 semanas com 8 horas de treinamento por semana, com a participação de 33 profissionais musicoterapeutas. Foi feita uma entrevista semiestruturada no início e no final do programa, para comparar os resultados antes e depois do treinamento em Musicoterapia para cuidados paliativos. O programa de treinamento foi desenvolvido em fases: implementação, desenvolvimento, análise e avaliação. São previstos requisitos durante o processo de tutoria profissional para cada fase. Foi utilizado o currículo de educação padrão do “*Central Hospice Center*” dos cursos de treinamento dos Estados Unidos, para qualificação e especialização de musicoterapeutas em cuidados paliativos. Trata-se de uma pesquisa com método misto, qualitativa e quantitativa, feita durante a capacitação, para avaliar a efetividade do programa. Foram aplicados questionários pré e pós treinamento, e utilizado o teste t para comparar os valores médios dos dois grupos. Os estudantes alimentaram com dados um programa elaborado para avaliar a evolução após cada treinamento. Uma análise das respostas pré-pós mostrou melhorias significativas na pontuação em conhecimento, autoconfiança e prontidão para prática. (KIM et al., 2020). A vantagem desse programa de educação profissionalizante é atender às necessidades dos pacientes e da família com intervenções musicoterapêuticas que têm como principal foco o paciente, a contribuição para a qualidade do atendimento, além da educação continuada.

Moore e Wilhelm (2019), constataram a escassez de pesquisas sobre os altos níveis de estresse e esgotamento dos alunos durante o treinamento clínico nos programas de formação das profissões da saúde. Participaram deste estudo, 371 alunos matriculados em programas de Musicoterapia aprovados pela *American Music Therapy Association* (AMTA). Foram aplicadas a Escala da Percepção do Estresse ou *Perceived Stress Scale* - PSS (COHNEN, S.; KARMACK, T. MERMELSTEINM, R., 1983) e a Escala de Autocuidado do Aluno (SILVA, J. V.; KIMURA, M., 2002). A Escala

da Percepção do Estresse inclui 10 itens no PSS 10 em que os participantes avaliam a frequência de cada sentimento usando uma escala do tipo Likert de 5 pontos variando de 0 a 4. Segundo os autores, os níveis mais elevados de percepção do estresse percebido foram associados à menor frequência de participação nas práticas de autocuidado e interação entre os pares. As correlações mais fortes foram os estresses percebidos com o tempo reduzido para ter acesso às práticas recreativas, visitar a família, frequentar a academia de ginástica, dentre outras atividades. Outro aspecto estudado foi a correlação entre a autoconsciência dos sentimentos que desencadeiam o estresse e as práticas de autocuidado. Como resultados, observou-se que quanto menor o autocuidado, maior o estresse percebido pelos estudantes.

O objetivo da pesquisa de Situmorang et al. (2018) foi o de conhecer a eficácia da implementação do grupo de aconselhamento na abordagem da terapia cognitivo-comportamental ou *cognitive behavior therapy* (CBT) com as técnicas de Musicoterapia passiva e ativa na redução da ansiedade acadêmica em alunos. A escala acadêmica foi sugerida pela teoria da ansiedade acadêmica de Ottens (1991) e é composta por 24 itens. Este estudo utilizou aconselhamento em grupo na abordagem da terapia cognitivo-comportamental para utilizar as técnicas de musicoterapia passiva e ativa, como variável independente ou tratamento, e a ansiedade acadêmica como variável dependente. Foram selecionados 14 alunos após aplicação da escala de ansiedade acadêmica e, este resultado foi utilizado como pré-teste para entender a descrição da ansiedade de cada aluno. É uma pesquisa que utiliza o método quase experimental com medidas (pré-teste, pós-teste, acompanhamento). O acompanhamento foi feito durante o grupo de aconselhamento dos alunos, em 5 reuniões, uma vez por semana, com duração de 100 minutos, no grupo que recebeu a Musicoterapia ativa e no grupo que recebeu a musicoterapia passiva. O pós-teste realizado com a escala de ansiedade, foi aplicado novamente. A técnica analítica utilizada neste estudo é a análise de variância unilateral (ANOVA) para medidas repetidas usando a ajuda do Microsoft Excel 2010 e do programa IBM SPSS para windows 23. O objetivo de usar esta técnica analítica é testar a hipótese para saber a diferença da eficácia da terapia cognitiva comportamental com a musicoterapia passiva e a musicoterapia ativa com base em dados de pré-teste, pós-teste e acompanhamento. Foi percebido uma diferença nos resultados pré e pós teste entre os grupos A (musicoterapia passiva) e no grupo B (musicoterapia ativa). Foi

constatado que a musicoterapia ativa é mais eficaz para reduzir a ansiedade acadêmica, comparada com a musicoterapia passiva, corroborando com outras pesquisas em que a musicoterapia ativa é mais eficaz no tratamento dos transtornos de ansiedade e depressão.

A revisão de literatura de Liu (2021), teve como objetivo discutir sobre a importância de se levar em conta a saúde mental de estudantes universitários e apontar para formas de orientação, a fim de minimizar prejuízos na aprendizagem. O autor sinaliza para a necessidade dos educadores de entender as barreiras psicológicas dos alunos e a pressão a que são submetidos. A Musicoterapia se constitui numa estratégia capaz de ajudar os estudantes a aliviar a ansiedade da entrada no mercado de trabalho, as expectativas perante o futuro e as demandas sociais. Por se tratar de uma terapia auto expressiva permite a exteriorização de conteúdos internos através de um código específico, a música. O cuidado integral com a saúde mental dos estudantes deve combinar a Musicoterapia com as psicoterapias dos grupos de aconselhamento.

No trabalho de Nascimento (2021), o objetivo foi fazer um levantamento dos múltiplos fatores que levam à evasão dos alunos de graduação e propor ações que possam melhorar, em alguma medida, a qualidade do curso de musicoterapia da UNESPAR. Esta pesquisa foi desenvolvida com uma metodologia mista relacionando dados quantitativos e qualitativos a partir da estatística descritiva. Foi realizado um questionário semiestruturado com 14 itens para investigar as motivações para a evasão do curso de Musicoterapia. Cada respondente poderia escolher uma a três opções para justificar os motivos para sua desistência. Os autores compreendem a complexidade que envolve o tema da evasão universitária como um evento multideterminado. Neste estudo, a dificuldade financeira aparece como principal motivação para abandonar/trancar/desistir do curso de Musicoterapia da UNESPAR. Conhecer esses dados, contribui para fortalecer as políticas de permanência no curso.

No tema sobre “Musicoterapia e Educação Inclusiva”, três autores discutem sobre o assunto e são eles: Coombes (2019), Eren e Gul (2017) e Mc Ferran et al. (2017). Coombes (2019) propõe um modelo musicoterapêutico baseado na teoria antropológica da liminaridade e ritos de passagem. A população estudada consistiu em alunos com múltiplas deficiências e autismo, fazendo a transição do ensino médio para a faculdade. As intervenções musicoterapêuticas aconteciam, inicialmente, no

ambiente do ensino médio, numa sala inadequada com muitas mesas e escura. Como este espaço físico não estava contribuindo para o processo musicoterapêutico, a autora encontrou um novo espaço, no campus da faculdade, para dar continuidade ao trabalho, uma sala ampla, com janelas de vidro, cercada por um bosque. Este espaço físico favoreceu, segundo a autora, para que os estudantes tivessem um novo olhar sobre a realidade e contribuiu para dar um suporte de vida para eles. A autora sustenta, que esta transição para outro espaço caracteriza a liminaridade como um rito de passagem, ultrapassando limites e a separação do “comum”. Esse pensamento sugere que o fazer musical em um ambiente estimulante, mesmo com as dificuldades de comunicação linguística dos estudantes, pode ampliar a consciência para uma coexistência humana com um propósito intencional significativo, ou seja, estar preparado para assumir as responsabilidades da vida adulta. A Musicoterapia realizada em grupo, propiciou novas formas de se relacionarem, de trocas interpessoais, maior consciência das possibilidades, apesar dos limites da deficiência, criando, improvisando, fazendo música juntos, num espaço cercado pela natureza. As experiências musicais vivenciadas puderam oferecer novas ferramentas para os participantes fazerem a transição do ensino médio para a faculdade.

No artigo de Eren e Gul (2017) foi utilizado o método de observação participante para sua pesquisa. O objetivo deste estudo foi contribuir para o desenvolvimento das crianças ciganas desfavorecidas, utilizando atividades musicais baseadas no Método Orff⁵ como tocar instrumentos, cantar canções, imitar e criar padrões rítmicos corporais e instrumentais, e se expressar através da dança. Nesta pesquisa, o processo de observação foi realizado no ambiente natural das crianças ciganas. As atividades foram gravadas e transcritas. Foi também realizada uma entrevista semiestruturada com o professor da turma para obter uma perspectiva mais ampla sobre o processo de pesquisa. As abstenções das crianças na escola eram muito altas. Os resultados mostraram que as atividades musicais foram eficazes no apoio ao desenvolvimento das crianças nas áreas musicais e não musicais. As atividades musicais aumentaram a motivação para a escola e os níveis de frequência

⁵ Carl Orff (1895-1982) compositor alemão, fundamentou sua abordagem pedagógica sobre o princípio da experimentação, onde a aprendizagem se dá ao se fazer e experienciar música. O desenvolvimento musical flui do corpo enquanto o mesmo cria e expressa a musicalidade do ser. A consciência dessa corporalidade é a base da educação musical ativa, que potencializa o desenvolvimento humano nas suas dimensões física, psicológica, sensorial e intelectual.

aumentaram qualitativa e quantitativamente. As atividades musicais aumentaram a consciência, autoestima e a compreensão das crianças para sua própria cultura.

O estudo de Mc Ferran et al. (2017), iniciou a partir da pergunta norteadora: “Como a música pode ser usada para promover o engajamento dos alunos em quatro escolas australianas diferentes?”. Foi realizada uma pesquisa ação, onde os autores procuraram identificar os programas de música das quatro escolas e propuseram o projeto *MusicMatters*, cuidadosamente elaborado e personalizado. O objetivo deste estudo exploratório foi investigar de que forma os programas musicais podem favorecer o engajamento escolar. Foram identificados o engajamento na aprendizagem, entre os pares e com diferentes membros da comunidade escolar. As características de cada tipo de programa diferiam de acordo com o estilo de liderança, expectativa e grau de envolvimento dos alunos e estrutura da escola. Foi constatado que quanto maior o envolvimento dos professores nas atividades musicais, maior o envolvimento dos alunos, e o contrário também foi observado. Esta pesquisa possibilitou, através das atividades musicais, promover maior empatia com os alunos problemáticos, novas formas de relacionamento entre professor e aluno, talentos sendo descobertos, e o incremento das relações interpessoais.

Na temática “Musicoterapia e Políticas Educacionais” foram selecionados três artigos dos seguintes autores: Santos Junior et al. (2018) Salvadora e Pasiali (2017), e Smith (2017). No artigo de Salvadora e Pasiali (2017), um professor de música e um musicoterapeuta discutem a política de educação especial e o ensino de artes no município. Para ilustrar o abismo entre as políticas federais e locais em relação a alunos excepcionais e ensino de artes, examinaram as interseções da Musicoterapia e da Educação musical em relação a classes de alunos com deficiências moderadas a graves. A discussão se concentrou na qualidade da prestação de serviços em relação à aprendizagem e resultou nas seguintes recomendações: aumentar a compreensão dos administradores sobre Educação musical, Educação musical inclusiva e Musicoterapia; reconhecer os musicoterapeutas como profissionais de saúde que podem atuar junto aos educadores; capacitar a formação dos educadores musicais para melhorar o ensino e a aprendizagem de música para alunos com necessidades especiais. As autoras, embasadas na Lei de Educação de Indivíduos

com Deficiências ou *The Individuals with Disabilities Education Act* (IDEA), reforçam a importância do ensino das artes nas escolas primárias, e de serem acessíveis a todas as crianças, incluindo aquelas com deficiências. Reafirmam também, a pertinência do trabalho integrado do educador musical e do musicoterapeuta junto a essas crianças, para que atinjam progressos no currículo de educação geral.

O artigo de Santos Junior (2018) busca refletir sobre os efeitos benéficos da Musicoterapia no contexto educacional, como instrumento de desenvolvimento global do indivíduo. O autor discute os aspectos relacionados ao funcionamento da disciplina de Música proposta pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBs) e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (PCNs) para a educação básica; destaca a importância da Musicoterapia no ambiente educacional, tanto no ensino regular como no especial. Foi utilizada a revisão bibliográfica como metodologia. A Musicoterapia no contexto educacional tem como objetivos a promoção da saúde e a reabilitação. Por se tratar de uma atividade terapêutica lúdica e prazerosa, a Musicoterapia pode facilitar processos de ensino aprendizagem em outras áreas que não só a música. As experiências musicais, como a exploratória, improvisação, audição, recriação e composição promovem a interação da criança consigo mesmo e com os outros; desenvolve a psicomotricidade; a capacidade de comunicação; é uma estimulação cognitiva, afetando ao mesmo tempo o corpo, a mente e o espírito. Em sua pesquisa, Santos Junior (2018) reafirma a pertinência da inclusão do profissional musicoterapeuta qualificado integrando a equipe escolar.

Smith (2017) examina as funções do musicoterapeuta e do educador musical em uma escola municipal no nordeste dos Estados Unidos. A autora escolheu esta escola devido ao fato de haver pouca colaboração entre musicoterapeuta e educador musical junto aos alunos com necessidades especiais. A fim de discutir sobre estas duas disciplinas (educação musical e musicoterapia) nesta escola pública e as relações entre elas, as perguntas que nortearam a pesquisa foram: quais são os objetivos do professor de música e do musicoterapeuta para os alunos em suas salas de aula?; quais são as percepções do professor de música em relação ao que os alunos vivenciam nas sessões de musicoterapia?; quais são as percepções do musicoterapeuta em relação ao que os alunos vivenciam nas aulas de música?; de que forma o musicoterapeuta e o educador musical colaboram, ou não, para melhorar os resultados para alunos com necessidades especiais? A coleta de dados utilizada

na pesquisa foi uma entrevista semiestruturada realizada com quatro participantes: a professora de música e a musicoterapeuta que atuaram ativamente; o coordenador de música do ensino fundamental e médio e a diretora da empresa contratante da Musicoterapia, que fizeram observações dos profissionais. A partir da coleta dos dados observados, foi realizada uma entrevista semiestruturada com os dois profissionais atuantes. A autora constata que não há comunicação entre estes profissionais sobre o processo musicoterapêutico e o desenvolvimento de aprendizagem dos estudantes. Concluiu-se que deve haver uma colaboração entre todos os envolvidos nos processos de aprendizagem dos alunos. Educação musical e Musicoterapia diferem nos objetivos: a primeira disciplina tem objetivos pedagógicos, um conteúdo que deve ser aprendido, enquanto a Musicoterapia busca alcançar a criança no tempo dela, sem a exigência de uma aprendizagem contida num currículo.

3.3.1 Reflexões

Quais as perspectivas teóricas da Musicoterapia e suas propostas educativas? Na resposta a essa questão encontramos um conjunto de artigos agrupados a partir dos seguintes temas: Musicoterapia, Educação Musical e Tecnologia; Humanização no Ensino da Medicina; Musicoterapia com grupos de estudantes no ensino superior e educação continuada; Musicoterapia e Educação Inclusiva. Percebe-se uma diversidade de resultados com ênfase na eficácia e destacando o potencial educativo de promoção do desenvolvimento humano. Os projetos voltados para alunos de Medicina são exemplos das possibilidades de visões ampliadas a respeito das relações médico e paciente.

De modo geral, considerando as possibilidades do campo da Musicoterapia, foram encontrados poucos artigos sobre as perspectivas teóricas e práticas que podem ser implementadas, seguindo os critérios de inclusão e exclusão. Podemos entender que o objetivo terapêutico não é o objetivo pedagógico, porém se complementam em vários aspectos. A Musicoterapia pode ampliar o potencial de aprendizagem nas propostas educativas dando o suporte terapêutico, não só para os alunos, mas para o corpo social da escola como um todo, vulnerabilizado por situações como casos de *bullying* entre alunos e professores, a família distanciada do processo de

aprendizagem, abuso de substâncias químicas, depredação de patrimônio e o aumento da incidência da Síndrome de *Burnout* entre educadores.

Na interseção entre *Educação, Musicoterapia e Tecnologias* o potencial criativo e interativo dos recursos tecnológicos para aprendizagem de novas habilidades musicais e não musicais apresenta-se como uma perspectiva promissora. As pesquisas de Adessi e Bonfiglioli (2017) e de Chaos Fernandes (2020) apontam nesta direção. Na pesquisa de Adessi e Bonfiglioli (2017), se destacou a relação entre Musicoterapia e Educação musical a partir dos Sistemas Musicais Interativos-Reflexivos (SMIRs). Essa pesquisa mostrou que jogos computadorizados podem desenvolver uma interação criativa entre homem e máquina. Chaos Fernandes (2020), em seu estudo, adaptou um jogo musical ao currículo escolar e obteve resultados positivos para ajudar os alunos com problemas comportamentais, de forma a diminuir em quantidade e intensidade os transtornos disruptivos e o controle da impulsividade.

Na perspectiva da *humanização na formação dos futuros médicos*, no estudo de Amorim et al. (2018), o potencial de sensibilização da Musicoterapia na prática hospitalar favoreceu nos estudantes, um novo olhar para as crianças internadas através de uma abordagem lúdica e prazerosa. Cabe ressaltar a possibilidade de se replicar esse trabalho em outros ambientes hospitalares, conforme as novas diretrizes nacionais do curso de graduação em Medicina.

Quanto ao tema *Musicoterapia com grupos de estudantes no ensino superior e educação continuada*, foram encontrados estudos com metodologias distintas para programas de capacitação. Na pesquisa de Dvorak et al. (2017; 2019) é inicialmente concebida uma pesquisa de teoria fundamentada para depois implementar um programa de capacitação em pesquisa como parte da formação dos alunos de Musicoterapia e Educação musical na forma de pesquisa-ação. Kim et al. (2020) também propõe um programa de capacitação para profissionais musicoterapeutas numa área de aplicação clínica específica, os cuidados paliativos. Para o autor, os programas profissionalizantes para musicoterapeutas podem ser usados para avaliar as necessidades dos pacientes e aplicar a Musicoterapia de maneira analítica e sistemática devido ao treinamento do protocolo, que resolveu muitas dificuldades, resolvidas anteriormente por tentativa e erro ao realizar a Musicoterapia sem qualquer orientação padrão.

O estudo de Moore et al. (2019) examinou a correlação entre os níveis de estresse e as práticas de autocuidado, em que aponta para a necessidade de mais pesquisas e um maior investimento das instituições de ensino na prevenção de possíveis agravos na saúde mental dos estudantes. Neste sentido, a inclusão do profissional musicoterapeuta qualificado pode integrar uma equipe multiprofissional, incluindo-se aí os educadores, a fim de incrementar atividades que visem à promoção de um cuidado integral que contemple tanto a aprendizagem quanto o equilíbrio emocional dos educandos. Corroborando com esses achados, o pesquisador Liu (2021), reafirma a necessidade das instituições de ensino reconhecerem as barreiras psicológicas dos alunos. Para tal, propõem grupos de psicoterapia e de musicoterapia como estratégias capazes de oferecer um suporte psicológico para os estudantes.

O tema da evasão escolar no ensino superior também emerge nesta categoria. A pesquisa de Nascimento e Begiatto (2021), destaca esta questão como uma problemática multideterminada. Contudo, os fatores sociais e financeiros suplantam os demais. Pode-se pensar na estrutura das universidades públicas que exigem do aluno uma dedicação exclusiva para a graduação com disciplinas no turno da manhã e tarde, restando apenas o período noturno para os trabalhos exigidos. Tal fato é um obstáculo para a conciliação com um trabalho remunerado, para fazer face às despesas de alimentação, moradia, uma vez que muitos alunos são oriundos de outros municípios e estados. Neste trabalho, é focalizada a evasão dos alunos de graduação da Musicoterapia da UNESPAR, contudo, esta é uma realidade que pode ser transposta para outros cursos de graduação de outras universidades públicas.

Outro campo onde muitos trabalhos vêm sendo realizados há várias décadas, é a *Musicoterapia na educação inclusiva*. A pesquisa das autoras Eren e Gül (2017), mostra que os participantes não precisam ter formação musical para fazer parte do grupo de Musicoterapia e proporcionou às crianças vulnerabilizadas de uma comunidade cigana, motivação para irem para a escola e o aumento da frequência, qualitativa e quantitativamente, além de valorizarem a própria cultura. Na pesquisa de Coombes (2020), a autora se apropria do conceito antropológico de rito de passagem, para descrever o processo musicoterapêutico realizado com um grupo de alunos com múltiplas deficiências, que se preparavam para a vida adulta na saída do ensino médio para a faculdade ou curso técnico. Este trabalho trouxe resultados positivos e demonstrou as possibilidades de integração destes alunos a novos ambientes

educacionais. O trabalho de Mc Ferran et al. (2017) propõem o engajamento entre diferentes atores do ambiente educacional, como professores, alunos e membros da comunidade através de programas musicais elaborados com os objetivos direcionados ao incremento das relações interpessoais entre estes.

Dentro do tema *Musicoterapia e Políticas Educacionais*, os autores Santos Junior et al. (2018), Salvadora e Pasiali (2017) e Smith (2017), discutem melhorias nas políticas educacionais. Na pesquisa de Salvadora e Pasiali (2017), as autoras discutem e propõem a integração das práticas profissionais do educador musical e o musicoterapeuta nas políticas locais, para serem implementada em todos os distritos. No trabalho de Smith (2017), foi destacada a falta de comunicação entre educador musical e musicoterapeuta. A autora destaca a importância desta interação entre esses profissionais para o maior aproveitamento na aprendizagem dos alunos. Santos Junior et al. (2018), discute sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes e reflete sobre a pertinência da inclusão do musicoterapeuta profissional qualificado no ambiente educacional.

3.3 Considerações finais

Na discussão dos temas foi possível perceber melhor as práticas educativas no campo da Musicoterapia do que as suas perspectivas teóricas. Os temas encontrados na revisão de artigos de 2016 a 2021 foram: Musicoterapia com grupos de estudantes no ensino superior; Educação continuada; Musicoterapia e Educação Inclusiva. Ao lado da variedade das propostas educativas enunciadas verifica-se que existe uma crescente busca pela área da educação e uma lacuna em relação às metodologias, que não implicam em dados quantitativos e se estendem para além do ambiente escolar.

Nesse sentido, indica-se a necessidade de estudos que fundamentem mais adequadamente as possibilidades de práticas educativas a partir da Musicoterapia, uma vez que uma proposta educativa sem clara explicitação de suas bases teóricas pode recair em um fazer desvinculado de um propósito ligado ao campo de conhecimento, possibilitando que qualquer pessoa possa desenvolver práticas musicoterapêuticas e, conseqüentemente, um enfraquecimento do campo.

4. NEUROCIÊNCIA COMO PONTE ENTRE A MUSICOTERAPIA E A EDUCAÇÃO

O objetivo deste capítulo é reconhecer as aproximações da Musicoterapia com a Educação a partir da Neurociência. O capítulo integra as discussões em torno das relações entre Musicoterapia e Educação.

Inicia-se considerando que na Musicoterapia, o papel das artes, em especial da música, é fundamental para o desenvolvimento integral da criança. A arte possibilita o desenvolvimento da criatividade e da imaginação e a música faz parte desse universo. “A música não é um objeto, mas sim uma ação do homem sobre o mundo (...) se realiza como uma forma do homem entender, organizar, classificar, interagir, manipular, ser manipulado, construir, desconstruir, enfim, uma forma de se relacionar com o mundo”. (SAMPAIO, 2005, p. 22). O ser humano consiste essencialmente em um “ser em relação”, e a música pode ser considerada como território onde está acontecendo esta relação entre o homem e o mundo, segundo o musicoterapeuta Sampaio (2005).

A música é atravessada pela cultura, necessariamente, e as referências musicais nos acompanham por toda a vida, desde a vida intrauterina até a morte. Os estudos envolvendo o cérebro humano podem nos ajudar a entender como a música atua no indivíduo. Nesse sentido, propõe-se a seguinte questão: Como se expressam as relações entre a Musicoterapia, a Educação e a Neurociência? Para as autoras e musicoterapeutas, Pfeiffer e Zamani (2017, p.101), “as diferentes investigações demonstram que o aprendizado de um instrumento musical melhora as funções cognitivas e intelectuais das pessoas nos domínios musicais e não musicais.” Também, segundo essas autoras, “nos primeiros sete anos de vida existe uma ‘janela de oportunidades’ para o desenvolvimento cognitivo infantil, a qual permite o ingresso e processamento da informação auditiva sonora-musical e verbal.” (PFEIFFER; ZAMANI, 2017, p. 101). Elas demonstraram que:

A atividade musical dinâmica e a aprendizagem de um instrumento musical impactam de maneira direta e sumamente positiva para as funções executivas, as funções linguísticas e para a inteligência no geral. Através da prática de um instrumento musical, a criança pode desenvolver e melhorar diversas habilidades. Existem cada vez mais evidências científicas que dão conta de que o entretenimento musical implica em importantes benefícios que se transferem a domínios cognitivos que não estão associados com a música. (PFEIFFER e ZAMANI, 2017, p. 101).

Essas autoras defendem que o aprendizado musical, diante das circunstâncias da vida, proporciona mais agilidade e organização do funcionamento dos sistemas do organismo humano.

As mudanças de paradigmas no final do século XX, junto com os avanços da tecnologia, possibilitaram estudos relacionando a música e o cérebro a partir das neuroimagens. Pesquisas sobre a ação da música no cérebro humano aumentaram significativamente nas últimas décadas. (ZAGUINI; PIAZZETTA, 2019). Segundo Zaguini e Piazzetta (2019), campos emergentes nesses estudos são as Neurociências, Neurologia, Psicologia da Música e Musicoterapia. (ZAGUINI; PIAZZETTA, 2019, p. 116).

Muszkat *et al.* (2000) considera como música todo o processo relacionado à organização e à estruturação de unidades sonoras, seja em seus aspectos temporais (ritmo), seja na sucessão de alturas (melodia) ou na organização vertical harmônica e tímbrica dos sons. Contudo, para Correia *et al.* (1998), a compreensão das funções musicais tem sido especialmente objeto da pesquisa científica porque estruturas cerebrais específicas estão envolvidas na percepção e realização das atividades musicais. (CORREIA *et al.*, 1998 p. 748).

Segundo Rizzo e Fernandes (2018, p.14), “ao tocar um instrumento, o cérebro faz inúmeras conexões e interrelações de seus neurônios, isso porque, segundo os neurocientistas, o cérebro todo é utilizado, principalmente o córtex visual, o auditivo e o motor.” Neste sentido, a música permite que os dois hemisférios do cérebro trabalhem conjuntamente, utilizando capacidades linguísticas e matemáticas ao mesmo tempo e, por isso, essa atividade do cérebro permite que músicos, por exemplo, resolvam problemas de maneira mais eficiente e criativa, envolvendo áreas acadêmicas e sociais. (RIZZO; FERNANDES, 2018, p. 14). Segundo os autores:

Por terem de compreender mensagens emocionais e conteúdo, músicos possuem maiores níveis de funções executivas, uma categoria que envolve tarefas inter-relacionadas que incluem planejamento, elaboração de estratégias e atenção a detalhes e exige análise cognitiva e emocional simultânea o que impacta no trabalho dos sistemas de memória. Devido a isso, eles criam, estocam e recuperam memórias mais rapidamente e de maneira mais efetiva por meio de palavras-chave ou *tags* relacionadas a certas emoções. (RIZZO; FERNANDES, 2018, p.15).

Para Rizzo e Fernandes (2018), os neurocientistas ainda não encontraram nenhuma outra atividade humana que permita tanto desenvolvimento cerebral que se compare à prática de tocar instrumento musical. Essas evidências estão ligadas à

prática de instrumento musical na Educação, o que significa que o objetivo do ensino da música é a aprendizagem com ênfase na estética musical. Na Musicoterapia, a estética musical não é o principal objetivo, mas sim a interação com objeto sonoro e com o musicoterapeuta, a partir das referências históricas, sociais e culturais do indivíduo. Para Rizzo e Fernandes (2018):

Essas constatações neurocientíficas de alguma maneira se confirmam na teoria de Piaget (1973) que afirmou em seus estudos que o desenvolvimento intelectual humano depende de um conjunto de fatores biológicos, sociais, experiência física e o processo de equilíbrio. Esses fatores estão imbricados e são indissociáveis entre si. Conforme Cuervo (2009), essa afirmação de Piaget também se relaciona à música, pois ela depende de um conjunto de fatores que extrapolam a técnica. (RIZZO; FERNANDES, 2018, p.15).

Outra evidência importante, segundo a citação de Rizzo e Fernandes (2018), foi a de que Santos e Parra (2015) investigaram a interrelação entre música e as Neurociências por meio de revisão bibliográfica, correlacionando música e emoção, música, cognição e aprendizagem. Como resultado de sua pesquisa, Santos e Parra (2015) *apud* Rizzo e Fernandes (2018), concluíram que a música ativa diversas estruturas cerebrais, como o sistema límbico, responsável por emoções e comportamentos sociais. (FERNANDES; RIZZO, 2018, p.15).

Um importante autor da Psicologia da Educação, que apresentou a visão de indissociabilidade entre emoção e cognição, considerando a plasticidade cerebral, é Vygotsky. Na visão de Vygotsky (2001), a emoção faz parte de momentos infinitamente pequenos dos quais se faz a criação do artista e só podem ser encontrados quando o homem se entrega a ela (VYGOTSKY, 2001, p. 42). Sendo assim, entende-se que, segundo Oliveira (2003), “enquanto a Psicologia do tipo experimental deixava de abordar as funções psicológicas mais complexas do ser humano, a Psicologia mentalista não chegava a produzir descrições desses processos complexos em termos aceitáveis para a ciência” e, justamente por isso, segundo a autora, existiu a “tentativa de superar essa crise da Psicologia que Vygotsky e seus colaboradores buscaram: uma abordagem alternativa para uma síntese entre as duas abordagens daquele momento.” (OLIVEIRA, 2003, p. 23).

Para abordarmos as relações entre a Neurociência e a Educação, é necessário entender que o século XXI é considerado o “Século do Cérebro”. Isso porque, segundo pesquisadores da área, anterior a esse período, poucas pesquisas são encontradas sobre assuntos relacionados à Neurociência ou sobre a Biologia Educacional.

(CUERVO; ROSAT, 2018). Muszkat *et al.* (2000) *apud* Cuervo e Rosat (2018) corroboram com o crescente interesse interdisciplinar entre Música e Neurociências, e isso reflete-se em mudança paradigmática, “cuja ocorrência se dá tanto nas chamadas ciências humanas quanto nas ciências biológicas, na qual as especializações dão lugar às fronteiras e à unificação de áreas antes seccionadas do conhecimento, como as ciências e as artes”. (CUERVO; ROSAT, 2018, p. 175).

Há poucas décadas, a Pedagogia começou a se interessar pelo estudo do funcionamento cerebral, e o estudo do sistema nervoso, como base material sobre a qual se dá a aprendizagem. Segundo Amaral (2016):

Em espanhol, além das expressões anteriores, é utilizada a denominação *Neurociencias de la Educación*. Já em língua inglesa, são usuais as expressões *Mind, Brain and Education Science* e *Educational Neuroscience(s)*, além de *Neuroeducation*. A existência dessas diferentes denominações pode ser entendida como sintomática do fato de que as interlocuções entre Educação e Neurociências são bastante recentes, não constituindo, ainda, um campo disciplinar bem consolidado. Além disso, a pluralidade das áreas de origem dos pesquisadores interessados em estabelecer esse diálogo pode contribuir para a proliferação dessas diferentes denominações. (AMARAL, 2016, p. 50).

Para o autor, atualmente, tem-se em vista a disseminação e a valorização dos conhecimentos da Neurociência no ‘século do cérebro’. A inclusão desses saberes no currículo de “cursos de Pedagogia constitui um fenômeno sintomático da sociedade contemporânea, contribuindo, ao mesmo tempo, para reforçar e consolidar a centralidade das Neurociências.” (AMARAL, 2016, p. 53). Continua o autor dizendo que o estudo das neurociências busca estabelecer uma interlocução com as Humanidades. Para Amaral (2016):

(...) outros achados das Neurociências mostram que o aprendizado é mais eficaz quando o indivíduo tem a possibilidade de aprender na interação com seus pares. Contudo, para o pesquisador, nenhum educador ou teórico da Educação jamais teria proposto que o melhor aprendizado é o que ocorre isoladamente: Vygotsky já teria chegado às mesmas conclusões sem necessitar de imagens cerebrais ou estudos neurocientíficos. Nesse sentido, o autor argumenta que as Neurociências apenas vestiriam em “trajes da moda” conhecimentos que já estão consolidados na Educação. (AMARAL, 2016, p. 57).

Na percepção de Amaral (2016, p. 59), entendemos que as “explicações biológicas e sociais não são necessariamente incompatíveis, até porque o ser humano é dotado simultaneamente de uma dimensão biológica e uma dimensão social, as quais se articulam entre si.” Almeida e Falcão (2008) contribuem com este ponto de

vista, colocando que “o organismo experimentaria seu ambiente em um processo interativo contínuo, ajustando-se e mudando, deixando impressões no seu sistema epigenético,⁶ em seu genoma bem como no ambiente, sendo tais impressões passadas às gerações.” (ALMEIDA; FALCÃO, 2008, p. 529). Assim, não haveria nenhuma separação entre o desenvolvimento e a evolução, e o organismo participaria ativamente neste processo, bem como da evolução de sua comunidade ecológica. (ALMEIDA; FALCÃO, 2008). Portanto, entende-se, segundo Amaral (2016), que pesquisadores dessa nova área:

ênfatizam que a adequada compreensão do sistema nervoso não pode ocorrer sem que se leve em conta a importância de fatores socioculturais, pois ele se modifica a partir das situações de aprendizagem a que uma pessoa se expõe ao longo de sua vida, bem como das interações que ela estabelece com o meio em que vive. (AMARAL, 2016, p. 98).

Oliveira (2003), Stoltz (2012) e Zaguini, Stoltz e Ansay (2021), baseadas em Vygotsky, corroboram que o desenvolvimento ocorre a partir da interação do organismo individual com o meio físico e social em que vive, e as atividades psicológicas mais sofisticadas, ou superiores, são fruto desse processo. No campo da Educação musical, podemos ver extraordinários avanços, como argumentam as autoras Cuervo e Rosat (2018), no que concerne às possibilidades investigativas do engajamento neural diante do comportamento musical, em que se abre um campo de estudos sobre processamento musical no cérebro, fortalecido por pesquisas interdisciplinares acompanhadas pela tecnologia de ponta, em particular os mecanismos de imageamento funcional. (CUERVO; ROSAT, 2018, p. 174).

Para Cuervo e Rosat, esses estudos visam enriquecer a compreensão sobre o funcionamento neuronal, sem a necessidade de utilização de técnicas invasivas ou da limitação dos estudos de cérebros lesionados. Constataram, assim, o acentuado empenho investigativo envolvendo as Neurociências e a Música, baseadas na ideia de que o fazer musical promove plasticidade neuronal de modo significativo, com ampliação morfológica visível das áreas engajadas, pois muitos estudos constataram a diferença da anatomia do cérebro do músico profissional, comparada ao escritor ou artista visual. (CUERVO; ROSAT, 2018). Na Musicoterapia, através do “fazer

⁶ É a ciência biológica que trata dos mecanismos moleculares envolvidos na interação entre fatores ambientais e a expressão da informação contida no DNA. A regulação epigenética modula a expressão gênicas.

musical”, é possível proporcionar, ao participante, melhor desenvolvimento de suas capacidades e habilidades cognitivas. A música é capaz de acessar diversas sensações e tem sido o principal foco das pesquisas neurocientíficas.

As aproximações das Neurociências com o campo da Musicoterapia se encontram em estudos como o de Zaguini e Piazzetta (2019), no qual reavaliaram o modelo cognitivo da audição musical de Stefan Koelsch. Para as autoras, Koelsch (2005; 2011) desenvolveu um modelo cognitivo da audição musical, que oferece uma compreensão sobre os primeiros estágios do processamento musical cerebral, pois para ele os estímulos auditivos são traduzidos em neurosinais ou sinais elétricos de alta frequência pela cóclea e, progressivamente, transformados no tronco encefálico auditivo, pois são estruturas que envolvem a emoção e o controle do comportamento emocional.

Conforme Moreira et al. (2012), foi em meados dos anos 1990, que o musicoterapeuta Michael Thaut, sistematizou a proposta denominada Musicoterapia Neurológica, que foi por ele definida como “a aplicação terapêutica da música para estimular mudanças nas áreas cognitivas, motoras e de linguagem após doença neurológica”. (MOREIRA et al., 2012, p. 6). Portanto, os estudos sobre música e cérebro, segundo Pfeiffer e Zamani (2017), vêm contribuindo cada vez mais para pesquisas no campo da Musicoterapia, a partir de parâmetros baseados no conhecimento e na validação dos resultados. Considerando que a Neurociência é um campo de conhecimento que abrange outros, é importante que tenhamos em mente a possibilidade de novas evidências e comprovações científicas para sustentar novos olhares numa perspectiva transdisciplinar, o que justifica a presente revisão Integrativa.

4.1 MÉTODO

A pergunta que norteou as buscas da revisão integrativa da literatura foi: Como se expressam as relações entre a Musicoterapia, a Educação e a Neurociência? Nesse sentido foi realizada a busca de artigos nos seguintes indexadores eletrônicos: CAPES, EBSCO, ERIC e SciELO. Foi realizada, também, a busca no *Journal of Music Therapy* e *Voices*, para levantar estudos no campo da Musicoterapia que dizem respeito ao campo da Educação e das Neurociências.

A revisão integrativa da literatura permite compilar informações relevantes e entender o estado da arte sobre como se expressam as relações entre os campos de conhecimento, utilizando-se para isso de publicações de estudos experimentais e não-experimentais, teóricos e empíricos e por isso, possui uma ampla abordagem metodológica (WHITTEMORE, 2005). Entende-se que a revisão integrativa, segundo o autor, possibilita o encontro de estudos que retratem a mesma temática, mas com concepções, abordagens e análises distintas, proporcionando uma vasta compreensão do problema em questão.

Os descritores utilizados para a revisão integrativa foram “musicoterapia”, “educação”, “educação musical” e “neurociência”, correspondendo em inglês: *music therapy*, *education*, *music education* e *neuroscience*. Os operadores booleanos utilizados foram “AND” e “OR” e foram realizados os cruzamentos possíveis pela combinação dos descritores utilizados.

Os critérios estabelecidos para a inclusão dos estudos foram: (a) artigos, indexados, revisados por pares; (b) nos idiomas inglês, espanhol e português; (c) publicados no período de janeiro de 2016 a março de 2021; (d) com temática pertinente ao objetivo da revisão. Esses critérios foram estabelecidos pelo grau de rigor, assim, as publicações entre 2016 e 2021 visaram contemplar estudos recentes, para entender o panorama da produção científica atual e apontar possíveis lacunas e abertura para novos estudos. Os critérios de exclusão adotados foram: artigos não revisados por pares; artigos repetidos; em outra língua que não inglês, espanhol e português; a temática distanciada do objetivo da revisão integrativa; e os artigos anteriores a 2016.

Após o levantamento bibliográfico foi realizada a minuciosa leitura do título, resumos e palavras-chave. Foi feita a combinação dos descritores com os termos utilizados nos estudos, excluindo os artigos que não se enquadram nos critérios de inclusão, contabilizados uma única vez os artigos repetidos. Após a realização desta etapa, foi feita uma nova seleção considerando a relação com o objetivo e selecionados os artigos pertinentes, com filtros das bases de dados que continham Musicoterapia, neurociência e Educação ou Educação Musical. Foram excluídos artigos que não tivessem nenhuma relação com a Musicoterapia e/ou com a Educação.

O procedimento de seleção dos artigos pautou-se na presença dos descritores em inglês e português e nas palavras-chave contidas nos títulos e nos resumos, com filtros que continham Musicoterapia, neurociência e Educação ou Educação Musical. Foram excluídos artigos que não tivessem nenhuma relação com a Musicoterapia e/ou com a Educação. A primeira seleção resultou em um total de 2.295 artigos, assim distribuídos: 506 (quinhentos e seis) na CAPES, 433 (quatrocentos e trinta e três) na EBSCO, 3 (três) na ERIC, 1.141 (mil cento e quarenta e um) na Pubmed/Medline, 184 (cento e oitenta e quatro) na SciELO, 27 (vinte e sete) no *Journal of Music Therapy* e um artigo no VOICES. Após a leitura dos títulos e a leitura sistemática dos resumos, foram excluídos 2.258 (dois mil novecentos e cinquenta e oito artigos), resultando no total de 37 (trinta e sete) artigos. Dos 37 artigos, três foram excluídos por serem repetidos, perfazendo o total de 34 (trinta e quatro) artigos selecionados.

Após a leitura na íntegra dos artigos, foram excluídos 23 (vinte e três), o que resultou em 11 (onze) artigos para a análise dos dados. Entre os temas dos artigos excluídos estão: Modelo de Terapia com Música; Musicoterapia Clínica; Habilidades Cognitivas e Neurológicas; Educação e Neurociência; Musicoterapia; Neurociência e Formação Social; Educação, Artes e Música; Artes, Ciência e Educação; Escuta Ativa e Educação Musical; Educação e Inteligências Múltiplas; Música e Aprendizagem; Educação Física e Terapia Pedagógica; Musicoterapia e Cérebro. Esses artigos foram excluídos por não corresponderem ao objetivo do capítulo.

Na figura abaixo, a representação dos passos realizados:

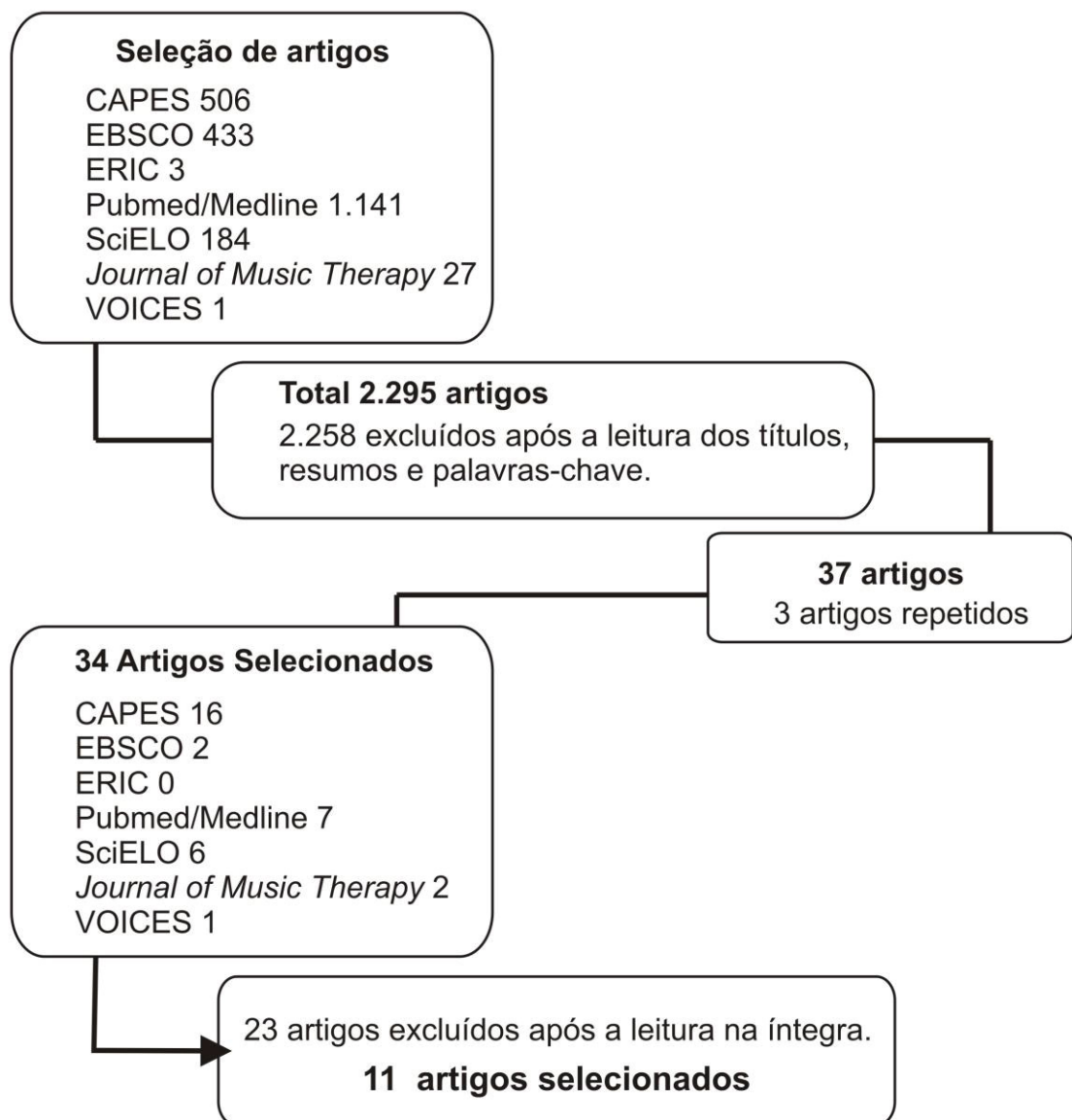


Figura 2 - Fluxograma de seleção dos artigos revisão integrativa.
Fonte: as autoras (2021).

4.2 RESULTADOS

No quadro quatro encontra-se a relação dos artigos selecionados com a indicação do: título, autor, ano, periódico, país e natureza.

	Título	Autor	Ano	Periódico	País	Natureza
1	Creative music therapy to promote brain structure, function, and neurobehavioral outcomes in preterm infants: a randomized controlled pilot trial protocol	HASLBECK, Friederike Barbara; BUCHER, Hans-Ulrich; BASSLER, Dirk; HAGMANN, Cornelia.	2017	<i>Pilot and Feasibility Studies</i>	Suíça/ Zurique	Empírico
2	Music From the Very Beginning - A Neuroscience-Based Framework for Music as Therapy for Preterm Infants and Their Parents	HASLBECK, Friederike Barbara; BASSLER, Dirk.	2018	<i>Frontiers in Behavioral Neuroscience</i>	Suíça/ Zurique	Empírico
3	Efectos de la Musicoterapia en las relaciones sociales de grupos de adolescentes en un centro educativo.	PÉREZ, Miren Eizaguirre.	2017	<i>Revista Electrónica Complutense de Investigación en Educación Musical</i>	La Roja/ Espanha	Empírico
4	Implementing Family-Based Musical Interventions in Family Therapy: A Mixed-Methods Research	NEMESH, Beth.	2017	<i>Contemporary Family Therapy</i>	Estados Unidos / Cambridge	Empírico
5	An Emerging Theoretical Model of Music Therapy Student Development	DVORAK, Abbey L.; HERNANDEZ-RUIZ, Eugenia.; JANG, Sekyung.; KIM, Borin.; JOSEPH, Megan; WELLS, Kori E.	2017	<i>Journal of Music Therapy</i>	Estados Unidos / Kansas	Empírico
6	Randomized controlled evaluation of the effect of music therapy with cognitive-behavioral therapy on social anxiety symptoms	EGENTI, Nkechi T.; EDE, Moses O.; NWOKENNA, Edith N.; OFORKA, Theresa; NWOKEOMA, Bonaventure N.; MEZIEOBI,	2019	<i>Medicine</i>	Nigéria / Abakaliki	Empírico

		Daniel I.; ONAH, Sabastian O.; EDE, Kelechi R.; AMOKE, Chijioke; OFFORDILE, Edmund E.; EZEH, Ngozi E.; EZE, Celestine O.; ELUU, Patrick E.; AMADI, Kingley C.; UGWUANYI, Benedict E.; UZOAGBA, Ngozi C.; UGWONNA, Grace O.; NWEKE, Maduka L.; VICTOR- AIGBODION, Vera.				
7	Is restlessness best understood as a process? Reflecting on four boys' restlessness during music therapy in kindergarten.	HELLE- VALLE, Anna; BINDER, Per- Einar; ANDERSSEN, Norman; STIGE, Brynjulf.	2017	<i>Taylor & Francis Group</i>	Norue ga/Berg en	Empírico
8	A Survey of Music Therapy Students' Perceived Stress and Self-Care Practices	MOORE, Carolyn; WILHELM Lindsey A.	2019	Journal of Music Therapy	Estado s Unidos / Texas	Empírico
9	Music Therapy and Neuroscience: Opportunities and Challenges	O'KELLY, Julian.	2016	<i>VOICES</i>	Reino Unido/ Londres	Teórico
10	Biological bases of human musicality	PERRONE- CAPANO, Carla; VOLPICELLI, Floriana; PORZIO, Umberto.	2017	<i>Reviews in the Neuroscienc es- De Gruyter</i>	Itália/ Nápoli s	Teórico
11	Feasibility of the Musical Contour Regulation Facilitation (MCRF) Intervention for Preschooler Emotion Regulation Development: A Mixed Methods Study	MOORE, Kimberly Sena; HANSON- ABROMEIT, Deanna	2018	<i>Journal of Music Therapy</i>	Estado s Unidos / Miami	Empírico

Quadro 4 - Título, Autor, Ano, Periódico, País e Natureza

Identificamos que, em 2016, foi publicado um artigo (O'KELLY, J.). Em 2017 foram publicados 6 (seis) artigos (HASLBECK, et al.; PÉREZ, M.; NEMESH, B.; DVORAK, A. L. et al.; HELLE- VALLE, A. et al.; PERRONE-CAPANO, C. et al.), 2 (dois) em 2018 (HASLBECK, et al.; MOOR, K. S., HANSON-ABROMEIT), e 2 artigos em 2019 (GENTI, N. T. et al.; MOORE et al.). Os artigos foram encontrados nas seguintes revistas eletrônicas: *Journal of Music Therapy (JMT)*, *Pilot and Feasibility Studies*, *Frontiers in Behavioral Neuroscience*, *Revista Electrónica Complutense de Investigación en Educación Musical*, *Contemporary Family Therapy*, *Medicine*, *Taylor & Francis Group*, *VOICES*, *Reviews in the Neurosciences- De Gruyter*. A revista que se destaca com mais artigos relacionados é a *Journal of the Music Therapy*, com três artigos publicados.

Quanto ao país em que os artigos foram publicados, a maioria foi nos Estados Unidos com quatro artigos (DVORAK, A. L. et al.; MOORE et al.; MOOR, K. S.; HANSON-ABROMEIT; NEMESH, B.), em seguida, a Suíça (HASLBECK, et al.), com dois artigos, o Reino Unido (O'KELLY, J.), a Espanha (PÉREZ, M.), a Nigéria (EGENTI, N. T. et al.), a Noruega (HELLE- VALLE, A. et al.) e a Itália (PERRONE-CAPANO, C. et al.), com um artigo.

4.3 DISCUSSÃO

Considerando a questão norteadora desta revisão - como se expressam as relações entre a Musicoterapia, a Educação e a Neurociência? - elaborou-se os quadros abaixo no sentido de organizar o material encontrado.

A análise de conteúdo dos artigos por temas e sem o uso de tratamento estatístico, baseou-se em Minayo (2008). Foram seguidas as seguintes etapas: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação.

No Quadro 5 indica-se os artigos ordenados por objetivo, metodologia e os principais resultados. No Quadro 6, classificam-se os artigos em centro de pesquisa do autor e suas principais produções no Quadro 7, categorizou-se as pesquisas encontradas em três temas, a saber: Musicoterapia, Neurociência e Desenvolvimento; Musicoterapia e Educação - Ações Preventivas; e Musicoterapia, Neurociência e Educação.

	Objetivo	Metodologia	Resultados da Pesquisa
1	Avaliar a viabilidade da implementação de um do protocolo e investigar o potencial de eficácia da intervenção da Musicoterapia criativa para o desenvolvimento cerebral em bebês prematuros.	Trata-se de um ensaio clínico piloto, randomizado prospectivo controlado, realizado em um único centro com 60 prematuros clinicamente estáveis com idades gestacionais abaixo de 32 semana. Esta pesquisa foi desenvolvida para preparação de um estudo multicêntrico. Trinta crianças foram randomizadas para o cuidado intensivo neonatal e outros 30 para o cuidado intensivo neonatal com a Musicoterapia criativa. As intervenções musicoterapêuticas, tinham uma frequência de três vezes por semana com a duração aproximada de 20 minutos e os musicoterapeutas qualificados cantavam, no estilo musical acalanto, ajustando o andamento rítmico e a maneira de cantar, conforme o estado dos bebês. As escalas foram utilizadas as escalas <i>Bayley Scales of Infant and Toddler - 3rd edition</i> para a avaliação do neurodesenvolvimento padrão para idade corrigida e <i>Kaufman Assessment Battery for Children</i> .	A pesquisa está em andamento e o impacto da abordagem da Musicoterapia criativa para o desenvolvimento cerebral dos bebês nascidos prematuros, deverá ser elucidada. Trata-se de uma intervenção de baixo custo, baixo risco, com vistas para um estudo multicêntrico. No mundo, aproximadamente 15 milhões de crianças nascem prematuras. Bebês prematuros são vulneráveis e podem apresentar atraso no neurodesenvolvimento, déficits nas funções executivas, como atenção, memória de trabalho, planejamento. Fatores como os ruídos no ambiente da UTI neonatal podem induzir níveis altos de estresse e comprometer o neurodesenvolvimento. Portanto este estudo se apresenta como promissor e poderá contribuir com amplas aplicações clínicas para essa população de pacientes vulneráveis.
2	O objetivo deste estudo é a integração do bebê com os pais, através da Musicoterapia.	Neste estudo, foi realizada a microanálise dos vídeos de 122 sessões de Musicoterapia com 18 bebês prematuros, de diferentes origens sociais e diagnósticos, e seus pais. A abordagem utilizada foi a Musicoterapia Criativa.	O contato social e a estimulação auditiva adequada com a música contribuem para o desenvolvimento do cérebro, minimizando sequelas futuras do neurodesenvolvimento do bebê. A plasticidade das regiões auditivas está fortemente dependente da qualidade das experiências auditivas que são fatores neuroprotetores significativos. A Musicoterapia pode

			integrar, através de experiências musicais, a rede familiar dos bebês prematuros, propiciando uma estimulação sensorial, capaz de reduzir o estresse tanto dos bebês quanto dos pais, além de contribuir para melhora de parâmetros fisiológicos e estados comportamentais do bebê. como saturação de oxigênio, batimento cardíaco, qualidade do sono.
3	O Objetivo desse estudo foi investigar se as sessões grupais de Musicoterapia modificariam as relações existentes nos grupos de adolescentes das turmas do terceiro e quarto ano do Ensino Secundário Obrigatório (ESO) numa escola em Madri. A variável independente eram as percepções que os alunos tinham de suas relações social.	Trata-se de um estudo exploratório. A amostra foi formada com 24 participantes (7 mulheres e 17 homens), que pertenciam a faixa etária de 15 a 17 anos, do terceiro e quarto ano. Doze dos participantes eram de origem espanhola, e os outros doze eram latino-americanos. A pesquisa teve consentimento da família, dos alunos e da direção e do conselho da escola. As sessões aconteceram uma vez por semana, com duração de 50 minutos, durante o semestre. Nesta amostra foram selecionados um grupo controle e um grupo experimental de cada turma. Os grupos experimentais foram expostos a Musicoterapia. Para a coleta de dados realizaram o Teste STAI (<i>State-Trait Anxiety Inventory</i>) ou Inventário de Ansiedade Traço-Estado (IDATE) e os sociogramas de Jacob Levy Moreno, realizados antes e ao final do processo. Diretiva estruturada para diminuir ansiedade.	Diante dos resultados obtidos, pode-se considerar que a hipótese principal é reforçada, as sessões de Musicoterapia influenciam as relações sociais nos grupos de adolescentes selecionados. Observou-se que os alunos que ficaram no centro do diagrama por terem sido escolhidos em sua maioria entre eles, eram quatro integrantes do grupo experimental, ou seja, compareciam às sessões de Musicoterapia. Os grupos apresentaram melhores resultados quanto às habilidades sociais. É um estudo que apresenta limitações metodológicas por constituir uma amostra pequena, contudo como as sessões foram feitas ao vivo, não foi possível formar grandes grupos. A melhora das habilidades sociais é um aspecto significativo a ser considerado nos contextos educacionais. Podem proporcionar aos alunos novas possibilidades de convivência de reciprocidade e comunicação. A Musicoterapia fornece ferramentas que promove a socialização para o seu aspecto preventivo.
4	O propósito deste estudo foi obter um entendimento do valor terapêutico e aplicabilidade clínica das intervenções musicais com a família no contexto da terapia familiar.	É uma pesquisa com métodos mistos que utiliza o modelo teórico da Juliette Alvin, baseado na improvisação livre com o uso de instrumentos musicais e o modelo de	Dos 35 participantes, 18 concluíram o estudo. Os motivos que levaram 17 participantes a desistirem do programa foram: falta de confiança nas habilidades musicais, consultórios sem tratamento acústico adequado, dificuldade com

		<p>terapia familiar de Virginia Satir. Este estudo foi realizado com uma amostra de 35 terapeutas familiares, com pouca formação musical, com a duração de seis meses e 38 sessões, realizada em quatro fases: 1 - coleta de dados demográficos dos participantes; 2 - realização de um treinamento com intervenções musicais, com duração de três horas, dado por um musicoterapeuta. 3 - Intervenções musicais pelos terapeutas familiares em suas práticas clínicas; 4 - aplicação de entrevista semiestruturada após fase três.</p>	<p>a seleção de instrumentos de fácil transporte.</p> <p>Contudo, a autora constatou que a realização desses treinamentos de curto prazo, podem agregar intervenções musicais criativas como parte das habilidades de um terapeuta familiar.</p>
5	<p>O objetivo deste estudo foi criar um modelo teórico sobre o processo de desenvolvimento dos alunos de Musicoterapia, de uma Universidade no Centro-Oeste dos Estados Unidos.</p>	<p>O processo de pesquisa da teoria fundamentada é interativo e aberto, e os pesquisadores são considerados parte do que estudam e não separados disso. Os pesquisadores constroem uma teoria fundamentada por meio de “envolvimentos e interações passadas e presentes com pessoas, perspectivas e práticas de pesquisa”. Os pesquisadores “interagem e interpretam suas comparações e análises emergentes” dos dados. Esta prática de teorização interpretativa molda continuamente o conteúdo e a direção do estudo. As entrevistas realizadas com os participantes forneceram material para a análise qualitativa dos dados. Os 15 participantes passaram por 60 minutos de entrevista</p>	<p>A teoria resultante, segundo o autor, é baseada na interpretação, construção e reflexão do aluno sobre o seu desenvolvimento dentro de um contexto sociocultural específico. Para o autor, a autoanálise e a vivência de diferentes experiências musicais que possam reproduzir vários cenários clínicos, irão proporcionar aos estudantes de Musicoterapia, a confiança e a segurança para sua vida profissional futura.</p>

		semiestruturada e 20 minutos para uma avaliação. Essas entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas. Os fenômenos observados foram tabulados e categorizados, emergindo daí, os conceitos que irão alicerçar a teoria fundamentada.	
6	Examinar os efeitos da Musicoterapia associada à terapia cognitivo-comportamental na ansiedade social em uma amostra de alunos adolescentes do ensino secundário no sudeste da Nigéria.	Ensaio clínico randomizado controlado. Teve duração de doze semanas com frequência de uma sessão semanal com duração de uma hora. Para as análises dos dados foram utilizados ANOVA, para amostra repetidas e o teste U de Mann-Whitney, para comparar mudanças entre os grupos experimental e controle. A amostra total foi constituída por 155 adolescentes (78 no grupo de estudos e 77 no grupo controle). O tamanho da amostra foi verificado usando o software GPower. O manual <i>Music Therapy with Cognitive Behavioral Program</i> (MTCBP) foi utilizado para agregar técnicas cognitivo-comportamentais às intervenções musicoterapêuticas. O teste t foi utilizado para as amostras ligadas. Foi realizado o pós teste após o encerramento das intervenções e um <i>follow up</i> de um mês.	O grau de severidade da ansiedade social do grupo de estudo em relação ao grupo controle, diminuiu com a intervenção da Musicoterapia associada a terapia cognitivo comportamental. Os efeitos positivos foram mantidos no <i>follow up</i> . O autor mostrou que a Musicoterapia é uma abordagem significativa capaz de melhorar o bem-estar e a integração social. Esses achados corroboram o com outros estudos na literatura que indicam que habilidades sociais podem ser melhoradas com intervenções musicais e podem ajudar os profissionais que trabalham com adolescentes com desordens sociais limitantes. A associação de técnicas da Musicoterapia com técnicas da terapia cognitivo-comportamental pode colaborar para a diminuição fobias sociais entre adolescentes.
7	O objetivo geral deste artigo é promover uma reflexão sobre a inquietação das crianças, com as seguintes perguntas norteadoras: Como a inquietação das crianças pode ser entendida como um	Este estudo apresenta estudos de casos, que foram coletados no corpo do projeto " <i>Community Music Therapy Project</i> ", realizado em um jardim de infância na Noruega. A amostra foi constituída de nove crianças,	A análise dos dados foi realizada em etapas. Primeiro foram realizadas análises dos vídeos das sessões, em seguida foram selecionadas quatro crianças para o estudo de caso e analisado o material coletado referente aos episódios de inquietação observado nos vídeos. Estes episódios foram

	<p>processo? Como a pesquisa da Musicoterapia comunitária pode descrever qualidades específicas relacionadas a esse processo?</p>	<p>meninos e meninas, nas faixas etárias de 5 e 6 anos, sendo selecionados quatro meninos para os estudos de caso. Um dos autores, observou, participou e supervisionou dois musicoterapeutas clínicos <i>do Educational and Psychological Counselling Service</i>, na cidade de Bergen, e dois líderes educacionais participaram como facilitadores da sessão da Musicoterapia. A duração do projeto foi de um mês, com frequência de três vezes por semana com a duração de três horas. Jogos musicais estruturados e improvisação musical foram utilizados como técnicas para a aproximação dos participantes com a Musicoterapia. Para este estudo de caso foram selecionadas quatro crianças que se apresentavam mais agitadas quando juntos. Foram realizadas duas gravações de vídeo para microanálise e realizadas entrevistas semiestruturadas, com as crianças e os líderes educacionais.</p>	<p>divididos em fases que foram nomeadas, discutidas e revisadas. Em seguida, foi elaborado um relatório e distribuídos entre os musicoterapeutas, líderes educacionais. Foi constatado que a exploração musical, a exploração dos instrumentos musicais e a participação em grupo foram desafios para essas crianças que tinham o comportamento inquieto, sem foco, com dificuldades para interagirem em grupo e com isso desagregavam as atividades. Na medida em que os musicoterapeutas passaram a valorizar os recursos positivos que cada um deles tinham, a motivá-los para uma participação interativa, a inquietação diminuiu e o rótulo de hiperativo foi se diluindo no contexto da família e da sala de aula do jardim de infância.</p>
8	<p>O objetivo deste estudo foi examinar os níveis de estresse e a prática de autocuidado dos estudantes de Musicoterapia.</p>	<p>Participaram do estudo 371 alunos, estudantes de bacharelado, mestrado e doutorado em Musicoterapia. Foram aplicadas a Escala de Estresse Percebido (<i>Perceived Stress Scale - PSS-10</i>), a Escala de Autocuidado Profissional (<i>Professional Self-Care Scale - PSCS</i>) e realizada uma entrevista semiestruturada para a</p>	<p>Os níveis mais elevados de estresse percebido foram associados a menor frequência nas práticas de autocuidado. Foram encontradas correlações mais fracas envolvendo práticas de autocuidado e as interações sociais na vida acadêmica. Por outro lado, as correlações mais fortes foram os estresses percebidos com o tempo reduzido para ter acesso às práticas recreativas, visitar a família, frequentar a academia de ginástica. Outro aspecto estudado foi a correlação entre a</p>

		coleta de dados qualitativa.	autoconsciência dos sentimentos que desencadeiam o estresse e as práticas de autocuidado. Quanto menor o autocuidado, maior o estresse percebido pelos estudantes.
9	O objetivo deste estudo é fazer uma revisão da literatura sobre recentes estudos sobre o processamento musical afim de contribuir com estudos neurocientíficos que podem ser aplicados ao campo da Musicoterapia.	Revisão de literatura. O autor coloca em destaque artigos dos últimos dez anos sobre os efeitos da música no cérebro, os registros fisiológicos e biomarcadores neuroquímico, os efeitos no sistema de recompensa, as alterações no sistema nervoso central e sistema nervoso autônomo, além de aplicações clínicas para distúrbios neurológicos e as evidências da neuroplasticidade registradas em exames de neuroimagens.	Os avanços tecnológicos nos métodos de neurociência prometem oportunidades futuras para pesquisas significativas, particularmente para estudos <i>in situ</i> que exploram a atividade musical durante a intervenção musicoterapêutica. O autor apresenta estudos da Musicoterapia com reabilitação motora, AVE, transtornos afetivos, demências, câncer e cuidados paliativos, transtornos da consciência e transtorno do espectro do autismo.
10	Esta pesquisa apresenta recentes estudos sobre as origens e substratos da musicalidade humana, bem como os atos de ouvir e/ou executar música contribuem para a plasticidade cerebral.	Revisão da Literatura. Os tópicos que compõem este estudo são: as bases evolutivas da musicalidade; neurobiologia da música; música e emoções; dos ouvidos ao cérebro; fala e interações musicais; e as implicações clínicas e o potencial terapêutico da Musicoterapia.	A música é uma experiência humana fundamental que nos acompanha desde os mais remotos tempos da evolução da nossa espécie. Grandes esforços científicos têm sido empregados para compreender a intrincada relação entre cérebro humano e música, e para melhor delinear a estrutura biológica, cognitiva e subjacente à expressão musical nos humanos. Nas últimas décadas estes estudos têm se multiplicado. No entanto, estes estudos começam a compreender os mecanismos cerebrais subjacentes à performance, criação e audição, bem como à capacidade de evocar memórias e emoções. Ainda que muitos conhecimentos venham sendo adquiridos a respeito das atividades cerebrais relacionadas a música, os substratos neurais das respostas emocionais, a neuroquímica da música, os genes envolvidos e o cenário epigenéticos, ainda devem ser mais bem elucidados. Assim, novas

			possibilidades estão em aberto para futuras pesquisas sobre música, cérebro e Musicoterapia.
11	<p>O objetivo deste estudo foi avaliar a viabilidade da intervenção musical <i>Musical Contour Regulation Facilitation</i> (MCRF) ou a Facilitação Regulação de Contorno Musical, para a regulação emocional para pré-escolares.</p>	<p>Este foi um estudo de métodos mistos convergentes com crianças de três a cinco anos neurotípicas frequentadoras de uma creche na região metropolitana de Missouri nos Estados Unidos. O recrutamento foi feito através da distribuição dos convites para os familiares das crianças de duas turmas da pré-escola.</p> <p>Os dados qualitativos foram coletados no pré-teste e pós-teste de grupo único com a ajuda dos familiares e aplicado pelo autor investigador principal (PI) como uma entrevista semiestruturada com termo de consentimento livre esclarecido. Os dados qualitativos foram analisados separadamente. As sessões de intervenção duraram 30 minutos e foram realizadas com teatro de fantoche, com 3 grupos (dois grupos com dois participantes e um grupo com três participantes). Os três grupos receberam a intervenção MCRF. O MCRF é uma intervenção padronizada que inclui doze sessões de 20 minutos, implementadas três vezes por semana durante quatro semanas. As sessões mantiveram uma estrutura, oferecendo experiências musicais e diferenciados estímulos. A intervenção foi facilitada por um</p>	<p>Os professores notaram uma mudança positiva no comportamento das crianças após a intervenção em termos de suas habilidades emocionais e interações com os pares, assim como, creditarem resultados positivos para a importância da Musicoterapia para o desenvolvimento infantil. Constataram através dos questionários que o estudo obteve resultado positivo sobre a regulação emocional das crianças participantes. Os resultados apontam para a necessidade de maior refinamento metodológico do estudo, a fim de obter dados quantitativos que corroborem com os dados qualitativos.</p>

		musicoterapeuta credenciado. Os dados qualitativos ajudaram a explorar as percepções e observações dos professores sobre o benefício da intervenção com relação a integração no ambiente da creche e os dados qualitativos e quantitativos, examinaram as mudanças nas habilidades de regulação emocional das crianças.	
--	--	--	--

Quadro 5 – Objetivo, Metodologia e Principais Resultados

	Centros de Pesquisas dos autores principais	Principais Produções
1	Department of Neonatology, University Hospital Zurich, Frauenklinikstrasse	Music therapy for premature infants and their parents: An integrative review, 2020; Music therapy in neonatal care: a framework for German speaking countries and Switzerland, 2018.
2	Department of Neonatology, University Hospital Zurich, Frauenklinikstrasse	Music therapy for premature infants and their parents: An integrative review, 2020; Music therapy in neonatal care: a framework for German speaking countries and Switzerland, 2018.
3	Centro escolar em Madri, Espanha.	La influencia social de la Musicoterapia en adolescentes en situacion de riesgo y en desamparo social, 2013; Musicoterapia: herramienta facilitadora para el cambio de las relaciones sociales en un centro educativo, 2018.
4	Lesley University, Cambridge, MA, USA.	Family-based music therapy: from dissonance to Harmony, 2015;
5	Universidade de Kansas	Comparison of music stimuli to support mindfulness meditation, 2019; Music Stimuli for Mindfulness Practice: A Replication Study, 2020.
6	Department of Educational Foundations, University of Nigeria, Nsukka, Enugu State,	Effectiveness of music therapy with relaxation technique on stress management as measured by perceived stress scale, 2019; Efficacy of prison-based cognitive behavioral rehabilitation intervention on violent sexual behaviors among sex offenders in Nigerian prisons, 2019.
7	Departament of Psychosocial Science, Faculty of Psychology, University of Bergen, Bergen, Norway.	How Do We Understand Children's Restlessness? A Critique of the Biopsychosocial Model and ADHD as the Dominating Perspective in Current Understanding and Treatment, 2014; In Wonderland: a Phenomenological, Developmental and Self Psychological Analysis

		of a Child's Playful Encounter with a New Reality, 2009.
8	Sam Houston State University, Huntsville, TX, USA.	The Effect of a Music-Movement Intervention on Arousal and Cognitive Flexibility in Older Adults With and Without Mild Neurocognitive Disorder, 2018; Introduction to music therapy practice, 2018.
9	Royal Hospital for Neuro-disability Senior Researcher, Center for Community and Psychiatric Studies Queen Mary University	Book Review: Music Therapy in Palliative Care — New Voices, 2000; Music therapy with disorders of consciousness: current evidence and emergent evidence-based practice, 2015.
10	Institute of Genetics and Biophysics 'Adriano Buzzati Traverso', CNR, Naples, Italy; and Department of Pharmacy, University of Naples Federico II	Epigenetic factors and midbrain dopaminergic neurone development, 1996; Role of the Serotonin Receptor 7 in Brain Plasticity: From Development to Disease, 2020.
11	Frost School of Music, University of Miami	The Systematic Review as a Research Process in Music Therapy, 2014; Music Therapy Advocacy for Professional Recognition: A Historical Perspective and Future Directions, 2015; Parallels and Divergence Between Neuroscience and Humanism: Considerations for the Music Therapist, 2018.

Quadro 6 – Grupos de Pesquisa e Principais Produções.

Tema	Autores
Musicoterapia, Neurociência e Desenvolvimento	HASLBECK, F. B.; BUCHER, H. U.; BASSLER, D.; HAGMANN, C. Creative music therapy to promote brain structure, function, and neurobehavioral outcomes in preterm infants: a randomized controlled pilot trial protocol. Pilot and Feasibility Studies, 3:36, 2017. HASLBECK F.B.; BASSLER D. Music From the Very Beginning—A Neuroscience-Based Framework for Music as Therapy for Preterm Infants and Their Parents. Front. Behav. Neurosci. 12:112, 2018.
Musicoterapia e Educação - Ações Preventivas.	PÉREZ, M. E. Efectos de la Musicoterapia en las relaciones sociales de grupos de adolescentes en un centro educativo, en Revista Electrónica Complutense de Investigación en Educación Musical, 18, 15, 175-191, 2017. NEMESH, B. Implementing Family-Based Musical Interventions in Family Therapy: A Mixed-Methods Research. Contemporary Family Therapy, 40:84–98, 2018. DVORAK, A. L. et al. An Emerging Theoretical Model of Music Therapy Student Development. EGENTI et al. Randomized controlled evaluation of the effect of music therapy with cognitive-behavioral therapy on social anxiety symptoms. Clinical Trial/Experimental Study, Medicine, 98:32, 2019. HELLE-VALLE, A.; BINDER, P.E.; ANDERSEN, N.; STIGE, B. Is restlessness best understood as a process? Reflecting on four boys' restlessness during music therapy in kindergarten,

	<p>International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being, 12: sup1, 1298266, 2017.</p> <p>MOORE, C.; WILHELM, L. A. A Survey of Music Therapy Students' Perceived Stress and Self-Care Practices. Journal of Music Therapy, 56(2), 2019.</p> <p>MOORE, K. S.; ABROMEIT, D. H. Feasibility of the Musical Contour Regulation Facilitation (MCRF) Intervention for Preschooler Emotion Regulation Development: A Mixed Methods Study. Journal of Music Therapy, 1–31, 2018.</p>
Musicoterapia, Neurociência e Educação.	<p>O'KELLY, J. W. Music Therapy and Neuroscience: Opportunities and Challenges. Voices: A World Forum for Music Therapy, 16(2), 2016.</p> <p>PERRONE-CAPANO, C., VOLPICELLI, F., PORZIO, U. Biological bases of human musicality. Rev Neurosci 2017. Apr 1;28(3):235-245. doi: 10.1515/revneuro-2016.</p>

Quadro 7 -Temas e autores dos artigos.

Na temática Musicoterapia, Neurociência e Desenvolvimento, a autora Barbara Friederike Haslbeck e colegas, do Departamento de Neonatologia do Hospital Escola da Universidade de Zurique, na Alemanha, vêm desenvolvendo pesquisas sobre o efeito da Musicoterapia para o neurodesenvolvimento dos bebês prematuros. Essa população é vulnerável e pode apresentar sequelas em várias funções cognitivas. Incluir a rede familiar e oferecer uma estimulação auditiva e afetiva adequadas representa um fator neuroprotetor. Na pesquisa de 2017, a autora avaliou a viabilidade da implementação de um dos protocolos para investigar o potencial de eficácia da intervenção da Musicoterapia Criativa para o desenvolvimento cerebral em bebês prematuros. Em 2018, a pesquisa foi realizada *in situ*, com o objetivo de estimular o vínculo entre pais e bebês e minimizar futuros prejuízos no desenvolvimento desses sujeitos. A ideia desta pesquisadora é replicar estes estudos em outros centros de pesquisa na área.

Na temática Musicoterapia e Educação - Ações Preventivas, foram encontrados sete artigos de diferentes centros. A autora Miren Pérez Eizaguirre, de um Centro Escolar em Madri, na Espanha, vem desenvolvendo pesquisas com Musicoterapia como uma ferramenta facilitadora para trocas nas relações sociais de adolescentes em situação de risco. Para a autora, os grupos apresentaram melhores resultados quanto às habilidades sociais e as sessões de Musicoterapia influenciaram as relações sociais nos grupos de adolescentes selecionados. A autora concluiu que a Musicoterapia é uma estratégia preventiva a ser incluída no contexto educacional para promover a socialização.

A autora, Beth Nemesh, da Universidade de Lesley em Cambridge, nos Estados Unidos, vem desenvolvendo trabalhos com Musicoterapia na capacitação de terapeutas familiares. O abandono de quase metade dos participantes selecionados deveu-se à falta de confiança nas habilidades musicais, consultórios sem tratamento acústico adequado, dificuldade com a seleção de instrumentos de fácil transporte. Contudo, a autora concluiu que o treinamento proposto em seu estudo foi capaz de agregar intervenções musicais criativas como parte das habilidades de um terapeuta familiar em programa de curto prazo.

Abbey L. Dvorak, da Universidade de Kansas, nos Estados Unidos, vem realizando pesquisas sobre a estimulação musical com a técnica de meditação “*Mindfulness*”. Na pesquisa encontrada, Dvorak e colegas concluíram que a teoria resultante é baseada na interpretação, construção e reflexão do aluno sobre o seu desenvolvimento dentro de um contexto sociocultural específico. Para o autor, a autoanálise e a vivência de diferentes experiências musicais que possam reproduzir vários cenários clínicos, irão proporcionar aos estudantes de Musicoterapia, a confiança e a segurança para sua vida profissional futura.

Nkechi T. Egenti, do Departamento de Fundação Educacional na Universidade da Nigéria, vem fazendo pesquisas sobre a reabilitação comportamental cognitiva na prisão por comportamentos sexuais violentos entre agressores sexuais. Além desses estudos, a autora também vem pesquisando sobre a eficiência da Musicoterapia com técnicas de relaxamento para o estresse. Na pesquisa estudada, a autora constatou que a Musicoterapia é uma abordagem significativa capaz de melhorar o bem-estar e a integração social. Para ela, a associação de técnicas da Musicoterapia com técnicas da terapia cognitivo-comportamental podem colaborar para a diminuição de fobias sociais entre adolescentes no contexto escolar.

Anna Helle-Valle, do Departamento de Ciência Psicossocial da Faculdade de Psicologia na Universidade de Bergen na Noruega, vem desenvolvendo trabalhos com crianças diagnosticadas com TDAH ou com inquietação. No artigo encontrado, a autora e colegas constataram que a exploração musical, a exploração dos instrumentos musicais e a participação em grupo foram desafios para as crianças que tinham o comportamento inquieto, sem foco, com dificuldades para interagir em grupo, e com isso desagregavam as atividades. Na medida em que os musicoterapeutas passaram a valorizar os recursos positivos que cada um deles

tinham, a motivá-los para uma participação interativa, a inquietação diminuiu e o rótulo de hiperativo foi se diluindo no contexto da família e da sala de aula do jardim de infância.

Carolyn Moore, da Universidade do Estadual de Sam Houston no Texas, Estados Unidos, vem realizando trabalhos sobre Musicoterapia com pessoas com transtornos neurocognitivos. Na pesquisa encontrada, a autora e colegas, constataram que os níveis mais elevados de estresse percebido foram associados à menor frequência nas práticas de autocuidado dos alunos. Para ela, as correlações mais fortes foram os estresses percebidos com o tempo reduzido para ter acesso às práticas recreativas, visitar a família, frequentar a academia de ginástica. Outro aspecto estudado, para a autora, foi a correlação entre a autoconsciência dos sentimentos que desencadeiam o estresse e as práticas de autocuidado. Concluiu que quanto menor o autocuidado, maior o estresse percebido pelos estudantes.

Kimberly Sena Moore, da *Frost School of Music*, Universidade de Miami nos Estados Unidos, vem desenvolvendo trabalhos sobre o campo da Musicoterapia e o reconhecimento do profissional musicoterapeuta, e pesquisas sobre neurociência e Musicoterapia. No artigo encontrado, a autora e colegas, constataram que os professores notaram uma mudança positiva no comportamento das crianças após a intervenção em termos de suas habilidades emocionais e interações com os pares, assim como creditaram resultados positivos para a importância da Musicoterapia para o desenvolvimento infantil. Constataram, também, através dos questionários aplicados, que foram obtidos resultados positivos sobre a regulação emocional das crianças participantes. Para ela, os resultados apontam para a necessidade de maior refinamento metodológico do estudo, a fim de obter dados quantitativos que corroborem com os dados qualitativos.

Na temática Musicoterapia, Neurociência e Educação, o autor, Julian O' Kelly, pesquisador Sênior do Royal Hospital de Neurodeficiência no Centro de Estudos Comunitários e Psiquiátricos na Universidade de Queen Mary, em Londres, Reino Unido, vem realizando trabalhos sobre Musicoterapia em cuidados paliativos e Musicoterapia e práticas emergentes baseadas em evidências. Na pesquisa encontrada, o autor constata que os avanços tecnológicos nos métodos de neurociência prometem oportunidades futuras para pesquisas significativas, particularmente para estudos *in situ* que exploram a atividade musical durante a

intervenção musicoterapêutica. O autor apresenta estudos da Musicoterapia com reabilitação motora, Acidente Vascular Encefálicos, transtornos afetivos, demências, câncer e cuidados paliativos, transtornos da consciência e Transtorno do Espectro Autista.

Carla Perrone-Capano, do Instituto de Genética e Biofísica Adriano Buzzati Traverso, em Nápoles, Itália, vem desenvolvendo trabalhos sobre fatores epigenéticos e desenvolvimento de neurônios dopaminérgicos do mesencéfalo, e sobre o papel do receptor de serotonina do tipo sete na plasticidade cerebral. No artigo estudado, para a autora e colegas, grandes esforços científicos têm sido empregados para compreender a intrincada relação entre cérebro humano e música, e para melhor delinear a estrutura biológica, cognitiva da expressão musical nos humanos. Nas últimas décadas, esses estudos têm se multiplicado. No entanto, para a autora, esses estudos começam a compreender os mecanismos cerebrais subjacentes à performance, criação e audição, bem como à capacidade de evocar memórias e emoções. Segundo a autora, ainda que muitos conhecimentos venham sendo adquiridos a respeito das atividades cerebrais relacionadas à música, os substratos neurais das respostas emocionais, a neuroquímica da música, os genes envolvidos e o cenário epigenético, ainda devem ser mais bem elucidados. Portanto, conclui que novas possibilidades estão em aberto para futuras pesquisas sobre música, cérebro e Musicoterapia.

4.3.1 Reflexões

Como se expressam as relações entre a Musicoterapia, a Educação e a Neurociência? Os descritores utilizados: “musicoterapia”, “educação” e “neurociência” em português e inglês, para a busca nos bancos de dados, não responderam diretamente à pergunta norteadora. No entanto, a revisão evidenciou-se rica em conteúdo e possibilidades. Como temas que expressam essa relação, citam-se: Musicoterapia, Neurociência e Desenvolvimento; Musicoterapia e Educação - Ações Preventivas e Musicoterapia, Neurociência e Educação. Pode-se dizer que as pesquisas na área de Neonatologia e Neurodesenvolvimento já criaram pontes entre métodos da Neurociência e marcadores fisiológicos, apontando evidências relacionadas à Musicoterapia, como uma melhor saturação de oxigênio, estabilidade de batimentos cardíacos, vínculo estabelecido entre bebês prematuros e seus pais,

melhor neuroproteção auditiva e, conseqüentemente, melhor desenvolvimento cerebral. A maioria dos estudos encontrados foram empíricos com dados qualitativos e os resultados destacam a Musicoterapia como uma estratégia pertinente para ser agregada ao contexto escolar, pelos benefícios cognitivos e sociais para os educandos, professores e a comunidade em que se insere. As duas revisões de literatura de Julian O'Kelly (2016) e Carla Perrone-Capano, et. al. (2017), apresentam muitos estudos que vêm sendo realizados sobre música e neurociência e destacam as oportunidades que esses estudos trazem para aplicações clínicas no campo da Musicoterapia.

Percebe-se uma variedade de periódicos com artigos de Musicoterapia adotando abordagens diferenciadas e apresentando diferentes resultados. Assim, as relações entre Musicoterapia, Educação e Neurociência começam a ser delineadas e ganharão consistência com futuras pesquisas neste campo, inclusive com pesquisas mistas, quantitativas e qualitativas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi o de investigar o desenvolvimento do campo da Musicoterapia e suas relações com a Educação. A intenção foi tecer conexões entre passado, presente e futuro, a fim de projetar novas perspectivas para pesquisas acadêmicas nesta área. Com o intuito de percorrer o desenvolvimento do campo da Musicoterapia, a partir de um ponto de vista narrativo, foram coletadas as primeiras publicações científicas a partir do quando, como e onde aconteceram no mundo, assim como o aparecimento das abordagens, técnicas e métodos de Musicoterapia.

A partir das novas pedagogias da educação musical do século XX, foi possível pensar numa educação inclusiva e, como já foi colocado anteriormente, a Musicoterapia brasileira contou com educadoras musicais para este novo campo de conhecimento interdisciplinar - a Musicoterapia. Esta ciência está em desenvolvimento, ampliando seus contextos de atuação, não somente na área da saúde, como também na área de atuação Comunitário-Social e Educativa, tanto no ensino regular, quanto no especial e na educação informal.

Para identificar diferentes perspectivas teóricas da Musicoterapia e suas propostas educativas, a revisão de escopo resultou em pesquisas recentes sobre Musicoterapia

e Educação. Essas pesquisas apontam para a integração do musicoterapeuta no contexto educacional e a utilização de novas abordagens com tecnologias interativas que resultam no engajamento de alunos e a promoção de interações e novos aprendizados.

As perspectivas teóricas do campo da Musicoterapia para a Educação são promissoras, contudo, carecem de mais pesquisas e publicações. A perspectiva teórica mais presente nos estudos investigados foi a de Adessi e Bonfiglioli (2017) com a aplicação de recursos tecnológicos interativos que aportam resultados expressivos para aprendizagem. Os artigos encontrados apontam para uma variedade de propostas educativas enriquecedoras, mas é possível identificar uma lacuna de pesquisas quantitativas que apontem evidências estatísticas e pesquisas qualitativas com desenhos metodológicos melhor delineados. Essas limitações, contudo, não subtraem o valor dos resultados que as pesquisas estudadas trouxeram para o campo da Educação.

Ainda quanto às diferentes perspectivas teóricas da Musicoterapia e suas propostas educativas, observa-se a necessidade de melhor fundamentação teórica das práticas educativas a partir da Musicoterapia, no sentido também de salvaguardar o campo de atuação do musicoterapeuta, visto que a falta das bases teóricas enfraquece o campo do conhecimento, possibilitando que outros exerçam a prática sem fundamentação teórica consistente que norteie o fazer musicoterapêutico.

Quanto às relações entre Musicoterapia, Educação e Neurociência, os estudos sobre processamento musical já comprovam que o ensino e aprendizagem da música aporta ganhos cognitivos expressivos das funções executivas, como planejamento, pensamento lógico, nos diferentes tipos de memória, no sistema de recompensa e prazer, na regulação das emoções, entre outros.

É neste contexto histórico, social, cultural, que as ações musicoterapêuticas se fazem e que as relações entre a Educação, Musicoterapia e Neurociência acontecem. Observa-se que as relações entre esses campos ainda são incipientes, sendo possível verificar a sua presença sobretudo na educação preventiva e nos estudos sobre desenvolvimento a partir dos avanços da neurociência.

6. REFERÊNCIAS

- ADDESSI, A. R.; BONFIGLIOLI, L. Interação reflexiva como paradigma transversal para a criatividade, educação musical e musicoterapia. **ORFEU**, p. 175 de 199, v.2, n.2, dez. de 2017. Acesso em: 21/06/2020. Disponível em: <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530402022017175/7502>
- AIGEN, K. **The Study of Music Therapy Current Issues and Concepts**. In: An Overview of Current Music Therapy Frameworks. Routledge, 2014.
- ALMEIDA, A. V. & FALCÃO, J. T. R. Piaget e as Teorias da Evolução Orgânica. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, 21(3), 525-532, 2008. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/a4d4/3f9707847ff306359051e61cdfe117569cc5.pdf> Acesso em: 05/08/2020.
- AMARAL, J, H. A Educação no "Século do Cérebro": análise de interlocução entre Neurociências e Educação a partir dos Estudos da Ciência. Tese de Doutorado UFRJ. 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/147797/001000598.pdf?sequence=1> Acesso em 10/08/2020.
- AMERICAN MUSIC THERAPY ASSOCIATION (AMTA). Disponível em: www.musictherapy.org. Acesso em: 07/03/2021.
- AMORIM, K. P.; BEDAQUE, H. P. A Percepção dos Estudantes de Medicina sobre a Influência do Mediarte na Educação Médica. **Rev. bras. educ. med.** [online]. 2018, vol.42, n.2, pp.54-62. ISSN 1981-5271. <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v42n2rb20170027>.
- ARNDT, A. D.; CUNHA, R.; VOLPI, S. B. Aspectos da prática musicoterapêutica: contexto social e comunitário em perspectiva. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 387-395, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-03102016v28n2p387>. Acesso em: 07/05/2021
- ARNDT, A.; MAHEIRIE, K. Musicoterapia: dos fazeres biomédicos aos saberes sociocomunitários. **Rev. Polis e Psique**, 9(1): 54 – 71, 2019.
- ARNDT, A. D; MAHEIRIEK. Musicoterapia Social e Comunitária: ações coletivas em pauta. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 15(2), São João del-Rei, abril-junho de 2020.
- ARKSEY, H. O'MALLEY'S, L. Scopping studies: towards a methological framework. *Int j soc res methodol*. Edição n 8, 2005. Acesso em: 07/01/2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1364557032000119616>
- ARMSTRONG, S. N.; RICARD R. J. INTEGRATING Rap Music Into Counseling With Adolescents in a Disciplinary Alternative Education Program. **Journal of creativity in mental health**, VOL. 11, NOS. 3–4, 423–435. Texas, USA, 2016. <http://dx.doi.org/10.1080/15401383.2016.1214656>.
- ARMSTRONG, R; HALL, B. "Scoping the scope" of a cochrane rewview, *Journal of Public Health*, Volume 33, Issue 1, p. 147-150, 2011.
- BARCELLOS, L.R. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Ano 1, nº2, 1996. Acessado em 10/12/2019. Disponível em: <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/12/2-Defini%C3%A7%C3%A3o-de-Musicoterapia.pdf>. Acesso em: 30/01/2020.
- BARCELLOS, L. R. **Quaternos de musicoterapia de coda**. Barcelona Publishers, 2016.

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**, de 1977, (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.), Lisboa: Edições 70, 2006.
- BOCKMAIER, Claus. Musikgeschichte und musiktherapie. **Einige grundlinien und zusammenhänge.anuario musical**, N.º 63, enero-diciembre, 181-202, 2008.
- BRANDALISE, André. **Musicoterapia músico-centrada**. Apontamentos Editora, São Paulo, 2001a.
- BRANDALISE, André. Paul Nordoff, os dedos de Paul Nordoff e o músico-centramento. **Anais Associação de Musicoterapia do Paraná**. p. 138. 2001b. Acesso em: 23/05/2020. Disponível em: https://055b1521-9fff-46a1-87d7-f732367761b7.filesusr.com/ugd/4d3564_f186081432cd46539758c515dfe870d4.pdf
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>
- BRASIL, Decreto nº 72.425, de 3 de Julho de 1973. Cria o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), e da outras providências.
- BRASIL.[Constituição (1988)] Constituição da República Federativa do Brasil : texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo nº 186/2008. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. p.496. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf
- BRASIL, Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao Ministro da Educação em 07 de janeiro de 2008. Disponível em: <https://inclusaoja.files.wordpress.com/2019/09/polc3adtica-nacional-de-educacao-especial-1994.pdf>
- BRUSCIA, K. E. Definindo Musicoterapia. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CAPANO, C. P.; Volpicelli, F.; PORZIO, U. Biological bases of human musicalityThe musical brain. **De Gruyter**, Rev. Neurosci. 2017. Acesso em: 07/09/2020. Disponível em: DOI 10.1515/revneuro-2016-0046
- CHAO-FERNÁNDEZ, R.; GISBERT-CAUDELI, V.; VÁZQUEZ-SÁNCHEZ, RUBÉN. Emotional Training and Modification of Disruptive Behaviors through Computer-Game-Based Music Therapy in Secondary Education. **Appl. Sci.** 2020. Acesso em:21/06/2020. Disponível em:doi:10.3390/app10051796
- CHAGAS, M.; PEDRO, R. **Musicoterapia: desafios entre a Modernidade e a Contemporaneidade. Como sofrem os híbridos e como se divertem**. Rio de Janeiro: Mauad X: Bapera, 2008.
- COOMBES, E.; Betwixt and between: Considering liminality and rites of passage in the context of music therapy in a specialist further education college.**The Arts in Psychotherapy**, 2019. Acesso em: 21/06/2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.aip.2019.101610>
- CROPPER, K.; GODSAL, J. Therapeutic communities: the international journal of therapeutic communities j vol. 37 no. 1, pp. 12-17, 2016. Acesso em: 21/06/2020. Disponível em: DOI 10.1108/TC-07-2014-0026

- COHNEN, S.; KARMACK, T. MERMELSTEIN, R. A global measure of perceived stress. *J Health Soc Behav.* 24(4), p. 385-96, 1983.
- CORREIA, Cleo M.F.; MUSZKAT, Mauro; VICENZO, Neyde S. D.; & CAMPOS, Carlos José R. D. Lateralização das funções musicais na epilepsia parcial. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, 1998. Acesso em: 23/10/2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0004-282X1998000500008>.
- COSTA, A. B.; ZOLTOWSKI, A. P. C. Como escrever um artigo de revisão sistemática. In: **Manual de produção científica**. KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P. P.; HOHENDORFF, J. V. Editora: Penso, 2014.
- CUERVO, L. ROSAT, R. M. Abordagem interdisciplinar entre Música e Neurociências: estratégias de fomento e inserção curricular no ensino superior. **Orfeu**, v.3, n.1, julho de 2018, p 173-196. Acesso em: 05/08/2020. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530403012018172>
- CUNHA, R; VOLPI, S. A prática da musicoterapia em diferentes áreas de atuação. **Revista Científica – FAP**. Curitiba, v.3, p.85-97, jan./dez. 2008. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1627/966>. Acesso em: 11/10/19.
- CUNHA, J. C. R. Da Abordagem Orff-Schulwerk ao desenvolvimento do 'Eu Musical': Flow em processos de Ensino/Aprendizagem de Educação Musical. **Universidade de Aveiro. Departamento de Comunicação e Arte**, 2013. Acesso em: 25/05/2020. Disponível em: <file:///C:/Users/mtfer/Documents/UFPR%202020/03%20CAPITULO%20I%202020/N%20MUNDO/ORFF%20MUSIC%20THERAPY.pdf>
- CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3ª edição, Porto Alegre: penso, 2014.
- DAVIS, W. B. Ira Maximilian Altshuler: psychiatrist and pioneer music therapist. **Journal Music Therapy**. Vol. 40, nº 3, 2003.
- DAVIS, W. B.; ELSE, B. Music Therapy with Service Member and Veterans. **Music ans War in the United States**. Edited by Sarah Mahler Kraaz. 2018. Acesso em 24/09/2019. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=TAF-DwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>
- DEL BARRIO, L.; SABBATELLA, P. L.; BROTONS, M. M. Musicoterapia en Educación: un proyecto de innovación orientado a la inclusión del alumnado con necesidades educativas especiales. **Revista Música Hodie**, v.19: e51723, 2019.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA - **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994. Acesso em: 14/02/2021. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>
- DROSSINO-KOREA, M.; FRAGKOULI. A. Emotional readiness and music therapeutic activities. **Journal of Research in Special Educational Needs**, Vol. 16, N 1. Acesso em: 21/06/2020. Disponível em: doi: 10.1111/1471-3802.12305
- DVORAK, A. L.; HERNANDEZ-RUIZ, E.; JANG, S.; KIM, B. JOSEPH, M.; WELLS, K. E. An Emerging Theoretical Model of Music Therapy Student Development. **Journal of Music Therapy**, 1–32, 2017. Acesso em: 21/06/2020. Disponível em: doi:10.1093/jmt/thx005
- DVORAK, A. L.; HERNANDEZ-RUIZ, E. Outcomes of a Course-based Undergraduate Research Experience (CURE) for Music Therapy and Music Education Students. **Journal of Music Therapy**, 30–60 ,56(1), 2019. Acesso em: 21/06/2020. Disponível em: doi:10.1093/jmt/thy020

EGENTI et al. Randomized controlled evaluation of the effect of music therapy with cognitive-behavioral therapy on social anxiety symptoms. **Clinical Trial/Experimental Study, Medicine**, 98:32, 2019. Acesso em: 07/09/2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1097/MD.00000000000016495>

EREN, B.; GUL, G. The use of Orff-based music activities for educational and therapeutic purposes with disadvantaged group of Romani children. *Academic Journals.Educational Research and Reviews*. Vol. 12(22), pp. 1062-1073, 23 November, 2017.

EREN, B. Profiles of the Most Preferred and the Most Effective Music Therapy Approaches being Utilized with Children with Autism Spectrum Disorders According to the Opinions of Music Therapists in the U.S. **Journal of Education and Practice**. Vol.8, No.20, 2017. Acesso em:21/06/2020. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED577837.pdf>

FAULKNER, S. Rhythm2Recovery: A Model of Practice Combining Rhythmic Music with Cognitive Reflection for Social and Emotional Health within Trauma Recovery. Australian and New Zealand **Journal of Family Therapy**, 38, 627–636. 2017. doi: 10.1002/anzf.1268.

FIGUEIREDO, V. L. S. **A relação entre as preferências musicais e a personalidade, ajustamento emocional e estados de humor em estudantes universitários**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Escola de Psicologia e Ciências da Vida e 2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde. Lisboa, 2015. Acesso em: 21/06/2020. Disponível em: <https://recil.grupolusofona.pt/bitstream/10437/6873/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20-%20Vera%20Figueiredo%20-%20Psicologia%20Clinica%20e%20da%20Sa%C3%BAde.pdf>

GODOY, A. D. **Além do Musicoterapeuta: Um estudo sobre a identidade do Musicoterapeuta e seu reconhecimento, fundamentado no sintagma identidade-metamorfose-emancipação. Mestrado em Psicologia Social**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/17100/1/Diego%20Azevedo%20Godoy.pdf> . Acesso em:28/02/2020.

GOUK, P. An Enlightenment proposal for music therapy: Richard Brocklesby on music, spirit, and the passions. **Brocklesby on music, spirit, and the passions**. Cap. 9, p, 159-185, 2015.

GRAHAM, M. E. Between Pre-Objectivity and Objectivity: A Phenomenological Study of Nordoff-Robbins Music Therapists' Experiences of Healing in MusicA thesis submitted to the Faculty of Graduate and Postdoctoral Affairs in partial fulfillment of the requirements for the degree of Master of Arts In Anthropology. Carleton University Ottawa, Ontario, 2013. Acesso em:07/01/2021. Disponível em: https://curve.carleton.ca/system/files/etd/e2d7b0c4-dd4f-4179-a2d4-219af70ec331/etd_pdf/f0d80ed3d9ef44819c2afc55ef106c03/graham-betweenpreobjectivityandobjectivityaphenomenological.pdf

HASLBECK, F. B.; BUCHER, H. U.; BASSLER, D.; HAGMANN, C. Creative music therapy to promote brain structure, function, and neurobehavioral outcomes in preterm infants: a randomized controlled pilot trial protocol. **Pilot and Feasibility Studies**, 3:36, 2017. Acesso em:21/06/2020. Disponível em: DOI 10.1186/s40814-017-0180-5 HASLBECK F.B.; BASSLER D. Music From the Very Beginning—A Neuroscience-Based Framework for Music as Therapy for Preterm Infants and Their Parents. **Front.**

- Behav. Neurosci.** 12:112, 2018. Acesso em: 07/09/2020. Disponível em:doi: 10.3389/fnbeh.2018.00112
- HELLE-VALLE, A.; BINDER, P.E.; ANDERSEN, N.; STIGE, B. Is restlessness best understood as a process? Reflecting on four boys' restlessness during music therapy in kindergarten, **International Journal of Qualitative Studies on Health and Well-being**, 12: sup1, 1298266, 2017. Acesso em: 07/09/2020. Disponível em: DOI: 10.1080/17482631.2017.1298266
- HOHENDORFF, J. V. Como escrever um artigo de revisão de literatura. In: **Manual de produção científica**. KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P. P.; HOHENDORFF, J. V. Editora: Penso, 2014.
- KIM, E. J.; Eun Jeong LEE, E. J.; LEE, C.W.; CHOI Y. S. Development and Evaluation of a Hospice and Palliative Care Music Therapy Education Program. **Korean J Hosp Palliat Care**, March;23(1):17-26, 2020. Acesso em:21/06/2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14475/kjhpc.2020.23.1.17>
- KIM, E. J. et. al. Development and Evaluation of a Hospice and Palliative Care Music Therapy Education Program. **The Korean Journal of Hospice and Palliative Care** 23(1):17-26, 2020. Acesso em: 26/06/2019. Disponível: 10.14475/kjhpc.2020.23.1.17
- KOELSCH, S. Investigating the Neural Encoding of Emotion with Music. **Neuron** 98, June 27, 2018. Música e Cérebro. Investigating the Neural Encoding of Emotion with Music. **Neuron** 98, June 27, 2018.
- KOLLER, S. H. et al. **Manual de Produção Científica**. Editora Penso. 2014
- LEINIG, Clotilde E. **Tratado de musicoterapia**. 1. ed. São Paulo: Sobral Editora Técnica Artesgráficas Ltda, 1977.
- LEVAC, D.; COLQUHOUN, H.; O'BRIEN, KK. Scoping studies: advancing the methodology. *Implement sci*, 5(1), 2010. Acesso em 07/01/2021. Disponível em: <https://implementationscience.biomedcentral.com/articles/10.1186/1748-5908-5-69>
- LIU, Yueqiao. RESEARCH ON MENTAL HEALTH INTERVENTION OF COLLEGE STUDENTS BASED ON MUSIC THERAPY. **Rev. Bras. Med. Esporte**. Vol. 27, Special Issue, Jan/Feb/Mar, 2021.
- LOUREIRO, C. M. V. **Musicoterapia na educação musical especial de portadores de atraso do desenvolvimento leve e moderado na rede regular de ensino**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/GMMA-7Y4GZJ>
- MCFERRAN, K. S.; CROOKE, A. H. D.; BOLGER, L. Promoting engagement in school through tailored music programs. **International Journal of Education & the Arts**, 18(3), 2017. Acesso em:21/06/2020. Disponível em: <http://www.ijea.org/v18n3/>.
- MOORE, C.; WILHELM, L. A. A Survey of Music Therapy Students' Perceived Stress and Self-Care Practices. **Journal of Music Therapy**, 56(2), 2019. Acesso em:21/06/2020. Disponível em: doi:10.1093/jmt/thz003
- MOORE, K. S.; ABROMEIT, D. H. Feasibility of the Musical Contour Regulation Facilitation (MCRF) Intervention for Preschooler Emotion Regulation Development: A Mixed Methods Study. **Journal of Music Therapy**, 1–31, 2018. Acesso em: 07/09/2020. Disponível em: doi:10.1093/jmt/thy014
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- MOREIRA, S. V.; ALCÂNTARA-SILVA, T. R. M.; SILVA, D. J.; MOREIRA, M. Neuromusicoterapia no Brasil: Aspectos terapêuticos na reabilitação neurológica. **Revista Brasileira de Musicoterapia**. Curitiba: UBAM, nº 12, p. 18~26. 2012. Acesso em: 03/02/2021. Disponível em:

- <https://iniciacaocientifica.unespar.edu.br/index.php/eaic/EaIC/paper/viewFile/3117/904>
- MUSZKAT, M.; CORREIA, C.M.F. & CAMPOS, S.M. Música e Neurociências. **Rev. Neurociências**, 8(2): 70-75, 2000. Acesso em: 23/10/2019. disponível em: <http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/2000/RN%2008%2002/Pages%20from%20RN%2008%2002-7.pdf>
- NASCIMENTO, L. C. S.; BEGGIATO, S. M. O. Evasão escolar na graduação em Musicoterapia da Universidade Estadual do Paraná. **Educ. Form.**, Fortaleza, v. 5, n. 3, e2080, set./dez. 2020. Acesso em 01/003/2021. Disponível em: <https://doi.org/10.25053/redufor.v5i15set/dez.2080>
- NASCIMENTO, Sandra Rocha do. A escuta diferenciada das dificuldades de aprendizagem: [manuscrito]: um pensarsentiragir integral mediado pela musicoterapia. Tese (Doutorado)- Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, 2010.
- NEMESH, B. Implementing Family-Based Musical Interventions in Family Therapy: A Mixed-Methods Research. **Contemporary Family Therapy**, 40:84–98, 2018. Acesso em:21/06/2020. Disponível em:<https://doi.org/10.1007/s10591-017-9453-7>
- MCLAUGHLIN, J. S. et al. CURE Using Cell Culture–Based Research Enhances Career-Ready Skills in Undergraduates. *Scholarship and Practice of Undergraduate Research*; Washington Vol. 4, Ed. 2, p.49-61, 2020 DOI:10.18833/spur/4/2/15
- OLIVEIRA, M. K. Vygotsky: **Aprendizado e Desenvolvimento um Processo Sócio-Histórico**. Scipione ed. São Paulo: 2003.
- OLIVEIRA, E. M.; STOLTZ, T. Teatro na escola: considerações a partir de Vygotsky. *Educar*, Curitiba, n. 36, p. 77-93, **Editora UFPR**, 2010.
- O'KELLY, J. W. Music Therapy and Neuroscience: Opportunities and Challenges. **Voices: A World Forum for Music Therapy**, 16(2), 2016. Acesso em: 07/09/2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15845/voices.v16i2.872>
- OSMANOĞLU, D. E.; YILMAZ, H. The Effect of Classical Music on Anxiety and Well-Being of University Students. *International Education Studies*; Vol. 12, No. 11; 2019. Acesso em:21/06/2020. Disponível em: doi:10.5539/ies.v12n11p18
- PÉREZ, M. Efectos de la Musicoterapia en las relaciones sociales de grupos de adolescentes en un centro educativo, en **Revista Electrónica Complutense de Investigación en Educación Musical**, 18, 15, 175-191, 2017. Acesso em: 21/06/2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5209/RECIEM.53627>
- PERRONE-CAPANO, C., VOLPICELLI, F., PORZIO, U. Biological bases of human musicality. *Rev Neurosci* 2017. Apr 1;28(3):235-245. doi: 10.1515/revneuro-2016-0046. Disponível em: 10.1515/revneuro-2016-0046. Acesso em: 04/01/2021.
- PERETZ, I. & ZATORRE, R.J. Brain Organization for music processing. *Annual Review of Psychology*, v. 56, p. 89-114, 2004.
- PIAGET, J. (1973). *The child and reality: Problems of genetic psychology*. 1973.
- PODOLSKY, E. **Music therapy**. Philosophical Library, 1954.
- PFEIFFER, Camila F. ZAMANI, Cristina. **Explorando el cerebro musical: musicoterapia, música y neurociencias**. Editorial Kier, 2017.
- RESCHKE-HERNANDEZ, A. E. (2011). History of Music Therapy Treatment Interventions for Children with Autism. **Journal of Music Therapy**, 48(2), 169–207. doi:10.1093/jmt/48.2.169
- RIZZO, S. C., FERNANDEZ, E.: neurociência e os benefícios da música para o desenvolvimento cerebral e a educação escolar. **Revista de Pós-Graduação**